

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Programa de Pós-graduação em Estudos do Lazer

Mariana Soares Ferraz Malta

**ENCANTAMENTOS E ENCRUZILHADAS NA EDUCAÇÃO: olhares para o
cotidiano de uma escola pública de tempo integral no município de Belo Horizonte/MG**

Belo Horizonte
2024

Mariana Soares Ferraz Malta

ENCANTAMENTOS E ENCRUZILHADAS NA EDUCAÇÃO: olhares para o cotidiano de uma escola pública de tempo integral no município de Belo Horizonte/MG

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Estudos do Lazer.

Linha de Pesquisa: identidade, sociabilidades e práticas de lazer

Orientador: Prof. Dr. José Alfredo Oliveira Debortoli

Belo Horizonte

2024

M261e Malta, Mariana Soares Ferraz
2024 Encantamentos e encruzilhadas na educação: olhares para o cotidiano de uma escola pública de tempo integral no município de Belo Horizonte/MG. [manuscrito] / Mariana Soares Ferraz Malta – 2024.
123f. : il.

Orientador: José Alfredo Oliveira Debortoli

Doutorado (tese) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 114-116

1. Lazer e educação - Teses. 2. Escola pública – Teses. 3. Atividades cotidianas – Teses. I. Debortoli, José Alfredo Oliveira. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Iris da Silva. CRB6 2283.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
EEFFTO - COLEGIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LAZER - SECRETARIA
ATA DA 106ª DEFESA DE TESE DE DOUTORADO
MARIANA SOARES FERRAZ MALTA

Às 14:00 horas do dia 27 de novembro de 2024, no Mini-Auditório, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais - EEFFTO/UFMG a Comissão Examinadora de Tese, indicada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer para julgar, em exame final, o trabalho "ENCANTAMENTOS E ENCRUZILHADAS NA EDUCAÇÃO: olhares para o cotidiano de uma escola pública de tempo integral no município de Belo Horizonte/MG", requisito final para a obtenção do Grau de Doutora em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Dr. José Alfredo Oliveira Debortoli, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para a candidata, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos(as) examinadores(as), com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Membros da Banca Examinadora	Aprovada	Reprovada
Prof. Dr. José Alfredo Oliveira Debortoli (Orientador)	X	
Prof. Dr. Admir Soares de Almeida Junior (UFMG)	X	
Profa. Dra. Cristiane Miryam Drumond de Brito(UFMG)	X	
Prof. Dr. Luciano Silveira Coelho (UEMG)	X	
Profa. Dra. Marcília de Sousa Silva (UFV)	X	

Após as indicações a candidata foi considerada:

O **resultado final** foi comunicado publicamente, para a candidata pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar o Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente **ATA** que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 27 de novembro de 2024.

Assinatura dos membros da banca examinadora:

Prof. Dr. José Alfredo Oliveira Debortoli (orientador)

Prof. Dr. Admir Soares de Almeida Junior (UFMG)

Profa. Dra. Cristiane Miryam Drumond de Brito(UFMG)

Prof. Dr. Luciano Silveira Coelho (UEMG)

Profa. Dra. Marcília de Sousa Silva (UFV)

AGRADECIMENTOS

Sobrevivemos a um dos períodos mais difíceis que vivemos: a pandemia.

Agradeço a Deus, acima de tudo por ter me dado força e paciência para terminar. Em muitos momentos pensei que não iria dar conta. Mas, Ele me fortaleceu.

A todos os professores e professoras de escolas públicas desse país, extremamente desvalorizados em seu fazer diário na escola. Profissionais da educação que precisam trabalhar em duas, até três escolas para ter o mínimo de valor financeiro digno para sobreviver. Principalmente, às mulheres professoras que são mães e tem todo o seu tempo para o trabalho, abrindo mão muitas vezes da própria educação do seu filho para educar os filhos que estão na escola.

A todos os professores, funcionários, coordenação e direção, amigos e amigas da escola Antônio Sales Barbosa, a escola que trabalho e aprendo todos os dias a ser professora. Toda a minha gratidão a cada um de vocês que me ajudaram nesses 4 anos. Ao Walber, meu amigo e parceiro da Educação Física, pela ajuda de sempre. À diretora Sandra, ao vice-diretor Rômulo, aos coordenadores Giovana e Gustavo pela compreensão e apoio incondicional em tudo o que precisei. Toda minha gratidão a vocês!

Aos colegas da escola Honorina Giannetti, em Rio Acima, ao diretor da escola, Ticiano, à coordenadora Ana Paula, o meu muito obrigada pelo apoio nesses 4 anos. Em especial, para as minhas amigas do Cafofo pelo apoio nos momentos mais difíceis e nos momentos de alegria também: Priscila, Ana Luiza, Dani, Lúcia Júlia, Ana Paula e Jack. Amo vocês!

Às professoras e professores, aos estudantes, funcionários, coordenação e direção da Escola do Encantamento, toda minha gratidão. À direção pelo apoio desde o início do estudo. Sem vocês essa pesquisa não seria possível. Em especial, aos professores do coletivo A pela disponibilidade em me ajudar em tudo o que precisei. Minha gratidão!

Às amigas de uma vida inteira: Dani, Dani Prima, Net, Chris, Luli, Silvana, Martinha e Marcela por serem testemunhas de cada momento da minha vida. Como eu sou feliz por ter vocês comigo.

Às pastorais da Paróquia São Vicente de Paulo: Educação e Acolhida por me ajudarem nesses 4 anos.

Às primas amigas: Cris, Laisa, Cássia, Camila, Nem, Carol, Karen, Bea, Bárbara e Graça, obrigada por tudo.

À Grazi, a amiga que o crossfit me deu. Obrigada por compartilhar a vida contigo.

Às amigas disfruts: Júnia, Vivi, Marga, Ana Paula, Milena.

Às famílias Ferraz e Malta por todo apoio, sempre. Em especial, tio Du, tia Erci, tia Lourdinha e Luciana, por me ajudarem com minha mãe, em todos os momentos. Sem palavras para expressar minha gratidão. Amo vocês!

Ao Gleison, por compartilhar comigo e me ajudar nos momentos mais difíceis desses últimos 3 anos. Minha gratidão!

E por último e não menos importante, a você, Zé Alfredo, meu orientador que se tornou amigo. É muito bom compartilhar esses anos ao seu lado. Obrigada por ser luz em meio à escuridão e brisa em meio à tempestade. Obrigada por me ensinar a ser gente grande.

RESUMO

Esta tese buscou conhecer a Escola do Encantamento (nome fictício) através das experiências vividas em seu cotidiano escolar. Inspirada pela pedagogia desenvolvida na Escola da Ponte, em Portugal, o corpo docente junto com a comunidade escolar transformaram a organização e a estrutura da escola. A sala de aula foi transformada no salão do conhecimento. O tempo é experimentado de outras formas. O estudante está no centro das ações educativas. Autonomia e Liberdade são palavras presentes no projeto Político Pedagógico. Nos propusemos, então a compreender em que medida a Escola do Encantamento ao fazer um movimento de construção pedagógica inovadora, se expressa como possibilidade de uma “pedagogia outra” no seu cotidiano escolar, e quais as contribuições que o olhar do lazer poderia nos trazer para essa compreensão. Como objetivos específicos, buscamos conhecer as “aprendizagens outras” que acontecem com e entre os estudantes. Durante 15 meses, “mergulhamos” dentro da rotina da escola, na procura da construção cotidiana de sentidos de vida que acontecem neste lugar pelos sujeitos viventes das experiências. Optamos por acompanhar os estudantes do 9º ano que compunham o coletivo A. Para atender aos objetivos da investigação, a cartografia, nesse contexto, se apresentou como um método potente de investigação, pois nos ajudou na ideia de uma pesquisa que foi se fazendo ao longo do processo. Percebemos que para o entendimento desse contexto para além do acompanhamento da rotina diária, precisávamos escutar os sujeitos. Escolhemos realizar rodas de conversa com os estudantes do 9º ano. Um outro recurso metodológico que nos levaria a conhecer a escola através dos olhares deles. Conversamos também, com a coordenadora, diretora, duas mães/professoras, uma educadora de vivência e fizemos um questionário para os pais/responsáveis. A conversa com os sujeitos envolvidos no processo escolar nos trouxe informações importantes sobre a relação que eles estabelecem com a escola, a proposta que a escola traz e o que acontece na prática. O resultado da tese nos fala sobre uma escola complexa devido a sua estrutura e organização dos tempos e espaços. Uma escola que busca um ensino baseado na autonomia, liberdade e responsabilidade dos estudantes; uma escola que ensina através das artes em forma de dança, música, circo, teatro; uma escola que opta por ensinar as disciplinas através de roteiro de estudos e utiliza um espaço comum aos estudantes para tal. Uma escola que se constituiu desde o início como uma possibilidade de uma “educação outra”, de romper com o sistema tradicional de ensino, mas ao mesmo tempo é atravessada por ele em diversos pontos, principalmente na conduta de alguns docentes, que foram formados num sistema de ensino superior tradicional. As experiências vividas pelos sujeitos no cotidiano desta escola nos revelou os encantamentos e as encruzilhadas na educação. Desafios diários de uma relação humana que se apresenta em diferentes facetas.

Palavras-chave: Escola Pública; tempo integral; experiências; processos; cotidiano.

ABSTRACT

This thesis sought to understand the School of Enchantment (fictitious name) through experiences experienced in their daily school life. Inspired by the pedagogy developed at Escola da Ponte, in Portugal, the teaching staff together with the school community transformed the organization and the structure of the school. The classroom was transformed into the hall of knowledge. The time is experienced in other ways. The student is at the center of educational actions. Autonomy and Freedom are words present in the Political Pedagogical project. We then proposed to understand to what extent the School of Enchantment, when making a movement of innovative pedagogical construction, expressed as the possibility of a “different pedagogy” in their daily school life, and what contributions the leisure perspective could bring us to this understanding. As specific objectives, we seek to understand “other learning” that happen with and between students. For 15 months, we “immersed ourselves” into the routine of school, in search of the daily construction of meanings of life that take place in this place by the living subjects of the experiences. We chose to accompany 9th grade students that made up collective A. To meet the objectives of the investigation, cartography, in this context, presented itself as a powerful method of investigation, as it helped us with the idea of research that was carried out throughout the process. We realized that in order to understand this context, beyond monitoring the daily routine, we needed to listen to the subjects. We chose to hold conversation circles with 9th grade students. Another methodological resource that would allow us to get to know the school through their eyes. We also spoke with the coordinator, principal, two mothers/teachers, an experiential educator, and we conducted a questionnaire for parents/guardians. The conversation with the subjects involved in the school process gave us important information about the relationship they establish with the school, the school's proposal, and what happens in practice. The result of the thesis tells us about a complex school due to its structure and organization of time and space. A school that seeks an education based on the autonomy, freedom, and responsibility of students; a school that teaches through the arts in the form of dance, music, circus, and theater; a school that chooses to teach subjects through a study plan and uses a common space for students to do so. A school that was established from the beginning as a possibility for “another education”, to break with the traditional education system, but at the same time is crossed by it in several points, mainly in the conduct of some teachers, who were trained in a traditional higher education system. The experiences lived by the subjects in the daily life of this school revealed to us the enchantments and crossroads in education. Daily challenges of a human relationship that presents itself in different facets.

Keywords: Public School; full-time; experiences; processes; daily life.

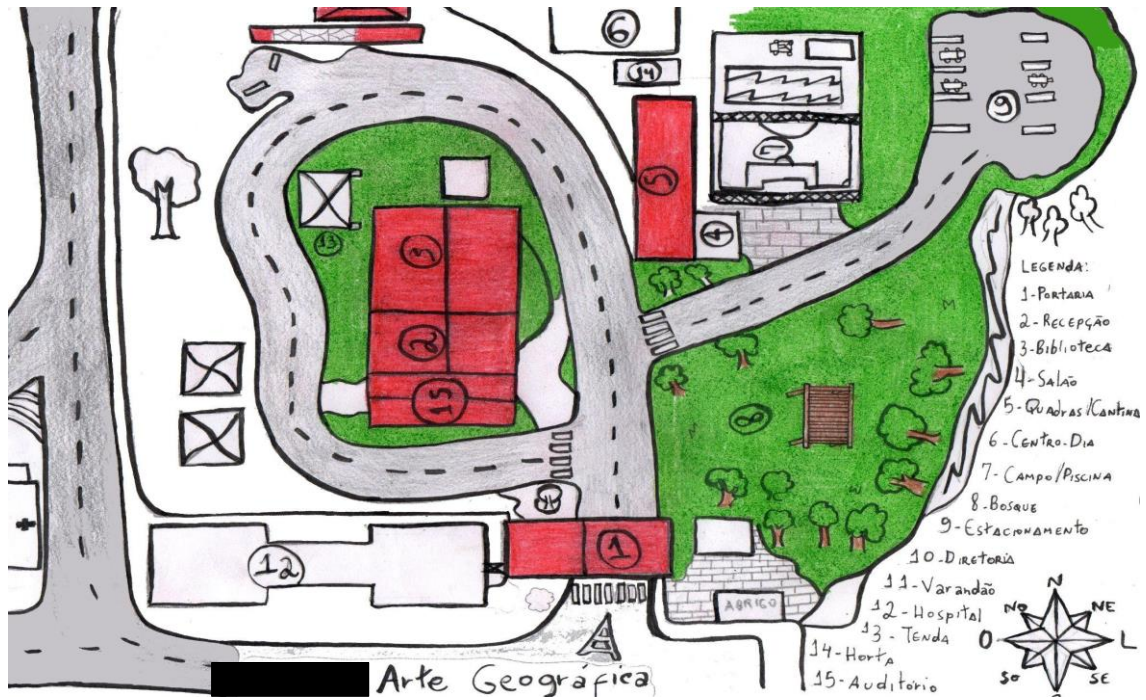
LISTA DE FIGURAS

Figura 1:	Cartografia Afetiva da escola do Encantamento.....	
Figura 2:	Cartografia Afetiva da escola do Encantamento.....	
Figura 3:	Espaço multiuso.....	29
Figura 4:	Quadra 1.....	29
Figura 5:	Quadra 2.....	30
Figura 6:	Campo de beisebol (ao fundo).....	30
Figura 7:	Campo.....	31
Figura 8:	Piscina em construção.....	31
Figura 9:	Biblioteca.....	31
Figura 10:	Biblioteca.....	32
Figura 11:	Sala de Informática.....	32
Figura 12:	Salas para oficinas.....	33
Figura 13:	Assembleia dos estudantes.....	42
Figura 14:	Assembleia geral dos estudantes.....	42
Figura 15:	Percurso semanal do estudante – ano 2023.....	46
Figura 16:	Percurso semanal do professor – ano 2023.....	47
Figura 17:	Mapa Afetivo 1.....	51
Figura 18:	Mapa Afetivo 2.....	52
Figura 19:	Mapa Afetivo 3.....	52
Figura 20:	Mapa Afetivo 4.....	53
Figura 21:	Estudantes e professores no salão do conhecimento.....	61
Figura 22:	Tutoria.....	61
Figura 23:	Vivência 1: Esportes – Futsal.....	62
Figura 24:	Vivência 2: Educação Ambiental.....	62
Figura 25:	Vivência 3: Muay Tai e Boxe.....	63
Figura 26:	Vivência 4: Circo e Dança.....	64
Figura 27:	Vivência 5: Musical.....	64
Figura 28:	Conexão dos saberes 1: Corpo e mundo.....	65
Figura 29:	Conexão dos saberes 2: Clube de ciências.....	65
Figura 30:	Conexão dos saberes 3: Jogos.....	66
Figura 31:	Conexão dos saberes 4: PAJU.....	66
Figura 32:	Auditório.....	67
Figura 33:	Mandala.....	77

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	O campo de estudos de lazer e a escola.....	13
1.2	Escola e cultura	15
2	OS CAMINHOS ATÉ A PESQUISA	19
	ESPAÇOS ESCOLARES	29
3	DA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE ÀS RODAS DE CONVERSA: observações de uma professora-pesquisadora em um “campo outro”	34
4	RODAS DE CONVERSA: o que nos dizem os sujeitos das experiências	68
4.1	Roda de conversa 1: os estudantes do 9º ano	69
4.2	Roda de conversa 2: As estudantes do 9º ano	73
4.3	Mãe e ex-professora	80
4.4	Professora e mãe	85
4.5	Conversa com a direção	91
4.6	Conversa com a coordenação	99
4.7	Conversa com a educadora de vivência	102
4.8	Pais e/ou responsáveis.....	104
5	ENCRUZILHADAS ENCANTADAS: reflexões e desafios de uma “escola outra”	109
	REFERÊNCIAS	114
	APÊNDICES	117

Figura 1 e figura 2: Cartografia Afetiva da Escola do Encantamento.



Desenho: Estudantes do 9º ano.
Fonte: Pesquisa de campo.

Quando eu cheguei, eu fiquei parada assim, como eu vou me virar aqui, como eu vou aprender aqui, tipo, vou me encaixar? Tinha dias que eu não me encaixava, sabe, pensava que a minha escola era melhor do que essa. Eu nunca tinha visto essa escola e aí eu fui vendo como a escola era literalmente diferente, não só porque ela é diferente que ela não seja boa, sabe. Então para mim, ser diferente é que foi bom, porque eu aprendi várias coisas novas. Na minha outra escola, eu não tinha opinião, eu não tinha escolha. Se eu quisesse fazer alguma coisa eu não podia fazer, então vir para cá, eu me sinto mais aberta, eu consegui me encaixar (Estudante do 9º ano).

No dia 05 de agosto de 2022, uma sexta-feira, iniciei as observações *in loco*. Já conhecia o espaço da escola, mas ali, naquele momento, era a professora-pesquisadora entrando num universo desconhecido. Cheguei às 13h, horário pós intervalo do almoço. Vi alguns estudantes descendo as escadas e observei que estavam indo em direção a uma sala. Porém, era uma sala diferente, um salão como eles chamavam, o *salão do conhecimento*. Esse espaço era organizado com várias mesas redondas, separadas por cores no chão e os estudantes estavam divididos em quatro por mesa. No momento em que entrei no salão, eles estavam conversando muito e vi alguns professores com as mãos levantadas. À medida que um professor levantava a mão, alguns estudantes foram levantando também e percebi que a sala estava ficando mais silenciosa. Perguntei, depois, para um professor o que significava esse processo e ele me disse que era o sinal para pedir silêncio. Nesse momento, a professora pediu que os estudantes do 6º e 7º anos fossem para o auditório para o projeto “cine clube” e os estudantes do 8º e 9º anos permaneceram no salão para continuar fazendo o roteiro de estudos. Como os estudantes eram divididos naquelas mesas? Qual o critério adotado pelos professores para tal? Era o início da pesquisa, mas já dava para sentir que aquela escola era de fato, uma escola diferente de todas as que já havia trabalhado ou conhecido (Trecho do caderno de campo).

1 INTRODUÇÃO

Esta é uma tese escrita por uma professora e com professores atuantes na Educação Básica que acreditam no papel social, político-pedagógico, potente e transformador da escola na vida de uma pessoa. Esta pesquisa foi realizada numa escola pública de tempo integral que chamamos de “Escola do Encantamento.” Porém, não é uma tese sobre a escola e sim, sobre experiências. Se “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (Larrosa Bondía, 2002, p. 21), durante 15 meses buscamos conhecer o que se passou, o que aconteceu e o que tocou os sujeitos viventes das experiências no cotidiano desta escola. Utilizando a cartografia como método de pesquisa, participei das atividades junto com o coletivo A, composto por professores e estudantes do 6º e 9º anos. Mapeei o cotidiano da escola, acompanhando os processos educativos que já estavam em seus cursos. Estava num território novo, disposta a me abrir aos encontros que aconteceriam.

Para isso, foi fundamental conhecer a organização estrutural da escola para entender as relações professor-estudante e estudante-estudante que ali se estabeleciam. A escola se dividia entre as atividades de *conexão dos saberes, vivências educativas, tutoria, atividades autônomas, equipes de responsabilidade, área do conhecimento*. Essas atividades aconteciam no salão do conhecimento, nas quadras, nas salas para oficinas, nas salas de informática, no pátio, no auditório e na biblioteca, simultaneamente. Ao longo do tempo de permanência na escola, fui percebendo o quanto essa forma de organização das atividades iria influenciar os estudantes no modo como se relacionavam com os professores, com os seus pares e com a co-responsabilidade pelo seu aprendizado no processo escolar. Uma nova organização propunha uma nova forma de se administrar o tempo para a realização das atividades que dependiam dos estudantes como a realização das atividades propostas no roteiro de estudos¹.

Olhando para uma nova organização de escola, pensei também em como a nossa organização tradicional das escolas influenciam a manutenção da “naturalização” de um sistema único de se fazer educação. Paulo Freire (1974) ao escrever o livro *Pedagogia do Oprimido*, já criticava a maneira como a relação educador-educando era estabelecida, o que ele chamou de concepção “bancária” da educação. O educador, no papel de narrador

¹No decorrer do texto será explicitado a organização das atividades da escola e o roteiro de estudos será melhor explicado em que momento os estudantes fazem as atividades que são propostas em cada roteiro.

de conteúdos, vai enchendo os educandos, transformando-os em seus depósitos de informações. Informações essas que serão guardadas e arquivadas.

Educador e educando se arquivam na medida em que nesta distorcida visão de educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também (Freire, 2017, p.80).

Enquanto professora da educação básica há 15 anos, olhando para a minha experiência em duas escolas municipais e observando as outras escolas da rede privada também, percebo que a organização e estrutura, desde a educação infantil ao ensino médio, passando pela universidade se mantém num mesmo padrão de ensino². A arquitetura escolar colabora para que o modelo da sala de aula tradicional permaneça com a composição de um quadro na frente e as carteiras enfileiradas. A organização das turmas permanece de forma homogênea e divididas por idade; os professores especialistas ensinando suas matérias específicas, dentro da grade e do currículo já estabelecido pelos gestores do Ministério da Educação (MEC), através da Base Nacional Curricular Comum (BNCC)³.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, possibilita uma flexibilidade em relação às formas de organizar o tempo, o espaço e o currículo escolar. Podemos ler no artigo 23, do capítulo II:

A educação básica poderá organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não-seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar⁴.

Se há uma flexibilidade para se organizar a educação básica, por que continuamos a ensinar da mesma forma?

Neste sentido, esta pesquisa buscou conhecer uma escola que estava realizando um movimento em direção a possibilidades de transformação, estabelecendo novas abordagens nos processos escolares, numa tentativa de romper com o tradicional modelo dominante e repensá-lo numa outra estrutura e organização do cotidiano, na escola. Este movimento

2 Algumas escolas como a Escola da Serra em Belo Horizonte, a escola Amorim Lima em São Paulo, dentre outras no Brasil, são iniciativas de uma busca pela transformação na educação. Não há dúvidas que nas escolas municipais da rede de Belo Horizonte, ao longo do processo histórico de escolarização houve muitas iniciativas em direção às mudanças na organização, no currículo e na estrutura das escolas.

3 Visto em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>

4 Visto em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm

proposto pela escola causou em mim um encantamento na perspectiva proposta por Simas e Rufino (2019) como um processo de transformação de mundo. Utilizei-me, então a palavra Encantamento para designar a escola na hipótese de que nesse lugar, “na miudeza da vida comum, os saberes se encantam, e são reinventados os sentidos do mundo” (Simas e Rufino, 2019, p.13). Percebi num primeiro contato que a *Escola do Encantamento*⁵ era uma escola diferente das demais e esse fato despertou em mim a vontade de conhecê-la, entender como se organizavam o seu cotidiano, na prática. Mas, o que era diferente e o que essa diferença poderia impactar nos processos educativos? Ao olhar para as práticas desenvolvidas no cotidiano da Escola do Encantamento e perceber que as atividades pedagógicas eram estruturadas com e no movimento dos corpos seja dançando, lutando, jogando, brincando, poderia inferir que o lazer já estaria sendo incorporado nas práticas educativas da escola? Em que medida realizar esta pesquisa no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos de Lazer poderia me ajudar a compreender melhor esta escola? Poderia dizer que essas experiências diversas e saberes compartilhados durante as atividades curriculares seria o aprendizado *com* o lazer e *no* lazer, dentro desse contexto específico?

1.1 O campo de estudos de lazer e a escola

A literatura, dentro do campo de estudos do Lazer aponta para uma discussão entre a relação educação e lazer, no sentido de a educação ser um meio para conscientizar a população em geral da importância do lazer enquanto um direito social garantido pela Constituição Federal e enquanto um espaço político de transformação para e com os diversos grupos sociais também. A educação para e pelo lazer foi por muitos anos desenvolvida nos clubes, associações comunitárias com esse propósito (Pinto, 2008).

Neste contexto, esse tempo dedicado à educação *pelo* lazer precisava garantir uma intencionalidade educativa, onde “as pessoas se educam para o uso do seu tempo cotidiano aprendendo a priorizar o que é essencial para sua qualidade de vida” (Pinto, 2008, p. 51). Este processo seria aliado à educação *para* o lazer podendo ser desenvolvido em qualquer tempo e espaço educativo (escolas, clubes, comunidades, projetos sociais, entre outros), tendo o diálogo como primeiro acesso aos grupos para entender suas demandas e conseguir desenvolver práticas de lazer significativas para os mesmos.

5 O nome aqui utilizado para designar a escola, bem como os sujeitos participantes do estudo, são fictícios a fim de assegurar seu anonimato, conforme previsto pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Pude observar na escola do Encantamento uma educação escolar em que esses limites entre lazer e atividades escolares estavam intrinsecamente emaranhados, uma vez que a música, o canto, a dança, os jogos, os esportes estavam presentes nos processos educativos. Ou seja, a educação estava para além de um objetivo de se educar para o lazer, mas sim e também para uma valorização das experiências éticas, estéticas e criativas no desenvolvimento da autonomia e responsabilidade dos estudantes. Olhar os acontecimentos pela lente do lazer me ajudou a observar e a compreender melhor a complexidade das relações humanas que se desenvolveram no dia a dia da escola. Poderia, então, dizer de uma educação com o lazer e no lazer?

Pretendi com este trabalho, contribuir com novas reflexões para o campo de estudos de Lazer em conjunto com outras produções acadêmicas já realizadas com esse intuito como a tese de Marcília Silva (2017), onde a autora fez uma análise sobre a implementação dos programas de contraturno escolar desenvolvidos na rede municipal de ensino da cidade de Belo Horizonte, mais especificamente, os Programas Escola Integrada e Segundo Tempo. Neste trabalho, a autora discutiu o papel da escola dentro desses programas, que muitas vezes, é visto como um depositário de crianças e adolescentes, ficando ali no espaço escolar “passando o tempo” sem um projeto educacional bem delineado. Neste contexto, a escola do Encantamento era um espaço que atendia às demandas das escolas do entorno com o programa Escola Integrada até 2017. A partir de 2017, o espaço começou a ser destinado à educação fundamental dos anos finais, mas ainda assim, atende cerca de 8 escolas da região do Barreiro⁶.

Outras teses também contribuíram com o campo de estudos, incluindo a cartografia como método de pesquisa. Vagner Conceição (2018) buscou compreender a relação lazer e dança no contexto da Educação Física Escolar; Leandro Silva (2020) utilizou a cartografia para mapear espaços e territórios, identificados, pela criança que brinca para, assim, apontar os acontecimentos de inflexões de aprendizagem, por meio das práticas sociais presentes nos brincarões dessas crianças na escola; e Marie Tavares (2020) analisou os diálogos entre as experiências com lazer das/os jovens-estudantes no Ensino Médio Integrado do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais (IFMG) – Campus Ouro Branco e o currículo desta instituição, utilizando a cartografia como método, onde pôde identificar

⁶ Até os dias atuais, após a implementação da educação fundamental, a escola ainda atende cerca de 8 escolas da região do Barreiro que se utilizam do espaço físico para realizar suas atividades do programa Escola Integrada.

quatro coletivos juvenis que se expressavam no contexto da escola e que transformaram a escola e a si próprios.⁷

Assim como esses autores citados acima, esta investigação foi realizada em um espaço escolar, especificamente, uma escola pública de tempo integral. No contexto desse estudo, o projeto pedagógico desenvolvido pela escola do Encantamento me chamou a atenção num primeiro momento, por possuir suas bases pedagógicas alicerçadas na Escola da Ponte (Portugal) e essa relação tem uma importância para o entendimento das atividades realizadas pela escola e será descrita nos próximos capítulos. Num segundo momento, me causou um encantamento, pois me fez compreender a importância de se fazer um estudo sobre uma escola que se propõe transformar toda uma organização escolar imposta há anos por um sistema educacional, inserindo as experiências de lazer na sua organização dos processos educativos através da dança, da música, das artes em geral, ou seja, pensar o lazer como a vida que acontece no cotidiano de uma escola, proporcionando aos estudantes experiências multiculturais. A escola como um espaço educativo multicultural. No próximo tópico abordo relação escola e cultura como algo fundante do ser escola.

1.2 Escola e cultura

A escola é composta por estudantes, que se contituem em seus espaços culturais na família, nos grupos sociais diversos que frequentam. Esses mesmos jovens, sujeitos com corpos negros, juvenis, infantis que fazem parte da cultura do samba, do congado, do candomblé, do hip hop e de outras manifestações culturais chegam até a escola. O aprendizado dessas culturas fora da escola se dá pelos sentidos, pelo corpo, sendo a música e a dança elementos constituintes desses saberes.⁸ Entretanto, ao chegar à escola, o que acontece com esses corpos negros juvenis e infantis constituídos por suas culturas negras, marcados pelo aprendizado do samba, do candomblé e do congado entram na escola? Como se dá a relação dessas culturas negras com a cultura escolar marcada pelo conhecimento branco técnico- científico europeu? De que forma é possível se pensar uma “educação outra”, a partir do encontro dessas culturas? De que forma a Escola do Encantamento se insere nesse contexto de (re) pensar os tempos, métodos, conteúdos e processos educacionais a partir dessas novas relações?

7 O artigo da revista Licere pode ser visto em: <file:///C:/Users/EDUCA%2087%20109/Downloads/hferreiraisayama,+TomeCienciaMarie.pdf>

8 Fiz uma disciplina na Faculdade de Educação e o artista e musicista, Gil Amâncio fez uma palestra muito interessante sobre a aprendizagem dos corpos negros em seus contextos de práticas e a relação com a escolarização, trazendo algumas provocações pertinentes a essa investigação.

Para além desses corpos, falo também dos corpos LGBTQIA+; das pessoas com deficiência (PCD) e todos os corpos que se encontram nesse “terreiro”⁹ chamado escola. Estas são as encruzilhadas vividas no cotidiano desta escola que serão aqui descritas e analisadas. As encruzilhadas são lugares de encantamento. Assumimos a ideia de que a escola é do encantamento pois pensamos na perspectiva da encruzilhada como potência do mundo (Simas e Rufino, 2019). São nesses cruzamentos de caminhos que acontecem o que o autor chama de cultura de síncope, “aquelas que subvertem ritmos, rompem constâncias, acham soluções imprevisíveis e criam maneiras imaginativas de se preencher o vazio, com corpos, vozes e cantos” (Simas e Rufino, 2019, p. 19). Neste sentido, como as diferentes culturas que se encontram nas encruzilhadas todos os dias no cotidiano da escola do Encantamento se transformam nas culturas de sínopes e potencializam os processos educativos na escola e com a escola?

Simas e Rufino nos ajudam a refletir sobre a dificuldade de se realizar um projeto educativo que contemple a pluralidade de práticas uma vez que

A experiência da escolarização no Brasil é fundamentada pelo colonialismo europeu-ocidental e pelas políticas de expansão e conversão da fé cristã. A marafunda atada por esse empreendimento corroborou com a perseguição, a criminalização e o extermínio de uma infinidade de outros saberes. Porém, nos cabe ressaltar que o poder que se encanta e pulsa nas encruzadas é aquele que faz o erro virar acerto e o acerto virar erro. Assim, haverá sempre uma fresta e para cada regra sempre haverá uma transgressão (Simas e Rufino, 2019, p.20).

Numa outra visão de mundo, Antônio Bispo dos Santos (2023), o Nego Bispo, um mestre quilombola nos tira de nossas certezas epistemológicas e nos convida a pensar nos processos de enfrentamento ao colonialismo. Para ele, na sua experiência de vida, a única forma de enfrentar o colonialismo é ser contra ele, ou seja, contracolonial. Nesse sentido, uma das ferramentas de defesa do ser contracolonial é manter a tradição das festas, das comidas, do congado, viva, latente, passando através das gerações. Através dessas práticas os saberes são compartilhados e há um envolvimento, um compartilhamento, há o que Nego Bispo chama de *confluência* de energia nesses processos. “Quando a gente se confluencia, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente de outra gente - a gente rende. A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia. Essa é a medida” (Bispo dos Santos, 2023, p.15).

⁹Utilizo aqui a palavra do candomblé “terreiro” no sentido do lugar de encontro, do lugar onde as pessoas se encontram e os encantos acontecem. As palavras encantamento e encruzilhadas também são usadas ao longo do texto. Me apoio em Luiz Antônio Simas e Luiz Rufino (2019) para fazer as associações presentes no texto.

Entendemos que Nego Bispo está nos dizendo de um contexto quilombola, de seu ser e estar no mundo e que sendo assim, há uma resistência específica, demarcada e instaurada há anos contra o sistema colonial que os massacra diariamente juntamente com os povos originários e os africanos escravizados nesse país pelo regime escravocrata. Reconhecemos que estamos inseridos nesse processo, no sistema colonialista e também sofremos as consequências. Porém, muitas vezes, somos nós quem reproduzimos as ações coloniais na educação e mais especificamente, na escola. Nesse sentido, para chegarmos ao ponto de nos reconhecermos como contracoloniais, ainda precisaremos de um tempo maior de conscientização. Assumimos então aqui, uma *postura investigativa decolonial*, também de resistência, de forma a ficarmos atentos a essas questões e tentarmos diariamente produzir novas atitudes nas frestas possíveis do cotidiano escolar.

Uma dessas formas é entender o conceito de confluência trazido por Nego Bispo como um meio de compartilhamento dos modos de ver, de sentir, de fazer as coisas, modos de vida que se contrapõe a uma cultura padronizada, mercantilizada, colonial. O autor faz críticas aos colonialistas pois os mesmos dizem que os quilombolas não têm cultura, pois não se comportam do jeito que eles gostariam. Na visão deles, quem não sabe tocar piano, nunca foi ao teatro ou ao cinema, não tem cultura. Para Nego Bispo, quem não sabe dançar e cantar o batuque, quem não sabe fazer comida, quem não se emociona com o canto de um pássaro não possui um modo agradável de se viver (Bispo dos Santos, 2023). Ou seja, estamos falando aqui de modos de vida.

Nas páginas que se seguem, continuo contando os caminhos que se cruzaram nesta pesquisa. Optei por iniciar o próximo capítulo, “os caminhos até a pesquisa” contando os processos acadêmicos e os caminhos que me trouxe até esta tese, pois as escolhas que realizei estão intimamente relacionadas com quem sou. No capítulo seguinte, “da observação participante às rodas de conversa” descrevo a escola a partir do Eu-observador, ou seja, as observações de uma professora-pesquisadora num “campo outro” contando como a escola se apresenta: a sua organização estrutural, as atividades da semana no percurso dos professores e estudantes, passando pelas inovações que a mesma se propõe a realizar e como ela se constitui como dinâmica a partir de uma concepção de escola, de conhecimento e de vida.

Após um tempo de observações, mapeando e acompanhando as atividades dos estudantes, começo a ficar mais inserida no contexto da escola, ajudando inclusive os professores em atividades que precisassem. Faltou professor: “*Mariana, pode nos ajudar?*” “*Professora,*

pode me ajudar aqui com esse exercício?”. Os estudantes já me reconheciam como a professora que estava fazendo pesquisa e não mais se incomodavam com a minha presença, assim como no início das observações. A minha inserção na escola por um tempo maior me proporcionou o conhecimento necessário para que eu pudesse, então, realizar as rodas de conversa apresentadas no quarto capítulo.

Neste contexto, para compreender melhor como os sujeitos veem, sentem e vivem a escola realizei rodas de conversa com as estudantes e os estudantes do 9º ano. Conversei com a coordenação pedagógica, direção, com duas professoras/mães e uma educadora de vivência. Para os demais pais, criei um formulário elaborado no programa “google forms” e enviei à coordenação para encaminhar aos grupos de whatsapp dos pais.

No capítulo 4, “rodas de conversa: o que nos dizem os sujeitos viventes das experiências” apresento o resultado das falas dos professores, estudantes, coordenação, direção, educadora de vivências, professoras, mães e demais pais. Escolhi um caminho metodológico onde trouxe as falas dos sujeitos de forma literal, na íntegra no sentido de conhecer a escola por eles mesmos e não por uma interpretação de uma realidade vista e sentida por mim, pesquisadora. As falas foram muito significativas e trouxeram elementos importantes sobre cada olhar que falava da escola. Nas considerações finais, “encruzilhadas encantadas: reflexões e desafios de uma escola outra” escrevi o fechamento da pesquisa com as conclusões a partir dos resultados encontrados e busquei apontar caminhos para futuras investigações.

2 OS CAMINHOS ATÉ A PESQUISA

*Ninguém nasce feito. Vamos nos fazendo aos poucos na prática social de que tomamos parte...*¹⁰

Para falar dessa tese, preciso voltar no ano de 2007, quando estava escrevendo o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), na graduação em Educação Física. Naquela época, estava fazendo uma pesquisa a respeito dos processos educacionais desenvolvidos em duas instituições: o Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento, o CPCD e a Escola da Ponte,¹¹ em Portugal. As duas estavam se destacando na área educativa por desenvolverem um trabalho onde os objetivos pedagógicos passaram, primeiramente, por uma mudança na estrutura física da escola. Segundo, pois, os processos de aprendizagem desenvolvidos, colocavam luz no sujeito, ou seja, o foco da educação era o estudante e a sua evolução escolar, respeitando o tempo e as demandas do seu próprio percurso.

O CPCD possuía sua sede administrativa em Belo Horizonte/MG, mas suas atividades aconteciam em Araçuaí, uma cidade da região norte do estado de Minas Gerais e em Curvelo, outra cidade do estado.¹² Estive em Curvelo, no ano de 2007, para conhecer a estrutura e a organização do CPCD. As atividades aconteciam no contraturno da escola, ou seja, os estudantes que estudavam no período da manhã, iam para a instituição no período da tarde e vice-versa. Me lembro que quando cheguei, encontrei as crianças sentadas em roda com o educador. Para minha surpresa, a roda era composta de crianças de diferentes idades: 3, 4, 5, até 10 anos, mais ou menos. Na ocasião dessa pesquisa, perguntei ao educador sobre o significado da roda e ele me disse que todas as atividades começavam sempre nesse formato, que tudo eles conversavam e resolviam na roda. Se tivesse algo para ser discutido para o bem comum, também era na roda que acontecia e que todas as crianças falavam o que sentiam e do que precisavam. Junto com essa *pedagogia da roda*, a *pedagogia do brincar* era uma outra referência no projeto.

A Pedagogia do Brincar surgiu como resposta às seguintes perguntas: “será que as crianças podem aprender tudo o que precisam aprender, no seu tempo e no seu ritmo, brincando alegremente?” “a escola pode ser alegre ou precisa ser carrancuda, de mal com a vida?” “é possível construir uma escola tão boa que alunos, professores e funcionários exijam aulas aos sábados, domingo e feriados?” A

10 Todas as citações em itálico se referem ao texto “Ninguém nasce feito: é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos” no livro *Política e Educação* de Paulo Freire.

11 A ONG CPCD foi fundada pelo antropólogo Tião Rocha e a Escola da Ponte tem o professor José Pacheco como a principal referência.

12 Nos dias atuais, as atividades estão acontecendo somente em Araçuaí.

Pedagogia do Brinquedo responde que sim! Aprender e ensinar brincando traz em si toda a riqueza de possibilidades de relacionamento e companheirismo, socialização e troca de experiências, conhecimento do outro e respeito às diferenças, desejos e visões de mundo, elementos essenciais para construção de uma relação plural entre educadores-educandos, condição básica para existência de uma prática educativa de qualidade e para a descoberta e apropriação do “mundo dos saberes, dos fazeres e dos querereres”: das letras, dos números, das ideias, dos fatos, dos sentimentos, dos valores, da cidadania, dos sonhos...¹³

Além dessas, outras pedagogias e tecnologias sociais foram criadas. Todas elas baseadas na educação popular de Paulo Freire, buscando os saberes e conhecimentos da própria comunidade para que a mesma pudesse se auto sustentar e produzir seus próprios conhecimentos.

Não tive a oportunidade de conhecer in loco a Escola da Ponte, mas, através do site e de livros já publicados pelo professor José Pacheco (uma referência da Escola), comecei a entender os seus processos pedagógicos. A Escola se destacava por escolher uma organização estrutural diferente desta organização tradicional que se “naturalizou” ao longo dos anos, dividindo os estudantes em turmas com a mesma idade. O coletivo de professores da Escola da Ponte optou por desenvolver uma estrutura pedagógica em que os estudantes eram agrupados por interesses de estudo e não pela idade. Ou seja, num mesmo grupo poderiam ter estudantes do 6º, 7º, 8º e 9º anos¹⁴ por exemplo. É o que a escola chamava de espaços educativos que estavam designados por áreas.¹⁵ Optaram também, por não ensinar através de livros didáticos, manuais, testes e aulas. Para além disso, não havia aplicação de provas. A avaliação era feita durante o processo de aprendizagem através de portfólios onde os estudantes, a cada dia, registravam os seus conhecimentos.

Umás dúvidas, umas inquietações, uma certeza de que as coisas estão sempre se fazendo e se refazendo...

Conhecer essas duas instituições antes mesmo de começar a lecionar me ajudou a compreender que haveria outras possibilidades de se desenvolver os processos educativos na escola. Comecei a lecionar Educação Física em escolas públicas em 2008 e ao longo dos 16 anos de docência percebi que a escola vive uma dicotomia: por um lado, um sistema escolar (exames, provas e avaliações nacionais) pressionando por resultados, índices, números,

¹³ www.cpcd.org.br

¹⁴ Essa organização escolar do ensino fundamental II, definida na rede municipal de educação de Belo Horizonte foi utilizada como exemplo para o entendimento dessa junção realizada na Escola da Ponte.

¹⁵ Visto em: http://revistaescola.abril.com.br/informação/jose-pacheco-escola-ponte_479055.shtml.

professores sob pressão para finalizar um determinado conteúdo do ano e fazer com que os estudantes aprendam toda a matéria planejada. Por outro lado, estudantes cansados e estressados por terem que atender às expectativas da escola e dos pais que anseiam por resultados positivos de seus filhos. Essa pressão vem tornando a rotina da escola desgastante para todo o corpo docente e discente,¹⁶ transformando o espaço escolar num lugar que massacra a criatividade e a imaginação.

Neste contexto, percebi também que o trabalho em equipe se apresentava como um caminho potente para o desenvolvimento de projetos interdisciplinares que seriam significativos nos processos de aprendizagem dos estudantes. A festa junina, por exemplo, era um evento que atravessava de alguma forma, todas as disciplinas, facilitando o trabalho interdisciplinar, no entanto, ainda insatisfatório para avançar numa possível mudança pedagógica na estrutura escolar.

Com o passar do tempo, fui apresentando aos meus colegas nas reuniões, os dispositivos pedagógicos¹⁷ que a Escola da Ponte utilizava e como poderíamos nos adaptar e nos beneficiar das ideias inovadoras no nosso fazer pedagógico. As assembleias, comissão de ajuda, grupos de responsabilidade são exemplos desses dispositivos pedagógicos.

Observava que as ideias mais aceitáveis para os professores eram as que não contemplavam o trabalho em equipe. Ideias onde cada docente conseguiria realizar a atividade no seu tempo de aula, especificamente, como uma roda de conversa, por exemplo. Era um começo, mas a experiência de trabalho na Escola da Ponte se

[...] assentou no trabalho de uma equipe que foi capaz de aprofundar o profissionalismo docente, de estabelecer pontes com a sociedade local (no entendimento de que a Escola só podia mudar se mudasse a sua relação com a comunidade), de viver uma autonomia real (e não decretada) e de, em um sentido de mudança deliberada, construir um projeto pedagógico inovador e consistente visando a superar a organização em classe (Silva e Ribeiro, 2018, p.8).

16 Durante a pandemia da Covid-19, as escolas ficaram fechadas e se instaurou o regime remoto de ensino. Nas escolas que eu trabalhava, nesse período, os estudantes recebiam impressos os conteúdos para estudar em casa. Quando começou o período de retorno gradual à escola até o retorno total, a pressão sob os professores por ensinar “o tempo perdido” se tornou ainda maior levando a um aumento do absenteísmo nas escolas pelo esgotamento físico e mental dos docentes.

17 O dispositivo pedagógico é entendido como suporte de uma cultura organizacional específica, sendo considerado nessa qualidade toda e qualquer manifestação (identificado como rotina, estratégia, material, recurso...) que contribua para a produção, reprodução e transformação da cultura numa determinada comunidade educativa (Material Didático, 2019).

Se mudar essa estrutura e organização secular da escola e romper com a “forma escolar” (Vincent; Lahire; Thin, 2001) não estava sendo uma tarefa fácil, quais seriam, então, outros caminhos possíveis dentro da escola? Talvez a mudança do olhar, focado no trabalho pedagógico dos professores para os estudantes poderia me trazer respostas e novas indagações. Comecei a observar a movimentação dos estudantes no recreio. Vi que aconteciam situações muito interessantes. Por exemplo, eles realizavam brincadeiras e jogos que eu não havia ensinado nas aulas. Os meninos jogavam futebol na quadra, enquanto as meninas conversavam. Alguns jogavam baralho, outros ouviam música. Alguns iam para a biblioteca. Outros utilizavam as mesas de ping-pong para jogar pingobol, um jogo inventado por eles.

Dessas observações, surgiu o meu projeto de mestrado¹⁸ onde fiz um estudo para investigar as práticas realizadas pelos estudantes enquanto não estavam em sala de aula. Ou seja, nos momentos onde não havia a intervenção de um docente, nos momentos dos encontros, seja no recreio, horários vagos, entradas e saídas, me interessava conhecer os movimentos desses estudantes na escola. Rodas de leitura da Bíblia, aulas de como jogar yugui-oh (um jogo de cartas no tabuleiro) aconteciam nos 20 minutos destinados ao recreio. A dissertação defendida em 2015 me ajudou a desvelar por um lado, uma escola vivida e sentida a partir do olhar dos estudantes; e por outro, a reafirmação de ser uma instituição rígida e estruturada em sua forma de ensinar, de ser um lugar de fragmentação, de códigos, da não diversidade, da padronização, da homogeneização dos corpos (Malta, 2015).

Finalizei o mestrado com outras inquietações. Se o que os estudantes produziam enquanto conhecimento próprio era tão rico em termos de experiência de vida, se fazia parte do cotidiano escolar daqueles estudantes, por qual motivo aquelas práticas não eram visíveis para a escola? E, se a escola já as conhecia, por que não eram incorporadas no currículo, enquanto um conhecimento vivido e sentido pelos estudantes? Como eu poderia valorizar os conhecimentos que os meus estudantes traziam consigo de forma que os mesmos se sentissem representados dentro da escola?

...e, em lugar de inseguro, me sentia firme na compreensão que, em mim, crescia de que a gente não é, de que a gente está sendo.

18 Realizei a dissertação de mestrado também no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos de Lazer – PPGIEL/EEFFTO-UFMG.

Retornei às minhas atividades nas escolas ainda mais convencida de que as mudanças na organização dos tempos escolares não eram somente necessárias, mas, urgentes e possíveis de serem realizadas. Para além disso, os estudantes já tinham muitos conhecimentos que estavam sendo invisibilizados pela obrigatoriedade de se cumprir uma “grade escolar” já determinada por um currículo imposto pela secretaria de Educação de Belo Horizonte, que por sua vez seguia as orientações vindas do Ministério da Educação do Governo Federal, via Base Nacional Curricular Comum (BNCC) ¹⁹ já citado anteriormente.

Aceitemos um fato simples: um programa cumprido, dado pelo professor do princípio ao fim, é só cumprido formalmente. Programa cumprido não é programa aprendido mesmo que os alunos tenham passado nos exames. Os exames são feitos enquanto a água ainda não acabou de se escoar pelo escorredor de macarrão. Esse é o destino de toda ciência que não é aprendida a partir da experiência: o esquecimento. Quanto à ciência que se aprende a partir da vida, ela não é esquecida nunca. A vida é o único programa que merece ser seguido (Alves, 2004, p.12).

As longas reuniões de professores me mostravam, a cada dia, que para conseguir uma mudança significativa na estrutura das escolas seria necessária conexão, interação e um querer coletivo, o que não estava acontecendo em relação às minhas propostas. Continuei a caminhada fazendo, então, o que era possível dentro do contexto da Educação Física. Valorizava cada vez mais as rodas de conversa, observava mais os comentários e assuntos dos estudantes e principalmente, queria conhecer as suas histórias de vida. Nesse processo de construção do conhecimento, a Escola da Ponte se fazia presente mais uma vez como referência para as mudanças nas propostas político-pedagógicas das escolas em que lecionava.

Nesse processo inquietante por respostas e caminhos novos, em 2018, me engajei no grupo de estudos “NaPrática” na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG (EEFFTO), onde o foco estava nos estudos coloniais/ decoloniais e nas diversas contribuições que esses estudos trariam para o campo de estudos do Lazer. Dentro dos estudos decoloniais, a pedagogia decolonial traz uma contribuição para se pensar no que Catherine Walsh fala da pedagogia de uma “escola outra” no seu sentido epistemológico e estrutural de uma mudança de paradigma.

Essa pedagogia se opera além dos sistemas educativos (escolas e universidades), ela convoca os conhecimentos subordinados pela colonialidade do poder e do saber, dialoga com as experiências críticas e políticas que se conectam com as ações transformadoras dos movimentos sociais, é enraizada nas lutas e práxis de povos colonizados e, é pensada com e a partir das condições dos colonizados pela modernidade ocidental. Assim, o pedagógico e o decolonial se constituem enquanto

¹⁹ Não estou dizendo aqui que o currículo não seja importante como estruturador de um tipo de conhecimento. Entretanto, que deva ser discutido e modificado para dar sentido às práticas realizadas nas escolas. Para saber mais sobre a BNCC, a consulta está em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Para o entendimento dessa pesquisa não haverá a necessidade desse aprofundamento.

projeto político a serem construídos nas escolas, nas universidades, nos movimentos sociais, nas comunidades negras e indígenas, nas ruas etc (Walsh, Oliveira e Candau, 2018, p.5).

O contato com os estudos decoloniais reacendeu em mim o desejo de continuar os estudos acadêmicos. Provocou-me uma busca por escolas que já estivessem nesse caminho de uma proposta pedagógica inovadora. Na verdade, o que eu estava buscando mesmo era me reencantar pela escola. A professora, que habita em mim, após 16 anos de docência, via a organização, estrutura e processos escolares da escola pública ser o mesmo. Não havia mudanças significativas.

Nesse contexto, comecei a pesquisar se existiam escolas em Belo Horizonte que estavam se propondo a realizar mudanças em suas organizações, estruturas e processos pedagógicos. A minha busca me levou ao encontro de uma escola que a princípio, se mostrou diferente das demais escolas da rede municipal, primeiro, por ser uma escola que se propõe a ser de tempo integral,²⁰ o que me possibilita pensar em outras práticas e outra organização dos tempos e espaços da escola. Segundo, pois, dentro da proposta pedagógica dessa escola, há um diálogo com a perspectiva da Escola da Ponte, citada anteriormente no que diz respeito a trazer à cena, movimentos de autonomia na construção do conhecimento, procurando enfatizar um cotidiano escolar, inspirado, afetado, marcado, construído e reconstruído a partir de um movimento de buscar ser uma escola diferenciada das demais.

Mas, afinal, que escola é essa? Quais são, de fato, as inovações que ela se propõe e como ela se constitui enquanto dinâmica escolar? Num primeiro momento fiz o movimento de conhecer o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola. O PPP é o documento oficial de uma escola que indica quais são as suas bases pedagógicas. São os princípios fundadores, os valores, as orientações sobre como aquela escola irá desenvolver o seu trabalho com os estudantes. Encontrei alguns elementos que me ajudaram a começar a entender a dinâmica da escola, como na descrição sobre o desenvolvimento das atividades.

Desenvolver trabalhos por meio de eixos ou roteiros temáticos que articulem os conteúdos e componentes curriculares das diversas áreas do conhecimento e instigue os estudantes a buscar respostas para questões problemas a partir das provocações e mediações dos educadores. Não basta ampliar o tempo dos estudantes nas jornadas educativas diárias. Precisamos significar o tempo da vivência e experiência dos sujeitos no desenvolvimento de uma proposta pedagógica consistente. Compreender o tempo e o espaço, na perspectiva da Educação Integral, com múltiplas possibilidades e potencialidades e desapegar do modelo da sala de aula, dos horários

20 As escolas da rede municipal de Belo Horizonte se organizam em dois turnos específicos, manhã ou tarde, o que faz com que a Escola do Encantamento seja a única escola da rede que organiza suas atividades horário integral.

fixos e das aulas expositivas como locais, tempos e métodos quase exclusivos da tarefa de ensinar e aprender (Proposta Pedagógica, 2017).

Dentro da descrição acima, a proposta pedagógica expõe alguns apontamentos importantes que serão discutidos nesta tese: “desapegar do modelo da sala de aula, dos horários fixos e das aulas expositivas” é um dos desafios da educação, atualmente, e propõe caminhar no sentido de reinventar um modelo de um lugar que foi “inventado”, um modo de socialização escolar que ao longo dos anos se impôs a outros modos de socialização, e nos fez acreditar que esse modo é quase “natural”.

Ou seja, há uma naturalização do sistema escolar que se estruturou de tal forma, que dificilmente se questiona sobre a “pedagogia”, as “disciplinas”, como se essa organização surgisse de forma espontânea e não tivesse uma intencionalidade em sua lógica de organização para ensinar a pensar o mundo a partir de um currículo único, branco, heterossexual e patriarcal. (Vincent, Lahire e Thin, 2001).

A forma escolar atravessa o cotidiano da escola e demarca as relações sociais que acontecem em seu contexto, dentro de uma perspectiva de relações de poder, marcadas por um fluxo secular que está ligado a uma legitimação social da escola como um lugar de transmissão do conhecimento, de transmissão da cultura, de uma dada cultura, com uma determinada percepção do currículo, dentro de uma estrutura escolar (Vincent, Lahire e Thin, 2001).

Além disso, o contexto de escolarização brasileiro vem sendo demarcado ao longo dos anos pelo colonialismo europeu-ocidental como nos diz Luiz A. Simas e Luiz Rufino (2019, p.16)

A experiência da escolarização no Brasil é fundamentada pelo colonialismo europeu-ocidental e pelas políticas de expansão e conversão da fé cristã. A marafunda atada por esse empreendimento corroborou com a perseguição, a criminalização e o extermínio de uma infinidade de outros saberes. Porém, nos cabe ressaltar que o poder que se encanta e pulsa nas encruzadas é aquele que faz o erro virar acerto e o acerto virar erro. Assim, haverá sempre uma fresta e para cada regra sempre haverá uma transgressão.

Ou seja, na fala dos autores, o desafio principal, no caso da escola, é a transgressão do status quo, daquilo que está posto, da forma escolar. No entanto, transgredir não seria uma negação, mas sim, o encantamento, o cruzamento com outras perspectivas, com outros saberes. Para os mesmos, uma educação que busca ser emancipatória, ato de deseducação do cânone e dos seus binarismos, teria que caminhar no que eles chamam de uma pedagogia das encruzilhadas (Simas e Rufino, 2019).

Trazendo para as questões da pesquisa, quais seriam, então, as relações escolares que me possibilitaria afirmar que a Escola do Encantamento seja de fato, uma “escola outra”, na prática? Será que essa é uma escola que indaga a si mesmo sobre as possibilidades de ampliar, de ir além de uma forma escolar, de reconhecer no cotidiano outras relações, outras aprendizagens, outros modos de vivenciar esse cotidiano em construção do conhecimento? O que se aprende e como se aprende nessa escola? O que podemos observar enquanto experiências de lazer no cotidiano escolar?

A partir destes questionamentos nos propomos a compreender em que medida essa Escola, ao fazer todo este movimento de construção pedagógica, se expressa como possibilidade de uma “pedagogia outra” no seu cotidiano escolar, e quais as contribuições que o olhar do lazer pode nos trazer para essa compreensão. Como objetivos específicos, buscamos conhecer as “aprendizagens outras” que acontecem com e entre os estudantes. Essa pesquisa buscou ‘mergulhar’ dentro do cotidiano de uma escola pública de tempo integral no município de Belo Horizonte na procura da construção cotidiana de sentidos de vida que acontecem neste lugar pelos sujeitos viventes das experiências.

Para atender aos objetivos, seria necessário não somente estar na escola para observar a rotina dos estudantes. Nesse caso, a pesquisa etnográfica poderia auxiliar com a observação participante e as entrevistas semiestruturadas. Mas, precisaria avançar no processo; precisava “amiudar-me” (Simas e Rufino, 2019) para acompanhar os percursos escolares, experimentando, vivenciando, participando, vendo, sentindo e ouvindo a comunidade escolar. Então, qual seria a metodologia de pesquisa que poderia me auxiliar neste estudo?

Como nomear as estratégias empregadas na pesquisa, quando elas não se enquadram bem no modelo da ciência moderna, que recomenda métodos de representação de objetos preexistentes? Como encontrar um método de investigação que esteja em sintonia com o caráter processual da investigação? (Passos; Kastrup; Escócia, 2020, p.9).

A cartografia, nesse contexto, se apresentou como um método potente de investigação, pois nos dá a ideia de pistas que norteiam a investigação e não de regras pré-estabelecidas. O sentido etimológico da palavra metodologia (*metá-hodós* – estabeleço as metas, depois caminho) se transforma em *hódos-metá*, ou seja, a pesquisa vai se fazendo no caminho, as metas vão sendo construídas e constituídas no caminhar da pesquisa. É processual. Não está dada. Não está pronta (Passos; Kastrup; Escócia, 2020).

A cartografia como método de pesquisa-intervenção é o traçado de um plano da experiência, acompanhando os efeitos (sobre o objeto, o pesquisador e a produção do conhecimento) do próprio percurso de investigação. Considerando que objeto,

sujeito e conhecimento são efeitos coemergentes do processo de pesquisar, não se pode orientar a pesquisa pelo que se suporia saber de antemão acerca da realidade: o *know what* da pesquisa. Mergulhados na experiência do pesquisar, não havendo nenhuma garantia ou ponto de referência exterior a esse plano, apoiamos a investigação no seu modo de fazer: o *know how* da pesquisa. O ponto de apoio é a experiência entendida como um saber –fazer, isto é, um saber que vem, que emerge do fazer. Tal primado da experiência direciona o trabalho da pesquisa do saber fazer ao fazer-saber, do saber na experiência à experiência do saber. Eis aí o “caminho” metodológico (Passos; Barros, 2020, p.18).

Durante a minha presença na escola, as conversas foram um recurso utilizado para escutar atentamente o que os estudantes me contavam sobre a escola, sobre as relações que eles estabeleciam, como era a rotina deles e como eram organizados os módulos de trabalho, os acontecimentos no cotidiano da escola, como eles construía seus conhecimentos. Para ouvir os estudantes e os professores utilizei as entrevistas narrativas também como ferramentas dentro da pesquisa.

As entrevistas narrativas se caracterizam como ferramentas não estruturadas, visando a profundidade de aspectos específicos, a partir das quais emergem histórias de vida, tanto do entrevistado como as entrecruzadas no contexto situacional. Esse tipo de entrevista visa encorajar e estimular o sujeito entrevistado (informante) a contar algo sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social (Muylaert *et al.*, 2014, p.194).

Pesquisar o cotidiano de uma escola tradicional já é um desafio. No caso, a pesquisa que me propus investigar apresentou desafios ainda mais complexos devido à organização da escola. Por um período de um ano letivo e meio (aproximadamente 15 meses)²¹ observei, participei, ouvi, senti, vi as movimentações dos estudantes do 6º ao 9º ano nos espaços/tempos da escola. Utilizei registros de imagens, registros no diário de campo e conversas com os estudantes, professores, coordenação e pais. Busquei captar o máximo das relações construídas estudante-escola-experiências de lazer – aprendizagem-saberes. O que eles aprendem? Como eles aprendem? De que forma se organizam na rotina da escola?

Essas perguntas serão discutidas ao longo do texto e uma das formas de começar a entender essa escola é através da sua arquitetura. Segundo Dayrell (1996) nenhuma arquitetura é neutra, ou seja, a arquitetura expressa uma expectativa de comportamento dos seus usuários. Nesse caso, “a arquitetura escolar interfere na forma da circulação das pessoas, na definição das funções para cada local. O espaço arquitetônico da escola expressa uma determinada concepção educativa” (p. 147). O fato da escola do Encantamento ter sido uma fazenda, para

21 Este período se estendeu por mais um mês devido ao período de greve dos professores que aconteceu durante o processo da pesquisa.

anos depois ver seu espaço se adequar para um projeto educacional, diz muito sobre o tamanho e a distribuição dos ambientes no espaço físico. No próximo tópico, a arquitetura escolar será apresentada através de imagens fotográficas e fica como um convite ao leitor adentrar no chão da escola com um olhar mais atento e uma abertura para o que irei contar-lhes sobre os dias vividos lá.

Figura 3: Espaço multiuso.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 4: Quadra 1.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 5: Quadra 2.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 6: Campo de Beisebol (ao fundo).



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 7: Campo.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 8: Piscina em construção.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 9: Biblioteca.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 10: Biblioteca.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 11: Sala de informática.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 12: Salas para oficinas.



Fonte: Acervo pessoal.

3 DA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE ÀS RODAS DE CONVERSA: observações de uma professora-pesquisadora em um “campo outro”

A Escola do Encantamento se situa na região do Barreiro, em Belo Horizonte, onde seu terreno já foi a sede da antiga Fazenda Barreiro, datada de 1855 em registro de demarcação de terra, passando pelo Palácio dos Governadores de Minas Gerais, antes de ser uma unidade da Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (extinta FEBEM), em 1966.

A partir da constituição de 1988, e do Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990, houve o encerramento das suas atividades e o local foi destinado a ser uma casa para acolhimento mais humanizado e de convivência familiar. Este projeto funcionou no espaço até 2006, quando as atividades foram encerradas. De 2006 até 2012, o espaço ficou abandonado. Em 2012, foi inaugurada, então, a escola com uma proposta de fazer parte do Programa Escola Integrada, um programa da secretaria de educação de Belo Horizonte, onde os estudantes em um dos turnos aprendiam as disciplinas curriculares e em outro turno, aconteciam as oficinas extracurriculares de danças, música, informática, circo entre outras.²²

Neste momento, a Escola do Encantamento recebia os estudantes de outras escolas para realizar as oficinas em seu espaço físico. A partir de 2017, a escola começa a atender estudantes para a modalidade de Educação de Jovens e Adultos, a EJA e vai ampliando o atendimento para outras turmas até que em 2018, o atendimento se estende para o ensino fundamental, do 6º ao 9º ano com a proposta pedagógica de Educação Integral, no sentido de ofertas às atividades vinculadas às áreas de conhecimento, abordadas de forma interdisciplinar e contextualizadas, mas também à oferta de atividades e vivências educativas vinculadas a saberes populares e conhecimentos diversificados materializados nas oficinas desenvolvidas (Proposta Pedagógica, 2017).

As minhas observações começaram em junho de 2021, quando participei de duas reuniões online com a coordenação e professores da escola do Encantamento.²³ Naquele momento as escolas estavam fechadas devido à pandemia e a discussão girava em torno da elaboração de um portfólio contendo as atividades desenvolvidas pela escola desde o início do fechamento

22 Para o entendimento desta tese não se faz necessário o detalhamento do Programa Escola Integrada da Prefeitura de Belo Horizonte. Para mais informações há referências no site www.pbh.gov.br

23 Nesse momento, a escola já havia autorizado a realização da pesquisa e o projeto se encontrava em análise pelo Comitê de Ética da UFMG.

das escolas em março de 2020. O desafio era como transferir as atividades presenciais para o ensino remoto e fazer o acompanhamento dos estudantes nessas atividades.

Em outra reunião on-line, a comunidade estava presente e foi discutido métodos para se organizar o tempo. Os pais e responsáveis foram ouvidos sobre as dificuldades que tinham em acompanhar as atividades da filha que era aluna da escola. Para ajudar, a escola convidou um estudante de psicologia para compartilhar algumas técnicas de organização do tempo como a pomodoro (divisão do tempo em 25 minutos de atividade e 5 minutos de descanso) e a Camban (organização das tarefas em “a fazer”, “fazendo”, “feito”).

No segundo semestre de 2021, as escolas começaram um movimento de retorno às atividades presenciais, porém, num sistema de “bolhas” onde os estudantes eram agrupados em pequenos grupos. O avanço da vacinação na população assinalava um possível aumento do número de estudantes nas escolas, vislumbrando um retorno em definitivo para o ensino presencial, o que aconteceu no ano de 2022.

No dia 05 de agosto de 2022, uma sexta-feira, iniciei as observações *in loco*. Já conhecia o espaço da escola, mas ali, naquele momento, era a professora-pesquisadora entrando num universo desconhecido. Cheguei às 13:00h, horário pós intervalo do almoço. Vi alguns estudantes descendo as escadas e observei que estavam indo em direção a uma sala. Porém, era uma sala diferente, um salão como eles chamavam, o *salão do conhecimento*. Esse espaço era organizado com várias mesas redondas, separadas por cores no chão e os estudantes estavam divididos em quatro por mesa. No momento em que entrei no salão, eles estavam conversando muito e vi alguns professores com as mãos levantadas. À medida que um professor levantava a mão, alguns estudantes foram levantando também e percebi que a sala estava ficando mais silenciosa. Perguntei, depois, para um professor o que significava esse processo e ele me disse que era o sinal para pedir silêncio. Nesse momento, a professora pediu que os estudantes do 6º e 7º anos fossem para o auditório para o projeto “cine clube” e os estudantes do 8º e 9º anos permaneceriam no salão para continuar fazendo o roteiro de estudos.

Como os estudantes eram divididos naquelas mesas? Qual o critério adotado pelos professores para tal? Pensei ao olhar para aquele espaço. Após o intervalo da tarde de 14:45 às 15:15, os estudantes voltaram para o salão para irem para as *atividades autônomas*. O “salão,” como eles diziam, era um espaço referência para o início e o fim de todas as atividades. O coordenador pedagógico conversou com os estudantes sobre o significado das atividades

autônomas, pois, segundo o mesmo, os estudantes não entenderam a proposta e estavam nos espaços destinados às atividades, “fazendo nada”.

Houve um encaminhamento dos estudantes para uma conversa no auditório e lá, perguntou quem deles saberia dizer o que significava e qual era o sentido das atividades autônomas. Os estudantes que levantaram a mão foram à frente para dizer aos colegas qual era o significado das atividades autônomas. Disseram que era um momento que os estudantes poderiam escolher o que gostariam de fazer, reunir os colegas e chamar um educador de vivência para estar com eles. A conversa continuou sobre o significado da mão levantada no salão. O coordenador disse que a mão levantada significava que o professor precisava falar algo e que o som da conversa no salão estaria alto demais. Entretanto, os estudantes estavam vendo o sinal e continuavam conversando e esse comportamento estava atrapalhando os próprios estudantes, pois eles somente iriam para as atividades autônomas mediante o silêncio deles. Após essa conversa, os estudantes foram dispensados.

Observar uma escola diferente das tradicionais que se organiza sem a divisão de turmas em salas, sem os horários fragmentados das disciplinas foi um desafio para o meu corpo formado e “enformado” numa “estrutura outra” de escola. Acompanhar a logística dos professores para organizar os espaços e atividades e os estudantes se movimentando nesse espaço foi muito desafiador nos primeiros dias. Fui entendendo ao longo do tempo que existem dois percursos: o percurso semanal do professor e o percurso semanal do estudante, descritos abaixo:

Quadro 1: Percurso semanal do professor.

Horário	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
7:00 às 8:00	Planejamento Individual e/ou coletivo	Planejamento Individual e/ou coletivo	Planejamento Individual e/ou coletivo	Planejamento Individual e/ou coletivo	Planejamento Individual e/ou coletivo
1º módulo 08:00 às 9:45	Acompanhamento e/ou ofertas de vivências educativas	Rodas de conversa (pequenos grupos)	Acompanhamento e/ou ofertas de vivências educativas	Áreas do conhecimento	Áreas do conhecimento
Lanche da manhã 09:45 às 10:15					
2º módulo 10:15 às 12:00	Áreas do conhecimento	Rodas de conversa	Áreas do conhecimento	Áreas do conhecimento	Áreas do conhecimento
Almoço 12:00 às 13:00					
3º módulo 13:00 às 14:45	Áreas do conhecimento	Áreas do conhecimento	Orientação de estudos	Planejamento e Formação por área do conhecimento	Planejamento e formação coletiva
Lanche da tarde 14:45 às 15:15					
4º módulo 15:15 às 17:00	ETI – Eixo Temático Integrador	Acompanhamento das atividades autônomas	Orientação de estudos	ETI – Eixo Temático Integrador	Planejamento e formação coletiva

Elaborado pela autora.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico (2017), os professores se organizam por **Área do conhecimento** ou em coletivos de toda a escola para o cumprimento semanal de dezessete módulos no desenvolvimento de atividades pedagógicas com os estudantes (**Estratégias Educativas**): elaboração e aplicação dos roteiros de atividades por área do conhecimento, orientação de estudos (tutoria), participação nas rodas de conversa, acompanhamento ou oferta das vivências educativas, apoio às atividades autônomas, trabalho coletivo nos eixos temáticos integradores.

Quadro 2 - Percurso semanal dos estudantes.

Horário	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
1º módulo 08:00 às 9:45	Vivências Educativas (Oficinas- Jornada Ampliada)	Rodas de conversa (pequenos grupos)	Vivências Educativas (Oficinas- Jornada Ampliada)	Áreas do conhecimento	Áreas do conhecimento
Lanche da manhã 09:45 às 10:15					
2º módulo 10:15 às 12:00	Áreas do conhecimento	Rodas de conversa	Áreas do conhecimento	Áreas do conhecimento	Áreas do conhecimento
Almoço 12:00 às 13:00					
3º módulo 13:00 às 14:45	Áreas do conhecimento	Áreas do conhecimento	Orientação de estudos	Vivências Educativas (Oficinas- Jornada Ampliada)	Vivências coletivas
Lanche da tarde 14:45 às 15:15					
4º módulo 15:15 às 17:00	ETI – Eixo Temático Integrador	Atividades autônomas	Orientação de estudos	ETI – Eixo Temático Integrador	Vivências Coletivas

Elaborado pela autora.

No percurso semanal dos estudantes está previsto oito módulos para o desenvolvimento dos Roteiros de Atividades organizados em cadernos por **Áreas do Conhecimento** que articulam os conteúdos de todos os componentes curriculares da proposta pedagógica, assim distribuídos: quatro módulos de Códigos e Linguagens – Caderno 1 (Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Arte e Educação Física), dois módulos de Ciências da Natureza e Matemática – Caderno 2 (Ciências e Matemática) e dois módulos de Ciências Humanas – Caderno 3 (História e Geografia). Nos outros tempos, os educandos estão inseridos nas demais atividades pedagógicas (Proposta pedagógica, 2017). A primeira hora da semana (de 07:00 às 08:00 de segunda-feira) é destinada à organização de todos os espaços da escola.

Num primeiro momento, fiz a escolha de acompanhar mais o percurso dos professores para me inteirar do processo, entender melhor toda essa organização para depois, acompanhar os estudantes. Na semana seguinte, retornei no terceiro módulo de 13h às 14:45. Comecei a

entender a organização dos estudantes no salão. Os mesmos eram divididos por setores de cores: laranja, azul, amarelo, roxo, verde e vermelho. Cada setor possuía um professor tutor responsável. Nessa organização, alguns estudantes tinham as saídas para atividades específicas de Arte e Educação Física. Nesse dia, o 7º ano realizou a saída para atividades de Arte. O 6º, 8º e 9º anos continuaram no salão para fazer o roteiro de estudos de Ciências Humanas, Geografia e História.

Observei uma agitação maior dos estudantes no salão, conversando. Eles estavam fazendo seus roteiros. Os roteiros de estudos do 6º, 7º e 8º anos são os mesmos. Os assuntos são: frações; inglês no dia a dia; ocupação e desenvolvimento econômico da região Sudeste do Brasil; a célula; problemas e soluções; tempo e história; história em quadrinhos. O roteiro de estudos do 9º ano são: frações; inglês no dia a dia; luz e cores; álgebra; tempo e história; história em quadrinho.

Conversando com um professor, ele me disse que em 2019 era muito diferente. Perguntei a ele o que era diferente e ele me disse que as rodas de conversa aconteciam e eram muito eficazes e que o comportamento dos estudantes no salão era muito diferente. Quando o professor levantava a mão pedindo silêncio, logo eram atendidos. Atualmente, o professor pode ficar 30 minutos com a mão levantada que os estudantes não se preocupam. E continuou: “As rodas de conversa não estão acontecendo”. Me disse que em 2019 a roda era organizada pelo diretor da época e que hoje em dia estão deixando para as equipes de responsabilidade se organizarem e na sua opinião, os estudantes ainda não possuem maturidade para a sua organização.

Na organização semanal da escola, os professores e coordenação pedagógica se reúnem todos os dias de 07:00 às 08:00 para planejar as atividades. Neste dia, os docentes estavam planejando as *conexões dos saberes*: clube de ciências, jogos, treino, PAJU, linguagens, ritmo e poesia, musical e astronomia. A conexão dos saberes é o momento onde professor e educador de vivência unem seus conhecimentos para ensiná-los aos estudantes.

Após esse momento, os professores planejam as atividades dentro dos coletivos para organizar o percurso de atividades da semana. Enquanto os professores estão no planejamento, os estudantes estão nas *vivências educativas* que são oficinas com atividades propostas pelos educadores de vivência, realizadas durante um semestre. São elas: jogos e brincadeiras, atividades circenses, dança, cinema e futsal.

No dia seguinte, no 3º módulo, os estudantes estavam no salão do conhecimento se organizando para as saídas. O setor laranja, composto pelos 8º e 9º anos iriam para o auditório em uma atividade do cineclube que seria quinzenalmente. Após esta atividade haveria o intervalo para o lanche da tarde e logo após as *atividades autônomas*. Este momento se organizava da seguinte forma: os estudantes escolhiam qual atividade gostariam de realizar, reúnem um grupo de estudantes para realizar esta atividade e combinam com o educador de vivência para estar com os mesmos. Estas atividades podem ser desde brincadeiras no bosque até dormir na biblioteca, por exemplo, e são escolhidas durante a semana.

Neste dia acompanhei as brincadeiras no bosque. A educadora de vivência observa a movimentação dos estudantes subindo nas árvores e logo avisa que não poderiam fazê-lo. Porém, os estudantes insistem e a educadora desiste de falar com os mesmos. Ao observar este tempo da escola me perguntei: se o momento se chama atividades autônomas, qual o motivo da presença do educador de vivência? Nesse caso, como ensinar sobre ser autônomo e desenvolver essa autonomia?

19 de agosto de 2022. Cheguei à escola às 12:30. Nesse horário os estudantes estavam no intervalo das aulas. Alguns jogavam futebol e brincavam, outros estavam sentados na arquibancada. Um educador estava observando a movimentação deles. A organização dos módulos seria da seguinte forma: 8º ano ficaria no laboratório com jogos; 9º ano no salão do conhecimento. O 6º e 7º anos iriam para o auditório para o projeto do Cine Clube. Em cada grupo ficam estudantes do 6º, 7º, 8º e 9º anos. Porém em quase todas as atividades há a divisão dos grupos por ano do ciclo.

Conversei informalmente com uma estudante do 9º ano sobre o roteiro de estudos que os estudantes precisam fazer. Ela me disse que não iria conseguir terminar o roteiro porque estava muito grande e já teria um outro roteiro para começar. Me disse que teria que esperar para fazer a pesquisa porque tem um dia específico para pegar o tablet e não era no dia de hoje (na sexta). Perguntei se ela poderia fazer as pesquisas do roteiro no celular. Ela me disse que não era permitido. Perguntei o que ela mais gostava de fazer na escola. Ela me disse que eram as *atividades autônomas*. Me disse que antigamente as rodas de conversa aconteciam e que nos dias atuais só existem as equipes de responsabilidade. Me disse também que gostava da escola quando havia uma divisão por ano: Grupo 1 era o 6º ano; grupo 2, o 7º ano, grupo 3, o 8º e 9º anos.

Perguntei a ela se já havia dito isso para a coordenação. Ela me disse que sim, mas que a coordenação respondeu que essa organização não iria mais acontecer. Sobre o tempo que ficava na escola, me disse que ficava muito cansada, pois saía da escola às 17:00 e ainda tinha aulas particulares e chegava em casa por volta das 20:00, diariamente. Enquanto conversávamos, o 6º e o 7º anos voltaram mais cedo para o salão, pois descumpriram os combinados no auditório. Enquanto isso, no salão, os professores chamavam a atenção dos estudantes por não fazerem seus roteiros de estudos naquele momento. Após o intervalo do lanche da tarde, aconteceriam as atividades autônomas do dia. As atividades já haviam sido escolhidas durante a semana pelos estudantes. Badminton, futebol na quadra, dança, brincadeiras no bosque e biblioteca.

25 de agosto de 2022. 1º módulo: os estudantes estavam nas vivências educativas enquanto os professores estavam na formação. Perguntei para dois estudantes qual a diferença entre conexão dos saberes, vivências educativas e atividades autônomas. Eles me responderam que nas vivências eles escolhem um tema para aprender durante seis meses. Nesse caso, são duas vivências por ano. Uma estudante me disse que seria como se fosse um hobby, uma atividade que você gosta muito de fazer. As atividades autônomas é o momento onde podemos escolher o que queremos fazer, disse ela. Nas vivências, eles podem escolher, porém precisa passar por uma roda de conversa antes.

No 2º módulo, os professores estavam em reunião conversando sobre as atitudes dos estudantes no salão, o roteiro de estudos, e a escolha por fazer uma organização no salão com setores multisseriados. A coordenação começou dizendo que o salão multisseriado não foi uma ideia “comprada” pelo coletivo de professores da escola. Uma professora continuou dizendo que não houve uma legitimação dessa ideia pois foi imposta pela coordenação e por isso a dificuldade de implementação de fato do salão multisseriado. Hora do recreio. Futebol e tapão com cartinhas é quase uma unanimidade entre os estudantes. Após o recreio, os estudantes retornaram para o salão, pois a quadra seria organizada para a assembleia geral. Antes desse momento, os professores já haviam conversado com grupos menores sobre os assuntos a serem discutidos na assembleia.

Figura 13: Assembleia dos estudantes.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 14: Assembleia geral dos estudantes.



Fonte: Acervo pessoal.

Participar da assembleia foi um momento muito interessante, pois pude aprender enquanto professora, como se realiza uma assembleia para fazer com os meus estudantes e enquanto pesquisadora, entender a importância de se exercer a democracia e a cidadania, uma vez que os estudantes tinham o espaço de expor o que gostariam que mudasse na escola e colocavam em votação as pautas.

No dia seguinte à assembleia estava acontecendo o festival de pipas na escola. Os estudantes haviam participado de uma oficina para aprender a fazer pipas e brincar. Alguns estudantes não quiseram participar do festival. Esses foram encaminhados para o auditório para assistir a um filme no projeto cine clube.

Após algumas semanas de observação dos estudantes, vi a necessidade de acompanhar também o percurso dos professores para entender todo o funcionamento da escola. A primeira hora da segunda-feira é sempre destinada à organização dos espaços. Cada professor e educador de vivência de acordo com seu planejamento comunicam à coordenação qual espaço precisará para realizar as atividades. Estava começando a entender a dinâmica de organização dos espaços da escola.

Dia 2 de setembro de 2022. Cheguei à escola no 3º módulo, na parte da tarde. O 8º ano estava no salão, o 6º e 7º anos no cine clube e o 9º ano na biblioteca. Fui até o auditório para acompanhar o cineclube. Ao chegar a professora estava conversando com os estudantes a respeito do comportamento deles. Muita conversa atrapalhando os colegas de assistir aos documentários e fazer uma discussão a respeito. Após o 3º módulo, teria o 4º módulo com as atividades autônomas. Nesse dia as atividades foram: soltar pipa, futsal, skate, bosque, queimada e auditório.

Dia 28 de setembro de 2022. A professora está conversando com os estudantes sobre o significado do sinal de silêncio, dizendo que os professores estão ficando muito tempo com a mão levantada esperando o silêncio deles e não está acontecendo. Questionando o interesse dos estudantes, ou seja, quando é uma atividade do interesse deles há o silêncio; quando não é o mesmo não acontece com tanta facilidade assim. Outro questionamento foi em relação à liberdade que a escola proporcionava aos mesmos, segundo a professora os estudantes não estavam conseguindo lidar com essa liberdade. Após um tempo de conversa e espera pelo silêncio, os estudantes foram encaminhados a uma das quadras onde estava acontecendo um campeonato de queimada. Conversei com uma estudante que me disse que gostaria de assistir ao jogo na quadra ao lado. Perguntei a ela por que não poderia ir. Ela me disse que não poderia sair pois o setor ao qual ela pertencia não podia sair de onde estava determinado. No 2º módulo, após o recreio aconteceram as vivências educativas.

Dia 19 de outubro de 2022. A escola recebeu a visita de estudantes e professores de uma outra escola municipal. Assim como na Escola da Ponte, um dos estudantes do 9º ano foi o responsável por apresentar a escola para os professores e estudantes da escola visitante. Nesse

mesmo dia, a coordenação da escola visitante participou de uma reunião pedagógica dos docentes e coordenação da escola do Encantamento para entender os processos e tentar levar a experiência para a sua escola.

Dia 4 de novembro de 2022. A divisão no salão aconteceu com o 6º ano indo para o cine clube no auditório e os outros estudantes ficando no salão do conhecimento para fazer as atividades dos roteiros de estudos. Alguns estudantes estavam conversando muito; outros estavam tentando fazer as atividades. Os professores presentes ajudavam dentro de suas possibilidades, pois havia um desfalque de quatro professores neste dia.

Dia 07 de dezembro de 2022. Conversei com 3 estudantes do 9º ano. Estavam na escola desde o 6º ano. Viveram a escola antes, durante e após a pandemia. Pedi a eles que me contassem um pouco sobre a rotina deles, sobre o que mais gostavam de fazer e o significado dessa escola na vida deles. Essa conversa aconteceu no salão do conhecimento e nesse dia, os estudantes do 6º ano estavam muito agitados. Estava sentada numa mesa com os três estudantes e em muitos momentos não conseguia ouvi-los tamanha conversa dos demais.

Eles me contaram que gostavam muito da escola, do jeito que ela era, que tinham a liberdade de se expressar do jeito que eram. O que eles mais gostavam de fazer na escola eram as atividades autônomas, porque era o momento que podiam escolher as atividades que gostariam de fazer. Eles estavam apreensivos em relação a como seria quando saíssem da escola, pois não sabiam se iriam dar conta de retornar para o “velho” sistema escolar. No momento da nossa conversa um estudante do 6º ano arremessou uma cola que por pouco não me atingiu e também os demais que estavam na mesa. Nesse momento um dos estudantes que eu estava conversando ficou nervoso com a situação e foi verificar quem havia arremessado a cola. Percebi nesse momento que os estudantes do 9º ano se tornavam parceiros dos professores no processo de educar os estudantes do 6º ano na organização dessa escola. Após a nossa conversa, os três estudantes relataram a situação para a coordenadora pedagógica que logo veio conversar comigo dizendo o quanto eles estavam envergonhados com a atitude dos colegas. Disse a ela que estava tudo bem e saí admirada com a relação de respeito e corresponsabilidade educacional que presenciei.

Finalizei o ano de 2022, na certeza de que havia trilhado um caminho de muito conhecimento e aprendizado.

É importante destacar que sou professora de Educação Física em duas escolas públicas (uma em Belo Horizonte e outra em Rio Acima/MG) sendo que o ano de 2022 foi marcado por uma tentativa incessante de conseguir uma licença para aperfeiçoamento profissional ao qual tenho direito dentro das leis que regem o município de Belo Horizonte e também outras 4 tentativas na prefeitura de Rio Acima para que eu pudesse permanecer mais dias na escola realizando a pesquisa, porém, sem sucesso. Nesse contexto, os dias de acompanhamento das atividades na escola do Encantamento eram às segundas e sextas à tarde, às quintas na parte da manhã. No ano de 2023, consegui uma licença para estudos em Belo Horizonte durante todo o ano, mas, não consegui em Rio Acima. As minhas idas à escola aumentaram para segunda e sexta, conseguia permanecer o período integral e os outros dias, no período da manhã.²⁴

Dia 02 de fevereiro de 2023. Início do ano letivo. A reunião pedagógica é para tratar da organização das turmas no ano. A avaliação dos professores é que a organização multisseriada como foi no ano de 2022, pode ser uma proposta para os próximos anos, mas que houve dificuldades logísticas de manter essa organização para esse ano. A proposta da coordenação foi fazer dois coletivos. O coletivo A, referente aos estudantes do 6º e 9º anos; e o coletivo B, referente aos estudantes do 7º e 8º anos. De acordo com a organização da escola, em cada um dos coletivos é necessário ter um docente de cada área do conhecimento: códigos e linguagens (língua portuguesa, educação física, arte, língua inglesa); ciências humanas (geografia e história) e ciências da natureza (matemática e ciências). Os docentes então, escolheram em qual coletivo gostariam de ficar e já começaram a organizar os espaços e as atividades para esse início de semana.

Dia 7 de fevereiro de 2023. Na 1ª hora, de 07:00 às 08:00, os professores se reuniram para determinar os espaços dos coletivos na escola. 1º dia letivo para os estudantes. Os mesmos foram acolhidos pela coordenação e professores para um café da manhã. Após esse momento, todos eles foram levados para a quadra onde a equipe pedagógica se apresentou nos coletivos A e B. A diretora falou diretamente ao 9º ano, mostrando a importância que os mesmos possuem de ajudar os estudantes do 6º ano que estão chegando na escola, de serem os monitores dos estudantes do 6º ano nesse processo escolar. A coordenadora pedagógica comentou que muitos pais têm receio do projeto da escola por estarem acostumados ao modo

24 Relatar as dificuldades que tive para realizar essa pesquisa, diz muito da realidade que professoras e professores das escolas públicas enfrentam para continuar os seus estudos. Para além disso, não há incentivo financeiro para a formação continuada, o que dificulta ainda mais o processo.

tradicional de ensino. Para tirar as dúvidas, os estudantes do 9º e 6º anos foram encaminhados para o auditório.

Tudo é novidade para o 6º ano. Os primeiros meses são de adaptação para entender o objetivo de cada atividade, o que escolher, como escolher, entender que o processo de realizar as atividades do roteiro de estudos depende da sua própria organização do tempo.

Para o ano letivo de 2023, algumas modificações aconteceram nessa organização descrita acima: houve uma diminuição de um módulo da “área do conhecimento” e o aumento de um módulo para a “vivência educativa,” percebidas na figura abaixo:

Figura 15: Percurso semanal do estudante – ano 2023.

PERCURSO SEMANAL DOS ESTUDANTES					
HORÁRIO	SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA
7h45 às 8h			CAFÉ DA MANHÃ		
8h às 9h45 - 1º MÓDULO	ÁREA DO CONHECIMENTO	ÁREA DO CONHECIMENTO	VIVÊNCIA EDUCATIVA	EQUIPES DE RESPONSABILIDADE/ RODA DE CONVERSA/ ASSEMBLEIA DOS ESTUDANTES	ÁREA DO CONHECIMENTO
9h45 às 10h15			COLAÇÃO		
10h15 às 12h - 2º MÓDULO	TUTORIA	VIVÊNCIA EDUCATIVA	CONEXÃO DOS SABERES	ÁREA DO CONHECIMENTO	TUTORIA
12h às 13h			ALMOÇO		
13h às 14h45 - 3º MÓDULO	ÁREA DO CONHECIMENTO	ÁREA DO CONHECIMENTO	ÁREA DO CONHECIMENTO	VIVÊNCIA EDUCATIVA	ÁREA DO CONHECIMENTO
14h45 às 15h15			LANCHE		
15h15 às 17h - 4º MÓDULO	VIVÊNCIA EDUCATIVA	CONEXÃO DOS SABERES	TUTORIA	CONEXÃO DOS SABERES	ATIVIDADES AUTÔNOMAS

LEGENDA
(Faça um colorido na tabela do percurso e colore a legenda a seguir)

- ÁREA DO CONHECIMENTO
- TUTORIA
- VIVÊNCIAS EDUCATIVAS
- CONEXÃO DOS SABERES
- ATIVIDADES AUTÔNOMAS
- EQUIPES DE RESPONSABILIDADE/ RODA DE CONVERSA/ ASSEMBLEIA ESCOLAR

Fonte: Acervo pessoal.

Como mostra a legenda da figura, a organização da semana do estudante, em 2023 foi dividida em: *área do conhecimento*, onde os estudantes estão no salão do conhecimento realizando as atividades do roteiro de estudo. Podem acontecer algumas saídas específicas, por exemplo para as aulas de Educação Física ou Arte, ou alguma atividade fora da escola ou no auditório. A tutoria é o momento onde os estudantes estão com um professor num grupo menor. Momento para conversar sobre algum assunto importante, tirar dúvidas sobre o roteiro de estudos e criar uma relação mais próxima com o professor-tutor. Geralmente o contato da família com a escola é através desse professor-tutor.

As *vivências educativas* são atividades específicas desenvolvidas pelo educador de vivência. São elas: circo e dança, música, teatro, educação ambiental, foto e vídeo, mídias sociais, muay tai e boxe, futsal e robótica. O estudante escolhe uma vivência por semestre. A *conexão dos saberes* é o encontro dos saberes do professor com o educador de vivência. Este semestre está dividido da seguinte forma: moda: corpo e mundo, jogos, clube de ciências, PAJU, saberes e movimentos, robótica e RPG, por todo canto e musical. Da mesma forma, os estudantes podem escolher em qual das conexões quer participar e mudar a cada semestre. As *atividades autônomas* são o momento onde o estudante escolhe qual atividade fazer, reúne outros estudantes que queiram fazer a mesma atividade e “convoca” um educador de vivência para acompanhá-los. Pode ser que eles queiram ir para a biblioteca e deitar no tatame para descansar; pode ser que queiram ir para o bosque brincar de queimada. Pode ser que só queiram ouvir música. As atividades são as mais variadas possíveis de escolha dos estudantes. Já as equipes de responsabilidade são formadas pelos estudantes e tem a função de ajudar na organização dos espaços e outras situações de demanda dos estudantes: organização dos intervalos, mediação de conflitos, organização das atividades autônomas, eventos, organização do salão, apoio à vida, diversidade e comunicação. Na foto abaixo está o percurso semanal dos professores para o ano de 2023.

Figura 16: Percurso semanal do professor – ano 2023.

PERCURSO SEMANAL DOS PROFESSORES					
HORÁRIO	SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA
7h às 8h	REUNIÃO DE ORGANIZAÇÃO SEMANAL	PLANEJAMENTO DE CONEXÃO	PLANEJAMENTO DAS TUTORIAS	PLANEJAMENTO RODAS DE CONVERSA	PLANEJAMENTO POR COLETIVOS (ÁREA DO CONHECIMENTO)
8h às 9h45 - 1º MÓDULO	ÁREA DO CONHECIMENTO	ÁREA DO CONHECIMENTO	PLANEJAMENTO POR COLETIVOS	EQUIPES DE RESPONSABILIDADE/ RODA DE CONVERSA/ ASSEMBLEIAS DOS ESTUDANTES	ÁREA DO CONHECIMENTO
9h45 às 10h15	LANCHE				
10h15 às 12h - 2º MÓDULO	TUTORIA	PLANEJAMENTO POR ÁREAS DO CONHECIMENTO	ÁREA DO CONHECIMENTO	ÁREA DO CONHECIMENTO	TUTORIA
12h às 13h	ALMOÇO				
13h às 14h45 - 3º MÓDULO	ÁREA DO CONHECIMENTO	ÁREA DO CONHECIMENTO	ÁREA DO CONHECIMENTO	FORMAÇÃO/ REUNIÃO COM COORDENAÇÕES	ÁREA DO CONHECIMENTO
14h45 às	LANCHE				
15h15 às 17h - 4º MÓDULO	PLANEJAMENTO INDIVIDUAL	CONEXÃO DOS SABERES	TUTORIA	CONEXÃO DOS SABERES	PLANEJAMENTO INDIVIDUAL

26h15 com estudantes + 18h45 planejamento, formação e lanches = 45h

Fonte: Acervo pessoal.

No início do ano letivo de 2023 já estava mais adaptada à escola. Já entendia a organização dos espaços, atividades e tempos. Os estudantes já me conheciam e eu estava mais à vontade

para conversar com eles. Em março de 2023, iniciei algumas conversas com pequenos grupos de estudantes do 9º ano. Nessa primeira conversa, um estudante me disse que a escola do Encantamento era um lugar de convivência e socialização entre todos. Este mesmo estudante me disse:

Na escola você está com todo mundo o tempo todo, o dia inteiro. Você acaba fazendo amizade com todo mundo e a organização da escola é bem interessante porque mistura tudo, mistura as séries, então você pode dar uma assistência para quem tá precisando, todo mundo se ajudando. Mas, para aprender, eu aprendo mais em ambiente fechado. Disso eu sinto falta.

Outro estudante que estava na conversa me disse que a escola foca mais na socialização do que no aprendizado.

Perguntei para um deles se pudesse dar um nome para a escola, que nome ele daria. Me disse que a escola se chamaria LARE, porque seria o L de liberdade de ser quem se é, A de autonomia, R de responsabilidade, assumir suas escolhas e E de espaço. Achei interessante o seu ponto de vista sobre a sua experiência na escola.

No dia seguinte a essa conversa, na primeira hora, onde os professores se reúnem para organizar o dia, surgiu um assunto em que precisavam agir. Na noite anterior, houve um boato de que no dia seguinte haveria um massacre na escola. A diretora colocou essa situação dizendo que houve um “rebuliço” das famílias no grupo de whatsapp da escola.

Os professores decidiram, então, que no primeiro módulo, as equipes de responsabilidades teriam uma conversa com os estudantes sobre o assunto. Neste sentido, todos os estudantes foram para o auditório para essa conversa. Senti que a escola estava atenta às demandas da comunidade. E era um assunto importante a ser tratado naquele momento. Alguns estudantes não foram à escola com medo de que de fato algo perigoso pudesse acontecer. Mas, o dia transcorreu com muita tranquilidade.

Dia 12 de abril de 2023. No primeiro módulo acompanhei as atividades de Arte do 6º ano. A professora estava ensinando sobre a teoria da cor, como descobrir quais são as cores quentes e cores frias ligadas às sensações. Logo após essa aula, conversei um pouco com a professora. Ela me disse que está no projeto desde 2019. Ficou 6 meses e logo depois as escolas fecharam, devido à pandemia. Ela me contou que a maior dificuldade para ela é o grupo de professores, pois muitos ainda não entenderam que o projeto desta escola é um trabalho coletivo, e não individual, querendo fazer e ser melhores que os outros. Ela me mostrou o

roteiro de estudos do 8º ano. Perguntei a ela como eram feitos os roteiros e como eram escolhidos os temas. Ela me disse que alguns temas eram sugeridos pelos colegas, pela coordenação e outros pelos estudantes. Mesmo com a sua explicação, ainda permaneceu a minha dúvida de que forma os roteiros acompanhavam ou não, os temas sugeridos pela BNCC e como as áreas do conhecimento se interligavam nos roteiros. Talvez a minha mente pensando dentro de um formato específico não estava conseguindo entender que os temas estavam sendo trabalhados dentro dos roteiros de forma que os assuntos se interligavam como num rizoma sugerido por Deleuze, onde haveria uma conexão entre os conhecimentos. Essa conexão perpassava em todos os roteiros produzidos pelos professores do 6º, 7º, 8º e 9º anos.

Dia 17 de abril de 2023. Na primeira hora, o planejamento da semana. Os professores estavam reunidos para organizar a semana. 1º módulo: área de conhecimento para todos os anos. 2º módulo: tutoria. A tutoria é realizada entre um professor e um educador de vivência. É o momento de contato mais próximo com os estudantes e com suas famílias, pois as mesmas mantêm o contato através dos professores tutores.

Os dias passaram e continuei acompanhando as atividades. Em maio, aconteceram as avaliações dos estudantes. O conselho de classe é realizado pela coordenação pedagógica com os professores tutores e os educadores de vivência que avaliam o estudante em todas as atividades que ele participa. Em uma folha está a ficha de avaliação trimestral com alguns critérios: sociabilidade, organização e registro de auto-avaliação. A professora escreveu o nome dos seus tutorandos na folha e dentro dos quesitos ia fazendo a sua avaliação. O quesito *sociabilidade* se dividia em:

- A. Participação
- B. Respeito às diferenças
- C. Solidariedade e cooperação
- D. Cumprimentos dos combinados
- E. Respeito aos educadores

O quesito *organização* se dividia em:

- F. Organização do material
- G. Zelo pelo patrimônio
- H. Cumprimento com os tempos do processo

Cada quesito tem o valor de 2,5%. Sociabilidade soma um total de 12,5%; organização, 7,5%. A auto-avaliação tem o valor de 20%. Os outros pontos são avaliados na conexão dos saberes e nas vivências. Após a avaliação de todos os professores e educadores de vivência, os tutores se reúnem com os estudantes, cada um com o seu tutor para ouvir as avaliações e fazer a sua autoavaliação. Os professores me contaram que o 6º ano tem uma dificuldade maior de entender a autoavaliação, uma vez que nas outras escolas da rede, esta prática de avaliação não faz parte do processo. Mas, logo no segundo trimestre, quando aconteceriam novamente as avaliações, os estudantes já se acostumaram e entenderam a importância dessa percepção pessoal do seu processo de aprendizagem. Dentro desta avaliação, os professores viram a importância de se introduzir um caderno de registros das atividades do dia que eles chamaram de *diário de bordo*, pois sentiram que os estudantes estavam se perdendo na sequência das atividades, ou seja, sentiam que os estudantes não estavam acompanhando a rotina da escola. Esta forma de registro foi importante para que eles pudessem acompanhar o seu próprio processo de evolução pessoal.

Logo após o período das avaliações, conversei com duas professoras propondo um trabalho sobre cartografia afetiva com os estudantes do 9º ano. O objetivo seria mapear a escola de forma afetiva, onde eles iriam desenhar um espaço da escola que fosse significativo, redefinindo o espaço a partir do olhar deles. Essa intervenção iria me dizer muito sobre o que a escola do Encantamento significa para os estudantes, e seria o início para as rodas de conversa. As professoras gostaram da proposta e começamos os encontros. Primeiro, a professora de Geografia explicou a proposta, falou sobre as representações da cartografia social e o que seria a construção de um mapa afetivo. Ela utilizou o programa *Google Earth* para mostrar aos estudantes a localização da escola no tempo e espaço como um primeiro passo para a atividade.

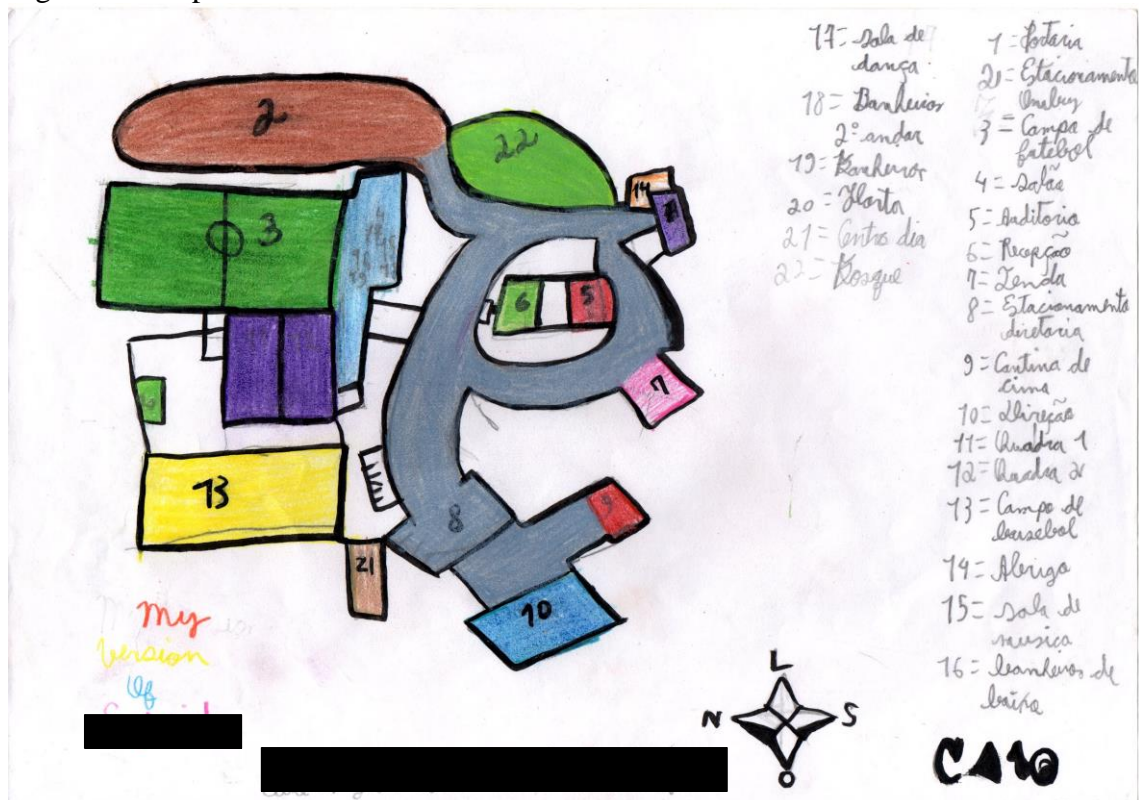
O mapa afetivo é uma representação gráfica das experiências vividas naquele espaço específico, a partir da forma como cada um é afetado por elas.

Da arte do desenho à expressão territorial; de mapas mentais a mapas formais mesclados por legendas *sui generis*, a Cartografia Social possui um papel transformador. Ao possibilitar diálogos de saberes e representações que expressam sentimentos identitários, o mapeamento do espaço vivido possibilita revelar poderes, conflitos, contradições e construções históricas que compõem as relações sociais de qualquer grupo ou comunidade (Lobão, Oliveira e Oliveira Júnior, 2022, p.8).

Mostramos alguns exemplos de mapas afetivos realizados em algumas pesquisas com povos originários como inspiração para seus mapas da escola. A professora de Arte explicou sobre como desenhar o mapa.

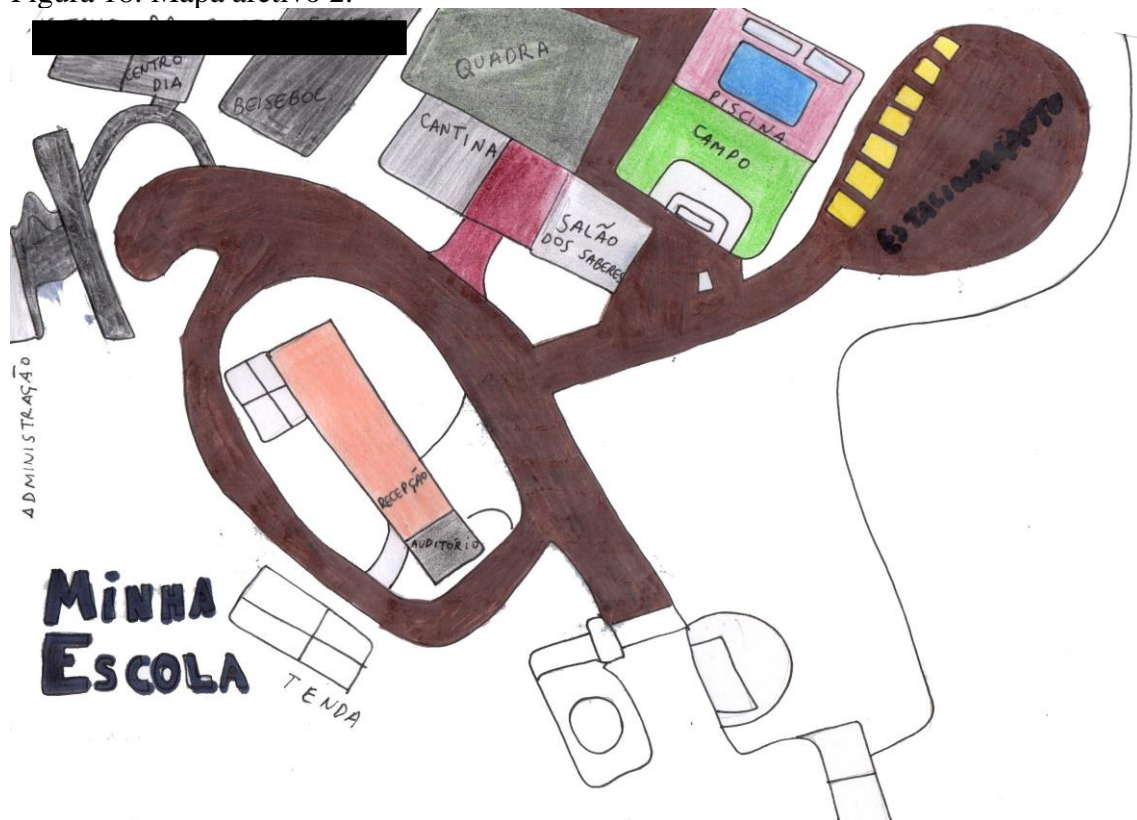
Após alguns encontros, os desenhos foram realizados e me deram mais pistas sobre as relações de afeto que os estudantes vivenciavam na escola como mostram os mapas abaixo

Figura 17: Mapa afetivo 1.



Desenho: Estudante do 9º ano.

Figura 18: Mapa afetivo 2.



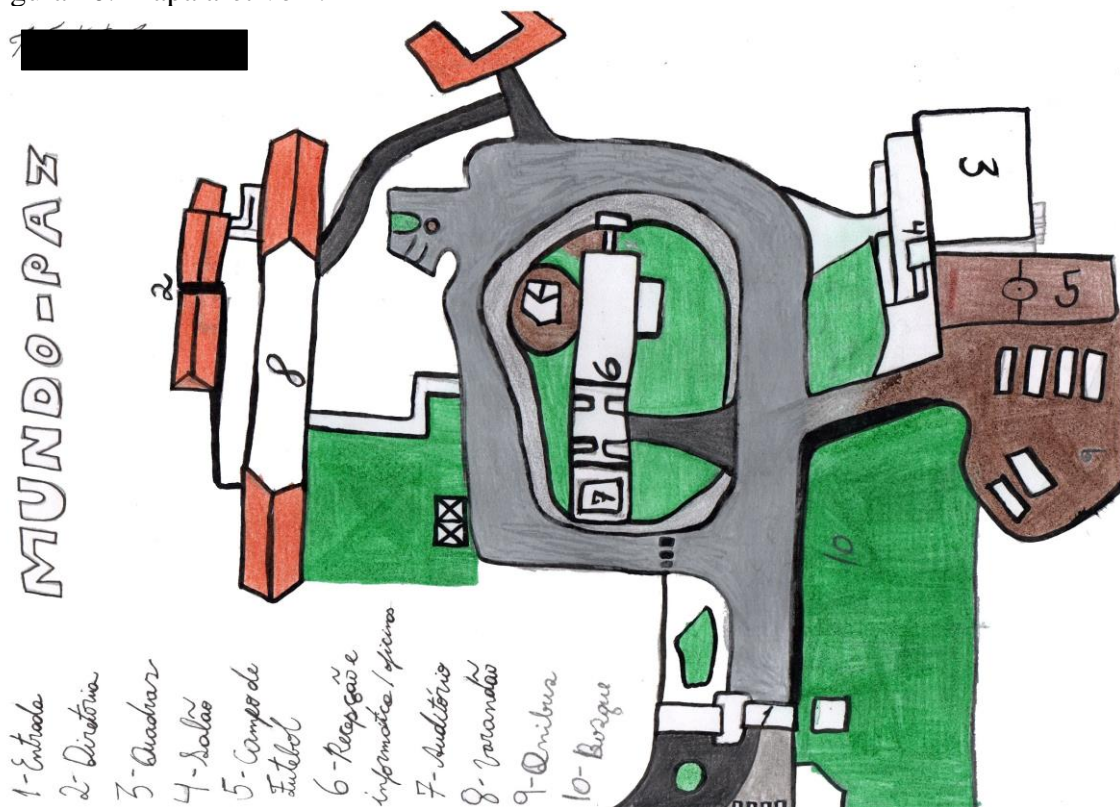
Desenho: Estudante do 9º ano.

Figura 19: Mapa afetivo 3.



Desenho: Estudante do 9º ano.

Figura 20: Mapa afetivo 4.



Desenho: Estudante do 9º ano.

As atividades na escola do Encantamento aconteciam concomitantemente para professores e estudantes. Algumas formações para os professores eram realizadas durante o período de aula, enquanto os estudantes estavam fazendo atividades com os educadores de vivência. Aconteciam, também, formações na 1ª hora do dia (de 07:00 às 08:00) quando os estudantes ainda não haviam chegado na escola. Acompanhei uma formação com uma psicóloga que foi até à escola para trabalhar as relações no grupo de professores, educadores e gestores. A intenção da formação seria definir qual o objetivo do grupo docente na formação integral dos estudantes; fortalecer a união do grupo para que cada vez mais pudessem trabalhar de forma colaborativa.

Num primeiro momento, os docentes já haviam definido alguns desafios que eles enfrentavam na escola. Era uma escola inovadora e portanto, desafiadora; uma escola hierarquizada e com muitos problemas trazidos pelos estudantes de suas casas. Num segundo momento, a psicóloga perguntou aos docentes como eles gostariam de ser ajudados pelos colegas e o que cada um poderia contribuir para construir um trabalho em grupo com qualidade.

As respostas foram diversas: olhar empático com o colega e com as pessoas com deficiência; conhecer o trabalho do outro para poder ajudar quando precisa; criar vínculos; ter mais paciência com os colegas que estão começando; ter o esforço da paciência; fazer um trabalho bem feito e ter a vontade de fazê-lo; desafio de tirar o melhor de cada pessoa em prol das experiências escolares; defender a proposta da escola; entender os processos das pessoas. Esta dinâmica iria se desdobrar em outros momentos de intervenção no clima escolar. No mesmo dia, no 3º módulo, houve uma outra dinâmica com um facilitador especialista em Comunicação Não Violenta - CNV. O assunto era inteligência emocional, como lidar com as emoções dentro dos desafios que a escola apresentava diariamente para os professores, educadores e gestores.

No dia seguinte (16/06/23) acompanhei a organização das equipes de responsabilidade, no 1º módulo. As equipes estavam organizadas em: organização das atividades autônomas; intercâmbio; apoio à vida; ecoa, comunicação; clube de leitura; diversidade; organização do salão e organização do recreio. Cada equipe possui um professor responsável por ajudar na organização das atividades propostas pelos estudantes. A equipe de comunicação estava organizando uma atividade de entrevistas onde os estudantes iriam entrevistar os colegas. Estavam naquele momento escrevendo os roteiros para a entrevista em grupos de 3 estudantes. Perguntei à professora como havia se formado aquela equipe de responsabilidade. Ela me disse que os estudantes propuseram os temas das equipes. “Essa existe desde o ano passado. A função ainda está em construção. Acho que eles se perdem no que tem que fazer; houve a retomada do rádio da escola, Todos os eventos, eles cobrem. Entrevistam, registram, escrevem a respeito”, disse ela. No mesmo dia, no segundo módulo, a escola recebeu a visita de uma pesquisadora. A apresentação foi realizada por três estudantes do 9º ano, que apresentaram os espaços e falaram sobre o funcionamento escolar.

Julho se iniciou com atividades previstas: festival de queimadas e festa junina. Os estudantes se dividiram entre aqueles que gostariam de ensaiar para dançar a quadrilha e aqueles que gostariam de participar dos jogos de queimada.²⁵ Após duas semanas de preparação, a festa junina aconteceu com muitas brincadeiras e as danças das turmas. Foi um dia muito alegre, festivo, onde houve a interação de professores e estudantes estreitando ainda mais os laços

25 A queimada é um jogo tradicional praticado nas escolas de Belo Horizonte, assim como em outras cidades e estados do Brasil. Há diversas maneiras de se jogar, mas a primeira forma consiste numa disputa entre duas equipes, onde a bola deve ser arremessada e acertar nos jogadores adversários para “queimar” o jogador. Vence a equipe que conseguir queimar o maior número de jogadores da outra equipe.

que estavam sendo construídos ao longo do ano, principalmente com os estudantes do 6º ano que estavam entrando na escola naquele ano. Fim do primeiro semestre de 2023.

Início do segundo semestre de 2023, dia 07/08/23. A primeira hora do dia era dedicada à organização dos espaços e atividades da semana. No 1º módulo, o 6º, 7º e 8º anos estavam no salão fazendo as atividades do roteiro de estudos; o 9º ano estava na atividade de arte. O dia começou tenso no salão devido a um atrito entre dois estudantes. Um estudante autista já estava estressado com outro estudante que o provocava constantemente. Numa nova provocação, o estudante jogou uma cadeira nesse que imediatamente revidou jogando outra cadeira no estudante autista. Esse teve uma reação de fúria, sendo contido por três professores. Após esse episódio, os outros estudantes ficaram muito agitados e barulhentos. A concentração para realizar as atividades ficou prejudicada devido a essa situação. Entretanto, alguns estavam conseguindo se concentrar e realizar as atividades propostas. Outros ficaram mesmo conversando ou “zapiando” no celular.

Estava sentada numa das mesas, observando a situação. Nesse momento sentou-se uma estudante do 8º ano e começamos a conversar. Ela me disse que se denominava bruxa, que vinha de uma família de bruxas. Me contou que foi diagnosticada com Transtorno de Déficit de Atenção (TDAH), mas antes era “taxada” de preguiçosa. Conhecedora da bruxaria, era vegetariana e médium e disse que a escola era perfeita para ela. Perguntei o motivo. Ela me disse que ali, os professores respeitavam os estudantes e que em outras escolas ela havia sido agredida verbalmente por outros professores. Perguntei a ela o que achava que poderia melhorar na escola. Ela me disse que poderia ter mais rigidez em alguns momentos. Ela já havia estudado em outro colégio que ela achava muito rígido e que não tinha respeito pelos estudantes. “Aqui tem muito respeito, disse ela, mas poderia ter um pouco mais de rigidez.”

O que ela quis dizer com o seu desejo da escola ser mais rígida? A escola anterior era rígida e para ela não era boa, mas ao mesmo tempo ela cobra essa rigidez da escola atual. A fala da estudante acima trouxe em mim um sentimento de ambiguidade; num certo sentido entendi que para ela a escola deveria ter uma relação de autoridade com os estudantes. Na outra escola por onde passou, os professores exerciam o autoritarismo, ou seja, a obediência pelo medo e não pelo respeito. Essa fala da estudante nos apresenta uma ambiguidade presente na educação e de certo modo complexa: ela deseja a liberdade, mas ao mesmo tempo exige que o professor imponha limites. Como exercer a relação professor-estudante nesse limiar

autoritarismo x autoridade? Mas afinal, o que é uma relação de autoridade? Como se dá essa relação no contexto educacional?

Yve de La Taille, no texto “Autoridade na escola” nos ajuda a refletir sobre o tema dizendo que a autoridade é um tema complexo devido a relação de poder existente. O autor define autoridade como uma relação onde alguém fala algo e suas ordens são consideradas legítimas por parte de quem ouve e obedece. Ou seja, há uma legitimação por parte de um daquilo que o outro está lhe dizendo para fazer. No contexto educacional, segundo o autor, só é possível a escola e o professor ter autoridade sobre os estudantes, se os pais transferirem essa autoridade para a escola, pois ainda não é uma relação simétrica entre iguais e sim de pessoas que estão em formação (Taille, 1999).

Neste sentido o autor faz uma reflexão sobre autoridade e autonomia, uma vez que a autonomia de uma pessoa se dá quando a mesma é capaz de ao ouvir a fala de uma outra pessoa apontando o caminho, ela ter a liberdade de tomar as próprias decisões de acordo com os acontecimentos. Ou seja, o contexto escolar é o espaço onde o estudante está se formando como cidadão, como um agente social; portanto a escola tem a autoridade, pois entende os caminhos para esta formação. E o professor ainda é o agente transformador que conduz o estudante. A questão colocada pelo autor é um esvaziamento da autoridade do professor pelos estudantes, como vimos na fala da estudante acima, quando a mesma relata que gostaria que a escola fosse mais rígida, nesse sentido da autoridade.

A não legitimação da autoridade do professor pelos estudantes é vista pelo autor como uma crise que está acontecendo nas famílias uma vez que muitos pais não veem a importância da escola e do estudo na formação de seus filhos. Por outro lado, há a necessidade de uma reformulação dos currículos escolares para se tornarem mais atrativos, condizentes com a realidade do estudante.

A crise da autoridade na educação é um tema que vem sendo discutido há anos. Encontramos no texto “a crise da educação” escrito pela filósofa Hannah Arendt (2022) uma reflexão a respeito da crise na educação nas escolas dos Estados Unidos como uma consequência de um esvaziamento da autoridade do professor.

Para a autora, a perda da autoridade na educação se constituiu como um reflexo da perda da autoridade na vida política e na vida familiar. Como saídas para essa crise, Arendt vai dizer

que o conservadorismo, no sentido da proteção, da conservação da tradição é fundamental na educação.

A verdadeira dificuldade na educação moderna está no fato de que, a despeito de toda a conversa da moda acerca de um novo conservadorismo, até mesmo aquele mínimo de conservação e de atitude conservadora sem o qual a educação simplesmente não é possível se torna em nossos dias, sobremaneira difícil de atingir. Há sólidas razões para isso. A crise da autoridade na educação guarda a mais estreita conexão com a crise na tradição, ou seja, com a crise de nossa atitude face ao âmbito do passado. É sobremodo difícil para o educador arcar com esse aspecto da crise moderna, pois é de seu ofício servir como mediador entre o velho e o novo, de tal modo que sua própria profissão lhe exige um respeito extraordinário pelo passado (Arendt, 2022, p. 280).

O que a autora está nos dizendo aqui é que para ela o professor com sua autoridade de mestre, de detentor do saber, ainda seria o responsável pela introdução da escolarização às crianças. Entretanto, o que as ideias progressistas vieram para dizer é que seria importante para o progresso da educação tirarmos o foco do professor e olharmos para os estudantes que já são seres capazes de aprender e apreender o mundo a partir do momento que o experimentam nos fazeres da vida. Ou seja, o ensino e a aprendizagem ganham um novo olhar, principalmente no que tange os modos de aprendizagem.

Neste contexto educacional norte americano, Jonh Dewey é um nome presente que surge com inovações na educação. Entretanto Arendt faz críticas aos seus pressuposto teóricos educacionais de Dewey.

Os pressupostos teóricos de Jonh Dewey tiveram grande repercussão dos programas educacionais ao redor do mundo, influenciando outros pensadores e chegando ao Brasil através de Anísio Teixeira²⁶ que trouxe as ideias do pragmatismo desenvolvidas nos ideais da escola nova, por volta dos anos 50. Historicamente, a educação pública para todos ainda não era uma realidade, cabendo às elites brasileiras o privilégio de serem educadas. Teixeira, após conhecer Dewey nos Estados Unidos, retorna ao Brasil, com uma nova base filosófica da educação progressista e de administração escolar, buscando transformar o modelo de ensino tradicional no país. Esse trabalho consistiu no estímulo e na cobrança do envolvimento

26No auge do debate sobre a universalização da escola pública, laica, gratuita e obrigatória, na década de 1930, Anísio Teixeira foi destacado como um dos signatários do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Ele defendia uma educação construtivista, que pensava os alunos como agentes transformadores da sociedade. (visto em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/institucional/saiba-quem-foi-anisio-teixeira#:~:text=No%20auge%20do%20debate%20sobre,como%20agentes%20transformadores%20da%20sociedade.>)

docente com o trabalho pedagógico, bem como na sistematização do sistema escolar público (Magoga; Muraro, 2020).

Teixeira esteve presente com algumas experiências de implantação de propostas na educação básica que tinham como uma de suas finalidades, promover uma educação integral em tempo integral como o Centro Educacional Carneiro Ribeiro, na Bahia (1950-1969). Outros exemplos pelo país: os ginásios vocacionais em São Paulo, na década de 60; a Escola Parque, em Brasília (1960- 1964); o Programa de Formação Integral da Criança (Profic), em São Paulo (1986- 1993); os Centros Integrados de Educação Pública (Cieps) no Rio de Janeiro (1983 – 1987 e 1991 – 1994); os Centros Integrados de Apoio à Criança (CIACs), na década de 90, no governo Fernando Collor (Guimarães; Souza, 2018).

A partir dos anos 90, a ampliação do tempo nas escolas públicas brasileiras passa a ser efetivamente prevista em Lei, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei 9394/1996, e reafirmada no Plano Nacional de Educação (PNE), Lei 10.172/2001 e no atual Plano Nacional de Educação (PNE – Lei nº 13.005/14). Para além disso, os órgãos internacionais como o Banco Mundial e a UNESCO influenciaram diretamente nas orientações e decisões das políticas públicas educacionais com o discurso de que o aumento do tempo do estudante na escola melhoraria a qualidade do ensino, entretanto, sem levar em consideração fatores fundamentais na educação como a formação continuada dos professores, melhores condições de trabalho, entre outros pontos (Guimarães; Souza, 2018)

Ao longo do meu tempo de observação/participação no cotidiano da escola do Encantamento, fui vendo e entendendo na prática como a concepção de educação integral estava inserida no tempo integral da jornada do estudante. Esta ampliação da jornada escolar trouxe alguns desafios para a escola ao longo dos anos: primeiro, o de assumir responsabilidades sociais que antes era delegada ao núcleo familiar, uma vez que a criança e o adolescente permaneciam na escola em um período menor (manhã ou tarde) e nos outros momentos estava vivendo outras experiências. Segundo que a permanência desse estudante na escola por um período de tempo integral desafia a escola a inserir no seu projeto político pedagógico “experiências outras” que sejam mais significativas do que aquelas que os estudantes vivem nos tempos não escolares. Ou seja, a vida que acontece fora da escola, agora está dentro do contexto escolar, para o bem ou para o mal. Uma não poderia ser dissociada da outra (Cavaliere, 2002).

No que tange essa pesquisa, a discussão foi compreender como o aumento da permanência do estudante na escola, poderia contribuir, de fato, para uma educação integral, no seu sentido

mais amplo, ou seja, uma educação para a integralidade do Ser. Entretanto, sabemos que há uma demanda crescente do aumento dessas escolas, enquanto uma política socioeducativa apenas para tirar as crianças e jovens de vulnerabilidade social do risco da contaminação com a violência, as drogas e o roubo, pensando apenas em carências morais e sendo reduzidas a mecanismos de moralização ou de reforço, recuperação, suplência, compensação, elevação de médias em provas de resultados quantificáveis (Arroyo, 2012).

Entendemos que essas tensões vividas no contexto educacional público brasileiro ao longo dos anos, retratam por um lado, os processos modernos/coloniais marcados pela permanência do *status quo* e por outro, os processos anti coloniais diários, as pequenas resistências que acontecem dentro da escola que talvez ainda não dão conta de transformar o sistema, mas fazem parte das ações cotidianas de uma proposta citada por Gallo e Monteiro (2020), chamada de *educação menor*, no que diz respeito às ações de enfrentamento ao sistema neoliberal ao qual nossas escolas estão inseridas.

O autor considera o educador-militante, um agente da transformação da macro política (educação maior) através das suas ações (micro política) dentro das suas atividades diárias no coletivo da escola (valor coletivo).

A ação de uma educação menor é capaz de produzir escolas outras no interior da escola mesma. Como temos afirmado desde o início, não nos parece que a estratégia para pensar e produzir outra escola ou outras escolas, de preferência, pois apostamos no múltiplo, não se coloca no âmbito de uma educação maior, que optaria por uma transformação geral do modelo de escola, produzindo um novo modelo que substituiria aquele vigente. Nossa tática é de outra natureza. Produzir pequenas mudanças no aqui e no agora da escola; dentro da própria escola, inventar e produzir escolas outras, investindo em práticas e ações transformadoras [...] A educação menor investe na potência, não na instituição de um poder. Fazer fraquejar o sistema pela potência da criação do novo, pela proliferação das diferenças, pela ação de cada professor que, em seu local de trabalho, construindo ou não alianças com outros colegas, consegue aliançar estudantes para um projeto coletivo de aprendizagens inventivas, para projetos coletivos de outros fazeres escolares. Isso muda as cores da escola. Isso produz escolas outras, ainda que continuemos a ver, no macro, a escola instituída de sempre. Mas, nas micro relações, o panorama muda totalmente e outros efeitos serão desencadeados (Gallo; Monteiro, 2020, p.13).

Durante os 15 meses de observação/acompanhamento do cotidiano da escola do Encantamento, vi a educação menor acontecer todos os dias. O coletivo de professores e gestores com um único desejo de fazer a escola acontecer no seu sentido mais amplo. De sustentar uma organização de escola defendida há anos, por essas pessoas. De acreditar que a proposta da escola é o melhor caminho para a comunidade escolar. Há desafios. E muitos. A crise na educação está acontecendo. Entretanto, são os mesmos desafios que dão a coragem de continuar.

Assim como no tópico “Espaços escolares” foi um convite para entrar no chão da escola, agora, após entrarmos, vamos saber como os estudantes e professores se configuram dentro desse espaço. É um novo convite para conhecer as “aprendizagens outras” vividas em seu cotidiano. Vamos entrar nas rodas de conversa com o coração aberto para a escuta atenta para aquilo que os sujeitos envolvidos têm a nos dizer a respeito da vida que acontece neste lugar multicultural.

O COTIDIANO DA ESCOLA

Figura 21: Estudantes e professores no salão do conhecimento.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 22: Tutoria.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 23: Vivência 1 – Esportes (futsal).



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 24: Vivência 2 – Educação Ambiental.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 25: Vivência 3 – Muay Tai e Boxe.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 26: Vivência 4 – Circo e dança.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 27: Vivência 5 – Musical.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 28: Conexão dos saberes 1 – Corpo e Mundo.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 29: Conexão dos saberes 2- Clube de Ciências.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 30: Conexão dos saberes 3 – Jogos.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 31: Conexão dos saberes 4 – PAJU.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 32: Auditório.



Fonte: Acervo pessoal.

4 RODAS DE CONVERSA: o que nos dizem os sujeitos das experiências

Uma escola é feita de pessoas e pessoas estabelecem relações. O que os sujeitos que vivem a escola do Encantamento todos os dias têm a nos dizer? Quais são seus encantamentos e as suas encruzilhadas a respeito da escola? Este capítulo buscou traduzir em palavras as experiências vividas diariamente na escola por aqueles que fazem a escola acontecer: professoras, educadora de vivência, direção, coordenação, estudantes e pais. Utilizei-me da conversa e das rodas de conversa como um recurso metodológico potente, pois conseguiria compreender melhor o contexto escolar através do olhar daqueles sujeitos que estavam me contando a sua história. As rodas de conversa, da mesma forma, propõe uma conversa em grupo, onde os pares se encontram e podem conhecer um o olhar do outro e assim o pesquisador consegue captar de forma geral o contexto estudado. É uma forma de produção do conhecimento realizada com a participação dos sujeitos da pesquisa.

Neste sentido, os autores Silva e Bernardes (2007), dizem que

a Roda de Conversa é um profícuo meio para coletar informações, caracterizando-se como uma oportunidade de aprendizagem e exploração de argumentos, sem a exigência de elaborações conclusivas, em que a Conversa se desenvolve num clima de informalidade, o que cria possibilidades de diálogos (SILVA e Bernardes, 2007, p. 54)

As conversas com uma das professoras, estudantes, direção, coordenação e educadora de vivência aconteceram na escola. A conversa com a ex-professora e mãe de um estudante aconteceu de forma on-line, via google meet, devido a incompatibilidades de horários para uma conversa presencial. Com os pais foi enviado nos grupos de whatsapp das famílias um questionário realizado no google forms. Obtive o retorno de 26 questionários. Em todas as conversas o objetivo foi conhecer a escola através de cada olhar, de cada experiência vivida por eles e elas. Entender melhor como a escola se constituiu, como se deu a sua formação, os desafios do presente e as projeções para o futuro. A conversa em roda permitiu que os estudantes se (re) conhecessem em seus pares. Um aprendeu com o outro e viram que algumas dificuldades são as mesmas dos colegas. “Aprender com a própria vida só não é maior do que o aprender na Roda de muitas vidas, no aprender coletivo do ensinar a aprender” (Warschauer, 2000).

As conversas foram muito ricas, trazendo a vida de cada um com o qual conversei. Essa riqueza de detalhes estão nas próximas páginas, onde optei trazer a conversa literal dos sujeitos com suas potências.

A roda de conversa com as estudantes e os estudantes do 9º ano, aconteceu separadamente por gênero, devido a própria organização da semana naquele momento, de acordo com as saídas dos estudantes do salão, determinando que fosse dessa forma. A roda de conversa com os meninos aconteceu no dia 4 de setembro de 2023 e durou cerca de 42 minutos. Nessa roda de conversa, um dos professores que estaria em atividade com eles, optou por acompanhar a conversa. Fiquei receosa de que sua presença pudesse inibir algumas falas dos estudantes. Mas, ao longo da conversa vi que os estudantes estavam à vontade com o professor e que não haveria problemas quanto a isso. Segue a nossa conversa.

4.1 Roda de conversa 1: os estudantes do 9º ano

Comecei a nossa conversa explicando para eles, mais uma vez, o que eu estava fazendo na escola, os meus objetivos ali e porque eu gostaria de conversar com eles, apesar deles estarem me vendo acompanhar as atividades praticamente todos os dias, na escola. Perguntei a eles quem estava na escola antes da pandemia e quem havia entrado depois. Gostaria de saber deles como era a escola antes da pandemia e depois. Muitos deles entraram no sexto ano, em fevereiro de 2020 e logo depois, em março, as escolas foram fechadas e o estudo passou a ser on-line. Eles me contaram que a escola começou a organizar grupos de whatsapp com as turmas e as atividades eram enviadas em PDF e eles podiam fazer no arquivo ou fazer no caderno e enviar a foto para os professores. Um dos alunos me disse que em alguns momentos também da pandemia, a coordenação imprimia os roteiros e os estudantes iam na escola buscar esses roteiros.

Perguntei a eles o que eles percebem de diferente na escola antes da pandemia e depois. Um dos estudantes me disse que as regras da escola são definidas por eles mesmos, no início do ano, em assembleia. E uma das regras que eles definiram é que o salão precisa ser um ambiente mais silencioso e quando está muito barulhento, o sinal que eles acordaram é levantar a mão para sinalizar que precisam de silêncio. Entretanto, o que eles alegaram é que alguns professores estavam quebrando essa regra e gritando no salão para pedir silêncio. Outro ponto que eles colocaram foi sobre a organização do salão do conhecimento que para eles mudou muito e ficou pior. Eles me explicaram que no início do 6º ano, em 2020, a

organização do salão era a mesma que estava naquele momento, ou seja, 6º e 9º anos juntos e 7º e 8º anos. Na pandemia, houve a separação por “bolhas” que eram agrupamentos de poucos estudantes; no ano de 2022, houve uma outra organização do salão, com os estudantes sendo agrupados de forma multisseriada, ou seja, em um mesmo grupo havia estudantes do 6º, 7º, 8º e 9º anos.

O professor que estava presente nos esclareceu que cada ano houve uma organização.

“Em 2018 foi tudo misturado. Em 2019, foram 3 grupos. Então, não era por ano. Mas era coletivo A, coletivo B e coletivo C. Aí teve o dos setores. Que aí era o seguinte: era de todo mundo, só que pra gente ficou mais fácil porque tinha uma referência. Então a gente sabia por exemplo, o W. era professor de Educação Física que naquele setor, aquele dia, ele tinha passado. Porque em 2018 ficou muito confuso. É isso. Como os meninos podiam escolher qualquer lugar, imagina, tudo de todo mundo ao mesmo tempo agora, era impossível você saber o que cada estudante estava fazendo. Aí ano passado (2022) nós fizemos uma tentativa de setores. Tinha setores, eles eram todos misturados. Todos os professores e educadores estavam misturados, eu não tinha tutoria com todo mundo, mas eu sabia o que o setor vermelho e o azul tinham feito e tudo mais. E este ano achamos melhor voltar com uma organização de coletivos, separados, né. Tem suas vantagens, organizativas, mas tem suas desvantagens que os estudantes, por exemplo, não passam por todos os educadores, só passam pelos educadores do coletivo A.”

M: Esse ano vocês estão com o sexto ano. O que estão achando? Em relação ao aprendizado de vocês? Vocês sentem que estão aprendendo?

- Eu estou no nono ano e não sei nada. Ano passado eu tirei melhores notas do que esse ano, porque meu desempenho era melhor. Como o salão é grande eu perco muito a concentração, me distraio muito fácil.

M: Vocês estão me dizendo que está acontecendo uma dificuldade de aprendizagem dentro do salão. Mas, como vocês relatam essa dificuldade aos tutores?

- Eles entregam a atividade do roteiro, deixam com a gente e temos que fazer sozinhos. Não consigo me concentrar no salão. Às vezes eu até foco, tô aqui fazendo. Chega numa pergunta difícil que eu tenho que pensar demais. Aí eu vejo qualquer outra coisa assim, aí eu fico “boiando;” aí eu saio do meu lugar e esqueço dessa atividade...

- O melhor momento é quando todo mundo sai do salão e só fica o nono ano. Aí dá pra concentrar.

- O roteiro, a gente não aprende nada de nenhuma matéria e aí além de não aprender, a gente está fazendo o roteiro lá de boa, chega o professor do nada com outra atividade, tipo assim, eu posso terminar o roteiro? Aí a gente fica com “300” atividades para fazer. Aí tem atividade de filme, de Educação Física, tem atividade do clube de leitura, tem o roteiro...

- O que influencia muito também é que a gente acaba ficando muito cansado. A gente tem vivência, tem conexão...

M: Ia perguntar para vocês justamente sobre esse tempo que vocês ficam na escola...

- Acho que deveria ser separado, ter o turno da manhã e o turno da tarde, porque ficar o dia inteiro cansa e nem pra gente ter mais momentos de descanso porque o recreio também cansa, principalmente porque a gente chega do recreio para o segundo tempo no salão, a gente tá “morto” e tem que fazer Educação Física, roteiro. Não dá pra descansar dois minutos e os professores já estão falando pra gente fazer. Depois do almoço, tem dia que tem filme. Como quer que não dorme?

M: Vocês me disseram que o recreio também cansa...

- É muito barulho, muita gente, muita coisa acontecendo. Não tem um lugar específico porque todo lugar está cheio de gente. O banheiro está cheio de gente, a escada está cheia de gente, a quadra está cheia, o corredor, qualquer lugar está cheio. Não tem um lugar que a gente possa sentar, relaxar e respirar. Sem contar também que passa rápido o recreio. Para mim tinha que ter mais tempo de recreio.

M: Qual seria a sugestão de vocês para o recreio?

- Ir para o bosque.²⁷ Tinha uma época que eles liberaram para ir para o bosque. Ano passado eles liberaram a biblioteca e a informática para ficar na hora do recreio. Hoje em dia não mais. Voltando ao assunto do roteiro, a maior parte das pessoas aqui, mal passou na metade do roteiro, e eles já estão vindo com outro roteiro, já. Fora as outras atividades que não fazem sentido. A gente queria uma aula normal, exemplo, matemática, explica a matéria, o professor vai explicando e a gente vai copiando assim, as atividades. Eles pegam a atividade, entrega pra gente e acha que a gente vai aprender sozinho. Eu acho que quando eles forem ensinar alguma coisa nova, ao invés de só deixar lá e achar que vamos aprender sozinhos eles deveriam, tirar o nono ano, levar para outra sala e depois, nas outras semanas ter a aula prática daquilo pra gravar.

- Por mim, tirava o roteiro e passava atividade normal.

- Eu gosto muito da escola, mas o lance do roteiro também é complicado. Por mim, nos momentos de aula, ter uma aula mesmo, sem ser o roteiro.

- Você pode perguntar para qualquer aluna do nono ano, o que elas aprenderam esse ano de português, de geografia, de história, de ciências, todo mundo vai falar: nada.

M: Eu tô entendendo com a nossa conversa que o roteiro não está fazendo muito sentido para vocês...

- De fato. Outra coisa que colocaram também que não faz sentido: diário de bordo.

M: Para que serve o diário de bordo?

- Para anotar o que a gente fez durante o dia. Só que eles querem que a gente anote tudo, até quando fui ao banheiro. Eu posso fazer um resumo das atividades. E não o registro de cada módulo. Acho que deveria ser como um diário normal. Ex: Ah, hoje eu achei muito cansativa

²⁷ Bosque é um local dentro da escola com árvores e um espaço verde onde os estudantes podem descansar.

a vivência, mas eu aprendi isso... Eles querem tudo anotado. Não lembro nem o que eu comi no almoço!

M: Falando em vivência, como é a divisão dessas atividades? Vocês gostam?

- É a melhor hora. É mais útil que as matérias. A gente aprende mais na vivência, do que no roteiro.

M: O que são as atividades autônomas?

- Os alunos mesmos podem sugerir espaços. Por exemplo, se muitos alunos quiserem soltar pipa, um educador pode levar. Mas, na maioria das vezes tem totó, futsal, cinema, biblioteca, ninguém tem sugestão nova. Aí a gente escolhe onde a gente quer ir, sabe. É o momento onde temos a autonomia de escolher onde vamos ficar e não é um local onde a gente fica 100% livre, só largado lá, não. A gente escolhe o que a gente vai fazer, tem que ter um planejamento. Às vezes já tem alguns alunos da organização das atividades autônomas. Mas, já tem os locais pré-definidos, tipo quadra, bosque.

Na fala dos estudantes, o melhor momento de aprendizado seria nas vivências educativas em comparação com os roteiros de estudo. São dois momentos de aprendizagem que requerem deles uma atenção diferente. Nas vivências educativas, o aprendizado se dá em movimento, através do corpo e com o corpo. O roteiro é realizado dentro do salão dos saberes, todos juntos, onde há a necessidade de uma concentração e um ambiente silencioso para o estudo. Neste ponto, os estudantes dizem da sua dificuldade de realizar as atividades do roteiro devido ao ambiente não estar propício e também o excesso de atividades que os professores entregam além do roteiro. Para além disso, há uma falta de tempo para o descanso após o almoço. Segundo eles o tempo de uma hora para o almoço é pouco, pois perdem tempo na fila e até almoçarem já está no horário de ir para o salão e começar as atividades do período da tarde, onde no primeiro módulo da tarde, pós-almoço precisam continuar as atividades do roteiro ou fazer aula de educação física ou assistir a um filme no auditório, o que para eles seria uma dificuldade se manterem acordados.

A conversa com as estudantes será descrita no próximo tópico com outras questões trazidas por elas.

4.2 Roda de conversa 2: As estudantes do 9º ano

A roda de conversa com as meninas do 9º ano foi realizada no dia 10 de julho de 2023 às 14:44 e teve duração de 1h. 10 meninas estavam presentes nesse dia. Foi uma conversa descontraída, onde as mesmas puderam me contar sobre a escola através de seus olhares.

Para iniciar a conversa, comecei explicando sobre a pesquisa, os objetivos, o que eu estava fazendo na escola. Disse a elas que a escola do Encantamento era uma escola diferente das outras escolas da rede municipal de Belo Horizonte, e diferente também da maioria das escolas do país. A estrutura, a organização dos tempos das atividades, o espaço físico, tudo isso, por si só já era suficiente para que a escola fosse pesquisada e era isso que eu estava fazendo ali, conhecendo o cotidiano da escola, as relações que eram estabelecidas entre os estudantes, entre estudantes e professores, entre estudantes e o espaço escolar. Relembrei que estávamos fazendo um trabalho junto com as professoras de Arte e Geografia, sobre o mapa afetivo da escola, falado no capítulo anterior.

Pedi às estudantes que pegassem seus desenhos e comecei a fazer algumas perguntas sobre a escola. Disse a elas também, que a conversa seria gravada por uma questão de organização da minha parte, mas que a identidade delas seria preservada de acordo com o TALE, Termo de Assentimento Livre e Esclarecido que elas haviam assinado juntamente com os seus responsáveis (em anexo). O desenho serviu como uma inspiração para o início da conversa. Perguntei quantas delas estudavam na escola desde o 6º ano. 5 estudantes responderam de forma positiva. Pedi a elas, então, que me falassem um pouco da escola, o que mais gostavam, o que não gostavam, o que era a escola para elas.

- A escola que eu vivi no 6º e no 7º anos foram os anos antes da pandemia, e o 8º ano que foi durante a pandemia foram diferentes da escola que eu vivo este ano (2023).

M: É interessante isto que você está falando. Me conta, então como era a escola antes da pandemia e a escola depois da pandemia.

- Antes da pandemia, eu estudei muito pouco, foram só 10 dias de aula, quando eu estava no sexto ano. Não foi muita coisa, nem teve muita coisa. Mas mesmo nesses 10 dias já tive um passeio, conheci pessoas novas nesses 10 dias e foi legal. Só que aí passou a pandemia e veio a aula on-line. Mesmo sendo aula on-line a gente conseguiu interagir com outras pessoas. A aula on-line não era muito legal, não. A gente pegava atividade em PDF e podia fazer escrito. Depois entregava ou mandava foto. Mas assim, não era muito legal. Mas mesmo assim tinham algumas atividades diferentes. Tinha a conexão Ásia, tinha aula de dança. Porque matéria, matéria era ou você vinha aqui na escola e pegava o roteiro impresso ou

eles levavam para você dependendo da sua condição ou você recebia em PDF. Imprimia também. Tinha gente que imprimia e era muito ruim, porque se eu for falar agora do 8º ano eu não vou saber nada do 8º ano, porque na pandemia eu aprendi mais dança, da conexão Ásia. Tipo, de matéria eu não aprendi, não. Tinha Educação Física, tinha dança. Eu nem sei como que eu passei de ano.

- O 8º ano foi o melhor ano, ano passado. Foi muito bom, teve muito passeio, muita aula diferente. Era legal o jeito que a escola funcionava, os grupos, as atividades, os professores, eu achava tudo muito legal. As pessoas que estudavam aqui. Muito legal. Aí veio esse ano. Tudo desandou para mim, na minha opinião, na minha grande opinião. Sei lá, as coisas da escola mudaram bastante. Porque todo ano eles mudam um pouco. Algumas coisas, tipo ah é a organização do salão dos saberes, muda; os professores mudam; querendo ou não os estudantes também, né. Mas aí esse ano mudou e eu não gostei muito. E a maioria das pessoas que eu converso também preferiam os outros anos, quem já estudava aqui antes.

M: Mas o que para você foi diferente do ano passado para esse ano que foi ruim?

- A organização do salão voltou a ser igual em 2020. Só que em 2020 era legal, agora não. Eu achava 2020 legal. Agora é coletivo A e coletivo B. Aí o coletivo A é 9º e 6º ano. Eu não gosto muito disso. 9º com 6º. Eu sei que a ideia é o 9º ajudar o 6º. Mas assim, eu não acho que dá certo. O 6º sempre é rebelde com a gente, não quer aprender nada. E eles atrapalham a gente. Eu acho.

M: E como era ano passado?

- Ano passado era por setores. Eram seis setores: amarelo, azul, verde, laranja, vermelho e roxo. E as mesas não eram iguais agora, tipo 6º e 9º na mesma mesa e 7º e 8º do outro lado. Era misturado. Na mesma mesa tinha 6º, 7º, 8º e 9º ano e não era mesa redonda, era mesa quadrada. Mas depois mudaram para a redonda. Eu achava que era muito melhor assim e era assim a organização do salão, outras coisas eu acho que era diferente e também tinham outros professores e agora mudou bastante os professores e educadores. E também a coordenação mudou.

M: E vocês, meninas, concordam com a fala da colega? Querem acrescentar mais alguma coisa?

- Outra estudante: Em questão do coletivo, ano passado era melhor. A questão da bagunça da gente, estudante. Esse ano está muito melhor. A gente tá fazendo silêncio mais rápido. Ano passado demorava muito. Se tivesse o que a gente faz esse ano de perder tempo de atividades autônomas ano passado, a gente não ia ter autônomas porque era muito bagunçado.²⁸ Então esse ano de questão com 6º ano, tipo eu acho que a gente tá deixando eles bem na linha, do jeito que a escola é pra ser, organizada. Então esse ano tá muito mais organizado a questão do silêncio, de bagunça. Tá tendo briga, tá tendo mais dificuldades, tá. Mas tá muito melhor que no ano passado, questão de atividade também.

- Outra coisa que eu acho também, eles avançaram mais no ensino, no conteúdo. Tipo eles avançaram o nosso conteúdo, por exemplo, acho que eles estão passando algumas coisas

²⁸ Aqui a estudante se refere a um tipo de punição que estava acontecendo. Ao demorar para fazerem silêncio no salão do conhecimento, o mesmo tempo era diminuído no tempo das atividades autônomas.

mais avançadas pra gente do 9º do que eles passavam para o 9º do ano passado. E o 6º está com o roteiro do 8º do ano passado. Eu acho que eles avançaram bastante no ensinamento.

M: Como é essa questão do aprendizado, do conteúdo, através dos roteiros. Vocês sentem que vocês estão aprendendo? Não estão? Vocês conversam com os professores a respeito disso?

- O nosso roteiro esse ano só veio chegar agora (junho). Então, não tem como a gente falar sobre isso porque, tipo assim a gente acabou de pegar o roteiro praticamente, eles acabaram de dar começaram a falar sobre isso e tudo mais. Então tipo assim, não sei também.

- Outra estudante: Tem como falar sim. Porque a escola do Encantamento, o que eles firmam, tipo o senso dos assunto tudo (sic) é a autonomia. A gente ser autônomo. Então eles dão o roteiro temático e a gente estuda as coisas que estão lá. Beleza. Só que aí é a questão da autonomia. A matéria que a gente quer aprender e buscar saber no youtube, nos livros, porque se ficar só no roteiro que a gente ganha, temático, não aprende nada. Não tem como tirar um conhecimento do roteiro temático. Só se você pegar a matéria que está ali e estudar fora. Pegar livros, pegar youtube e estudar.

- Então, mas a gente não pega de tudo...

Houve um momento de discussão entre elas sobre o roteiro, pois para algumas não adianta nada ter o roteiro se os estudantes não estudarem os assuntos em outras fontes de pesquisa como a internet, por exemplo.

M: Me ajudem a entender. O roteiro está aí para ser uma rota de estudos, certo? O roteiro é para vocês aprenderem o conteúdo que precisa de acordo com as disciplinas. E aí, é claro que temos hoje o youtube, google que ajuda nesse processo de conhecimento. Mas na hora que vocês estão lá no salão, então, é difícil pegar o roteiro e fazer? Os professores ajudam, vocês se ajudam?

- Quando tem muito professor, beleza ajudar. Quando tem pouco, eles até ajudam. A questão não é o professor. É porque, independente se tiver um grupo, no salão faz muito barulho e eu não consigo concentrar. Eu sou uma pessoa que faz muito barulho. Só que para concentrar numa coisa, eu preciso de silêncio total. Tipo assim, não dá. Tô tentando fazer um negócio aqui, tô tentando ler, tem uma pessoa falando aqui, não dá pra me concentrar. Não sei porque também. Mas é porque eu não consigo. Ah, não sei também. Não consigo estudar aqui. Quando faltei semana retrasada eu faltei a semana toda e eu falei, putz devo estar atrasada no roteiro, tenho que fazer alguma coisa. Aí peguei o roteiro, tava só eu e minha irmã no outro quarto, aí eu fui pegar o roteiro e consegui fazer um monte de páginas. Foi bem legal. Aí eu falei: vou terminar de fazer na escola, né. Cheguei aqui e não consegui fazer uma página.

- Uma coisa que eu acho é que eles dão além de você ter o roteiro, eles vão dando outras atividades e aí você não sabe se concentra no roteiro ou nas atividades. Por exemplo, você está na página do roteiro que fala de um assunto específico. Aí você vai lá e estuda sobre isso. Mas aí você não vai se concentrar só naquilo porque ao mesmo tempo você precisa terminar outra atividade, outra coisa totalmente diferente do que você está estudando. Aí às vezes você não vai poder fazer o roteiro porque eles vão querer que você faça o negócio. Aí

em outro momento eles vão querer que você faça o roteiro. Aí você fica meio confuso porque você não vai poder concentrar totalmente naquele momento ou então, por exemplo, nessa semana vou focar nessa atividade aqui, porque eu consegui priorizar na minha mente. Mas você não consegue. Resumindo, a questão é a seguinte: eles têm uma proposta só que eles não conseguem aplicar essa proposta certa.

M: Vocês têm um tempo para poder completar o roteiro? É um roteiro por ano? Como funciona?

- Esse ano a gente tá muito atrasado com o roteiro. Ano passado foram dois roteiros temáticos e um de estudos. Os roteiros de estudo do ano passado tinham QR code para ver a matéria e tinha que pegar tablets e usar o livro.

M: Como é a avaliação do roteiro? Em que momento vocês conversam com os professores para avaliar?

- Geralmente é na tutoria, mas não são todos. Os professores avaliam se a gente tá fazendo alguma coisa. Ano passado eu era da tutoria do professor E. Ele que era mais de olhar assim. Ele pegava e olhava, página por página. E conversava com a gente perguntando sobre alguma atividade que estava em branco, por que não havia feito.

M: Vocês falaram uma palavra interessante: autonomia. O que significa autonomia para vocês? Como é esse processo, esse aprendizado de ser autônomo?

- Eu acho que eu não tinha autonomia, não. Na verdade eu nem sabia o que era essa palavra quando eu cheguei. Eu acho que autonomia hoje e autonomia em 2020, para mim, é nada e tudo. Agora eu acho que autonomia a gente usa toda hora na nossa vida. Por exemplo: vou lá no mercado comprar um pão. Precisa ter autonomia para você ir lá. Você precisa saber o quanto você precisa gastar, quanto que você pode gastar pra comprar tal coisa no mercado. Se eu for ao mercado comprar um alho e um arroz, aí eu vou e compro arroz, aí eu vejo um salgadinho, vejo um chocolate, um refrigerante, aí eu pego. Mas aí você pega sabendo das consequências depois. Isso é autonomia. Uma pessoa que não tem autonomia e tem dinheiro, ela vai pegar tudo o que ela quer sem autonomia. Você precisa saber escolher as suas atitudes, suas ações com sabedoria para entender as consequências.

M: E de que forma a escola ensina para vocês a terem autonomia?

- As atividades autônomas. Mas eu acho que as atividades autônomas a gente nem tem muita autonomia. Muitas vezes na escola a gente tem muito mais autonomia do que nas atividades autônomas. Acho que as atividades autônomas ensinam muito mais autonomia, tipo assim, eu peguei muito mais referência de autonomia nas atividades autônomas. Porque falaram assim: ah, a gente tem atividades autônomas. Eu falei: o que é autônomas? A proposta da autônoma é muito boa, a execução é horrível.

M: Então, me contem dessa organização da escola: conexão, atividades autônomas, vivências, tutoria...

- Uma coisa que eu acho que a gente tem muita autonomia é escolher o que a gente vai fazer. A gente escolhe com qual professor vai ficar na tutoria, a gente escolhe o que vai fazer na conexão, a gente escolhe qual atividade a gente vai querer fazer, qual atividade que a gente

vai se sentir confortável na vivência. Acho que isso daí é muito do que as escolas deveriam ter, porque você se sente uma pessoa importante. Igual a mandala que tem que eu sempre gosto de falar que ninguém fala. Tem todas as atividades que tem na escola e no meio tem o aluno, então a gente é o meio. Se não tiver daquele jeito não tem nada em volta. Então, querendo ou não, nesse 'lance de escolher' te dá autonomia e te deixa com um sentimento melhor, talvez ou não. Eu me sinto mais importante na escola porque sem mim não acontece nada. Sem os alunos não têm escola.

Figura 33: Mandala.



Fonte: <https://empointblog.wordpress.com/proposta-pedagogica/>

M: As estudantes novatas na escola, me contem como era a escola que vocês estavam?

- Na outra escola eu era muito presa. Tem esse negócio de vivência e conexão. Você nunca vai ver isso numa escola tradicional. Aqui tem regra e os alunos sabem respeitar. Um pouco... E a diferença que coloca aluno para mandar em aluno.

- Uma estudante contesta: *É o mesmo nível, mandar no mesmo nível, né.*

- *É. Primeira escola que conheço que é assim.*

- *Contestação: Não tem professor mandando em aluno, não. A gente tem uma amizade. Nossa relação com eles é muito boa.*

M: Qual a diferença entre conexão, vivência, tutoria, atividades autônomas? O que é conexão?

- *É uma conexão entre professores e educadores dando uma aula juntos.*

M: Então, tem o educador que se junta como o professor e vai ensinar algo, juntos.

- *Sim, mas tem que ser alguma coisa que não seja da área deles. É tipo uma proposta. Por exemplo: eu trabalho com oficina, eu faço informática. Na minha conexão eu não posso ensinar informática, tem que ser uma coisa nova, sabe. Que eu vou juntar com outro professor. Criar uma atividade nova, diferente da formação dos dois educadores.*

M: Vocês escolhem qual conexão vocês vão participar? E muda de semestre para semestre?

- *Muda no semestre. Só a tutoria que não muda. Porque você tem uma relação melhor com seu professor.*

M: E a tutoria é o professor te ajudando naquilo que você precisa?

- *É o seu tutor.*

M: Vivências? O que são? Os educadores ensinam o que?

- *Eles ensinam algo para a vida, sabe. Tipo, circo. O Circo pode parecer inútil. Mas se você for pensar não é tão inútil assim, sabe. Porque, tipo assim, eu posso trabalhar numa coisa super diferente no circo, mas às vezes o circo pode ajudar. Qualquer coisa que você aprender uma hora vai ser útil, sabe. A proposta da escola é boa. Porque a gente tem duas vivências, né. A gente aprende um pouco de cada. Aí a gente leva para a vida.*

M: E atividades autônomas? O que são?

- *A proposta das atividades autônomas é a gente escolher um lugar e fazer o que quiser lá, tendo autonomia, responsabilidade e sabedoria, amor no coração para você fazer o que for certo. Tipo, vou vir aqui para a sala da EJA e vou ficar desenhando, não vou jogar basquete aqui dentro. Mas, aí acabou que foi privando, né, foram acontecendo algumas coisas na escola e foram privando a gente das autônomas. Aí agora está só na quadra, mal mal o bosque, auditório, biblioteca e informática. Se fosse antes a gente podia ficar aqui atrás da tenda, conversando porque podia. Só ia ter um educador te olhando. Porque essa é a proposta. Mas agora não. Agora está muito mudado.*

M: E tem que ter algum educador junto com vocês?

- *Sim. Eles não vão passar atividade, não vão fazer nada. Ele só fica lá.*

M: Mas se são atividades autônomas e a escola ensina pra vocês autonomia e responsabilidade porque tem que ter alguém com vocês?

- Porque realmente tem aluno que não tem autonomia, aluno que vai beijar na escola, vai matar aula, que pode fazer coisas e coisas.

M: Mas eu volto à pergunta: Se vocês têm um processo de auto regulação, ou seja, vocês ajudam o sexto ano, precisa de fato ter um educador com vocês?

- Tem aluno que não respeita nem os educadores, imagina a gente.

M: O que vocês vão levar daqui para outra escola que vocês irão ano que vem, uma vez que será uma escola tradicional de novo? Como vocês imaginam que será?

- Vai ser terrível! Olha a escola que a gente tá acostumada? Não estou falando mal... só estou dizendo que são estudos diferentes... Vou chegar lá falando: cadê minha escolha, eu quero meu direito de escolha aqui... Mas eu acho que a gente vai saber usar os nossos conhecimentos daqui pra lá... Acho que no ano que vem eu vou ter uma cabeça melhor para lidar com algo diferente... Até porque quando a gente veio para cá, a gente não estava acostumada com essa escola... E eu me acostumei. Então eu vou saber lidar... E a gente pode levar os nossos conhecimentos para ajudar a melhorar as outras escolas... Tentar, né, porque as escolas tradicionais são muito fechadas.

M: E como é a conversa de vocês com colegas, amigos que estudam em outras escolas?

- Eles veem a nossa escola com uma imagem muito ruim. Uma escola que deixa a gente muito solto, como se a gente não fizesse nada.... Até eu mesmo quando fiquei sabendo que iria vir para cá, eu chorei muito...Fiquei com muito medo de vir pra cá porque eu estava no quinto ano, iria para o sexto, e via os meninos do nono ano, enormes... Questão de estudo também, eu achei que não ia aprender nada.

- O meu irmão fica me 'zoando' quando eu falo que fico o dia inteiro na escola, estudando. Que estudando o quê? Ele fala. Só que ele não teve a mesma experiência com a escola que eu tenho porque ele entrou aqui no nono ano, quando estavam voltando da pandemia e formando as 'bolhas'. Então ele não conhece de verdade a escola.

- Pensando sobre as competições a gente só tem todo ano a gente só tem aqui. É a primeira escola que eu conheço que treina badminton, tem um esporte fixo tipo badminton, arremesso de peso, que não é vôlei e nem futebol, tanto assim.

- Uma coisa aqui na escola também que é muito boa. A gente não trabalha só com a mente, trabalha com o corpo também, sabe. Porque se você for nas outras escolas você não vai ver isso, porque eles estão sempre sentados numa mesa, escrevendo.

- Eu vim do Rio de Janeiro. Quando cheguei aqui na escola perguntei para uma colega: qual turma que eu sou? Não tem turma aqui não. Eu falei: ué, como assim? É todo mundo junto, você vai entender. Antes de entrar para a escola vim aqui conhecer e comecei a explorar a escola. Vi que tinha banheiro com porta de shopping, biblioteca, armário para os estudantes

guardarem seus pertences, Vi que não precisava de uniforme. No início, foi diferente, mas depois da pandemia eu gostei... Acho que a pandemia fez a gente valorizar mais a escola, os amigos e etc... porque a gente ficou muito privado, né, muito no casulo.

- Outra estudante: Essa escola é bem diferenciada de todas as escolas públicas, como todo mundo já sabe... e aí quando eu cheguei aqui, eu fiquei muito assustada porque eu nunca vi uma escola que fica todo mundo junto... então eu fiquei bem assustada, claro coisa nova, né quem não fica assustada com coisa nova. Eu não sabia se isso era bom, até eu chegar aqui na escola.

- Quando eu cheguei, eu fiquei parada assim, como eu vou me virar aqui, como eu vou aprender aqui, tipo vou me encaixar? Tinha dias que eu não me encaixava, pensava que a minha escola era melhor do que essa. Eu nunca tinha visto essa escola e aí eu fui vendo como a escola era literalmente diferente, não só porque ela é diferente que ela não seja boa. Então para mim, ser diferente é que foi bom, porque eu aprendi várias coisas novas. Na minha outra escola, eu não tinha opinião, eu não tinha escolha. Se eu quisesse fazer alguma coisa eu não podia fazer, então vir para cá, eu me sinto mais aberta, eu consegui me encaixar.

4.3 Mãe e ex-professora

Conversei com uma das mães de um estudante que também foi professora e coordenadora da Educação de Jovens e Adultos, na escola do Encantamento. A nossa conversa foi on-line, no dia 23 de novembro de 2023. Foi uma conversa muito interessante.

M: Então, eu queria conversar com você, porque você é mãe de ex-aluno, né? E você trabalhou na escola do Encantamento, um tempo. Eu queria conversar com você a respeito da sua experiência enquanto mãe, a sua visão sobre o método, sobre a pedagogia, sobre como você vê a escola, qual é a sua visão em relação à proposta pedagógica da escola, o que você vê de coisas que foram interessantes, importantes para o seu filho, coisas que você vê que faltam.

- Eu fui professora no início e depois coordenadora, na EJA. É... A proposta da escola, para mim, sempre foi uma proposta muito boa, né? Eu sempre acreditei muito. E eu me lembro que quando eu estava em outra escola, meus estudantes eram os que tinham mais dificuldade. E aí não era dificuldade só de aprendizagem. Era de dar conta daquele espaço diurno, duro, das matérias ali, isoladinhas e tal. Eu sempre falava com eles: vai estudar na escola do Encantamento, vai estudar lá. Quando eu cheguei na escola, parecia que dava a impressão que a gente estava empurrando os meninos difíceis para lá. Mas a ideia não era essa. É porque lá realmente é uma proposta diferenciada. É... A forma como ela foi construída, foi uma maneira muito bacana também. Foi construída no coletivo, diante de debates, né? As rodas de conversa. Então, isso tudo foi muito bom.

- Como mãe, eu percebo que para o meu filho, também, foi uma experiência muito boa. Ele, quando ele chegou na escola, a gente ainda não havia o adotado. A gente já acompanhava ele, já ficava final de semana. Viajava. A gente ia de férias, etc. Mas logo depois que ele entrou, foi o período que nós o adotamos, definitivamente. E aí, eu me lembro que no primeiro ano dele lá, quase todo mês, eles me chamavam por causa de problema com ele.

Conflitos, né? E eu ainda brincava com o Fernando²⁹, porque ele, era coordenador da tarde e eu era coordenadora da noite. Eu falava, então você me espera chegar, porque eu não vou de tarde. Então, a gente ainda brincava assim. E sempre eles falaram que o meu filho era um menino muito autônomo e tal, muito turrão às vezes, não aceitava as coisas e tal. Então, eu acho que a maneira da escola agir com relação a isso, de chamar os pais, de conversar, de ter tranquilidade, poder compreender o processo deles também, para mim, foi muito importante. Eu considero que era muito importante. Esse trabalho da sala de convivência, né? Onde eles estavam todos juntos. Todos juntos ao mesmo tempo. Eu acredito também que foi muito interessante. Eu acredito que quem está lá, quem passou por esse trabalho, tem condições melhores de avaliar do que eu. Porque na EJA a gente não trabalhava naquele esquema do fundamental.

- Então, não tenho expertise para falar sobre isso. Mas com relação a ele, para mim, eu acredito que foi importante. Até para os momentos de fuga, né? Que eles fugiam lá, para ir no pé de manga, apanhar manga. Que eles fugiam lá, para ir para a biblioteca só para bater papo. Eu sempre tive uma sensação de proteção. Se eu lembrar, por exemplo, na época que eu estudei, se a gente quisesse fazer isso, a gente tinha que matar a aula, pular o muro, fugir da escola, né? No caso deles, eles estavam ali dentro ainda, naquele ambiente. E não deixava de ser um certo aprendizado. Quando a coordenação pegava, chamava, sentava, estava errado, não podia, etc. Então, assim, hoje, de quando ele entrou para quando ele saiu, eu percebi um amadurecimento imenso nele.

M: Ele entrou no 6º ano?

- Entrou no 6º. E saiu no 9º. Claro, teve pandemia nesse meio tempo, né? Mas, a escola foi uma das primeiras, eu acredito, que iniciou o trabalho on-line, e muito bem qualificado. No período, eu estava na escola. Então, a gente preparava os roteiros mesmo. Da maioria, principalmente dos professores de fora, quando conversavam com a gente. Ah, mas os meninos não veem matemática. Ah, eles não veem isso e tal. Isso para mim não teve nenhuma influência na aprendizagem do meu filho. Por dois motivos. Primeiro, porque eu acredito que a matemática, ela realmente é ainda mais tradicional do jeito que é. É realmente muito difícil para todos nós, né? A gente aprende, a minha experiência com matemática foi aprender matemática para fazer prova. Eu fico vendo, estou na coordenação do cursinho popular, pré-ENEM, eu vejo os meninos estudando matemática para fazer prova. Se ficar alguns meses sem fazer aquilo, esquece. Então, para mim, não é o conhecimento que é o mais importante, que tem que ser acumulado, que vai fazer uma grande diferença na vida dele, né? Não estou falando que a matemática não faça. Mas, a maneira como as pessoas cobram essa matemática, para mim, não interfere. E a gente sempre pensou na perspectiva de resolver esses problemas posteriormente. Agora, ano que vem, eu quero que ele tente o COLTEC³⁰, o CEFET³¹, ele vai fazer um cursinho popular. Então eu acho que a matemática tradicional, no fundamental, se na escola do Encantamento tivesse sido assim, teria interferido. Então, as coisas foram mais importantes. Ele vivenciou, né? Com as experiências dele com dança, com música, com fotografia, coisas que no ensino regular, numa escola regular não tem. E lá na escola tem tudo isso, né?

- A experiência com os educadores das monitorias, o trabalho em grupo, o trabalho coletivo. Isso para mim é muito mais importante. Eu acho que as outras questões agora a gente vai

29 Nome fictício.

30 Colégio Técnico da Universidade Federal de Minas Gerais.

31 Centro Federal de Educação Tecnológica.

correr atrás. Então com relação a esses saberes, que as pessoas cobram, que tinha que ter e lá não tem, na verdade tem, mas é transversal. Por ocorrer tudo junto.

- Então o meu filho, ele encerrou o ensino fundamental muito maduro, responsável com uma qualidade de sobrevivência enquanto jovem negro é espetacular. Porque ele sabe se posicionar, ele sabe cobrar. E isso foi muito importante.

- Agora, com relação a essas questões que eu percebi que houve ausência. Falar das ausências agora. Por exemplo, a questão racial para mim houve ausência com relação à escola. Não com relação a como ele teve muitos educadores que têm essa pegada do hip-hop, do slam. Ele teve muita representatividade de mulheres e de homens com cabelo black e tal. Ele teve.

- Mas se a gente pegar nos conteúdos transversais, aí eu percebo uma certa ausência. Eu lamento, logo no início, quando ele entrou, que a capoeira tenha saído da escola. E, para mim, hoje, a capoeira tinha que ser obrigatória em todas as escolas do município. Os capoeiristas, hoje, vão para o exterior, porque no Brasil não são valorizados, né? O campeão de tênis mundial, o melhor, o número um do mundo, que é um negacionista, por sinal, em 2020 nem disputou porque não quis tomar a vacina. Há um mês, quando foi entrevistado, perguntaram para ele como ele fazia para ser tão perfeito. E ele falou que foi na capoeira. E o capoeirista dele é brasileiro. E aí, na entrevista, ele fala a física dos movimentos, ele fala da química para controlar o suor, o corpo e tudo mais.

- E ele fala do equilíbrio emocional, tudo relacionado à capoeira. E nas primeiras oficinas que ocorreram corte na escola, a primeira foi da capoeira. Então, isso eu lamento. O meu filho, agora, está experienciando a capoeira. Então, agora ele está fazendo, fazendo em outro lugar. Uma escola com um porte daqui, ele tinha que ter isso. Tinha que ter um recorte racial ali dentro e a capoeira poderia ter feito a diferença. E aí, apesar de a gente colocar algumas questões com relação à negritude, à experiência racial nos conteúdos, se elas não são construídas desde a raiz, elas se tornam apenas algumas atividades.

- E aí, mesmo diante disso tudo, no último ano, o meu filho sofreu muito racismo na escola. Muito. E a ponto da escola me chamar, do coordenador chamar, e eu ter que conversar com a diretora, inclusive. E da escola, no ano seguinte, que foi esse ano, chamar a gente também para fazer um trabalho. Um trabalho mais robusto. Retomar isso com os docentes, que o quadro dos docentes também muda. E os estudantes que chegaram. E a gente teve o início desse processo, mas não teve sequência. Então, isso é ruim. Não é um problema dessa escola.

- Os indicadores apontam que a violência racial no interior das escolas, o racismo, cresceu em torno de 80%. Então, não é um problema específico dessa escola. Mas é um problema que existe lá e que eu não vi ser sanado. Então, me preocupa isso. Mas, assim, em linhas gerais, no que diz respeito a ele, enquanto estudante, né? Ele foi selecionado no Fórum da Juventude. Mais de 100 estudantes. Selecionaram 15 na região metropolitana. E ele foi um dos que entrou. Teve trabalho selecionado. Trabalho está sendo exposto aí em BH. E agora fizeram uma última chamada. Ele foi um selecionado para ficar permanente no Fórum das Juventudes. Isso tudo por causa da capacidade de argumentação, de fala, de escrita. E isso foi na escola do Encantamento que ele aprendeu.

- Porque essa possibilidade de você parar o tempo inteiro para o diálogo, para mim, é uma experiência que diz respeito à escola do Encantamento. Então, para mim, isso era mais

importante. Foi o mais importante. As outras coisas a gente vai tentando resolver agora. Como eu o coloquei na capoeira esse ano. Ele está adorando, está se empenhando, conhecendo. Diz respeito à história dele, à história da vida dele, da ancestralidade dele. E na escola do Encantamento é mais livre. Os estudantes, como toda a rede municipal, são estudantes negros. Então, para mim, tem que ter alguma coisa específica ali da negritude. Não adianta colocar apenas... É importante, essencial. Mas não apenas a figura. A figura do educador que usa black, etc. Nos docentes, na disciplina que você vai fazer, isso aí também tem que ser muito bem trabalhado, bem amarrado. E outra coisa. Precisa haver uma punição maior com relação ao racismo. Eu nunca falei de punição no interior da escola. Agora, racismo é crime. Então, nesse caso, as escolas precisam se articular com a Secretaria de Educação, com o Núcleo de Diversidade e procurar caminhos. O que não dá é para continuar a naturalizar o racismo no interior dessas escolas.

M: Quería te perguntar em relação ao tempo. A escola do Encantamento é uma escola de tempo integral. Então, o estudante chega lá às oito da manhã e sai às cinco da tarde. Enquanto mãe, você percebe que esse tempo na escola é um tempo que ele é bem desenvolvido, ou é muito?

- O meu filho já chegava cansado em casa. Eu não acho muito, não. Eu acho que tem que ser esse tempo mesmo. A maioria daqueles estudantes, ali, são das redondezas da escola. São crianças que não têm outras atividades à tarde. São crianças que, se não estivessem esse tempo todo lá, estariam jogando na internet, aprontando. A gente está vendo aí, né? Os crimes que adolescentes estão cometendo. Não sei se pode chamar crime por ser adolescente. Mas são considerados crimes, como o cyberbullying. Está aí. Está pesado. Em BH tem três casos muito sérios. E um é da região municipal de BH. Tirou fotos das meninas, mudou as fotos e tal. Então, assim... A adolescência está muito exposta. Os pais, as mães, as famílias... Elas não têm condições... Como as famílias têm condições. Como a minha, por exemplo. Outros estudantes não têm condições de pagar futebol, pagar balé, pagar capoeira, pagar. Eles não têm condições. Então, a escola tem que fornecer, o poder público. E aí, eu acho importante, aquelas primeiras horas da manhã, onde eles estão com a mente mais descansada e tal. Nessas primeiras horas da manhã é o momento em que eles estão com as disciplinas. Ditas disciplinas, né? Conhecimento diário, etc. e tal. E à tarde... A questão é que eles estão mais com os educadores sociais. Mesmo sabendo que à tarde também eles têm. A maneira...

- Eu não sei como hoje está organizado lá. Mas, se não for esse tempo todo que ele precisa... Eles precisam também de ter tempo para descansar. Para lanchar. E eu não acho que esse tempo é um tempo de uma hora. Eu acho que é isso que tem que ficar bem... Trazer esse marcador, sabe? Acho que naquele meio ali, eles têm que ter um tempo maior. Que possam almoçar... Porque a adolescência tem sono, né? A gente sabe disso, né? As partes fisiológicas deles mesmos. Então, assim... Que eles possam almoçar, comer, deitar na grama, bater papo... Ter sempre alguém junto, para a gente não ter problema. Eu não falo daquela vigilância constante. Mas também ter alguém para poder estar cuidando das meninas. São idades que eles aprontam mesmo. Tipo da adolescência. Mas aí, se você pensar assim... Por exemplo, de oito a meio dia... Se eles forem almoçar meio dia... Foram as quatro horas que tem lá na escola. E aí, parece que esse intervalo é de onze e meia... Ou de meio dia a uma e meia... Então, pelo menos uma hora e meia. Meia hora almoço, uma hora descansar... Depois, à tarde... São três horas que passam muito rápido. Acho que é a conta de fazer o que eles fazem lá. Então, para mim, não é muito tempo. E as famílias.. Eu lembro quando eu levei

ele para a escola do Encantamento... Um dos motivos foi esse. Ele estudava em outra escola.

- De manhã, ele estava na escola. E de tarde, aprontava a tarde inteira. E a tia dele estava assim, louca. Sem saber o que fazer. Foi quando eu falei com ela... Vou levá-lo para a escola que eu trabalho. Porque lá é a única escola que eu conheço que tem tempo integral, na região metropolitana. A única escola é a escola do Encantamento. Então, não é só BH. É BH, Contagem, Betim... A escola do Encantamento é a única. E aí, ele conseguiu. Porque a tia dele morava em BH, né? No Santa Margarida. Então, nós conseguimos levá-lo para lá. Até por isso os problemas que ele teve no início. Que estava acostumado a viver solto. E de repente, começa a ter que cumprir regras. Isso é importante também destacar. Aprender a cumprir regras. A ter horário. A saber, isso pode, isso não pode. Isso aqui é coletivo. Isso aqui é individual. Então, isso é importante. Nesse tempo que eles ficam a mais, eles aprendem ainda mais isso. Porque é no momento que eles vão estar nessas discussões. O que eu posso, o que eu não posso. Coletivo, individual. Então, para mim, o tempo é um tempo bom. Para mim, é isso mesmo.

- Como que eles entram no sexto ano. Por quê? Porque ele está acostumado com uma outra escola. Até no quinto ano. É uma escola tradicional. A gente tem todo ano. E aí quando chega na escola do encantamento que é um outro formato, é um outro mundo, isso dá uma bagunçada na cabeça, mas aí depois parece que isso vai ajeitando, eles vão entendendo a proposta de fato.

- Eu acho que essa questão do racismo também pega porque alguns que entram e ainda não participaram desse debate, desse conhecimento todo que eles vão construindo ali dentro, outros que tem problemas mesmo, enquanto família, enquanto...

- E ela chegou a falar, a mãe dele não resolve nada, absolutamente nada, se a escola não resolver ninguém vai resolver e tal. Então assim, a própria escola às vezes fica de mãos amarradas, assim, o que eu faço, né, se esse jovem está desprovido de tudo, né. Então até por isso que a época eu controlei o meu filho e falei, não, calma, isso vai ser resolvido, a escola vai trabalhar mais formalmente. Com estudantes e tal. Eu sinto falta disso lá.

- Nós trabalhamos juntas em outra escola.³² Iniciamos um trabalho lá que era para poder ter dado uma continuidade e tal, né, eu saí. E quando eu fui para uma outra escola, lá nós desenvolvemos o projeto todo, o Africanidade, então era o ano inteiro, era debate, vinha gente de tudo quanto é canto. Vieram vários autores. Eu me lembro da galera que eu levava para a escola. Durante todo o ano. Isso fez a diferença nessa escola. A escola do Encantamento não tem isso. Aí eu lamento. O meu filho me conta que no último ano que ele estava lá, que tem uma professora trans. E ele conta que sofre preconceito constantemente. Muito. Ele ficava indignado. Então, quer dizer, a escola... A escola não deu conta de resolver isso com uma trabalhadora no interior da escola. Então, tem um problema ali. Então, foi aquela hora que eu falei, olha, com relação aos problemas, Isso é um problema.

- A Duda Salabert³³ foi professora de uma das escolas mais ricas de Belo Horizonte, trabalhou ali a vida inteira. E só foi viver preconceito com relação a ser uma mulher trans na escola, depois que ela foi ser vereadora. E aí, comecei a ver, causou incômodo,

32 A professora e eu trabalhamos juntas, em uma das escolas da rede municipal de Belo Horizonte, em 2019.

33 Mulher trans, professora de literatura. Atualmente, é deputada federal.

politicamente, na verdade, né? Aí, agora, uma professora trans dentro da escola. O meu filho chegava em casa indignado. Dia após dia, ele chegava. Então, eu acredito que a escola tenha esse problema. Sabe, que precisa ser cuidado. A questão do preconceito, LGBTQIA+, a questão do racismo. Eu hoje acredito que todas as escolas têm que ter formação para a educação das relações raciais. Principalmente as públicas, entendeu?

M: Agora, uma outra questão. Uma questão que eu fico pensando. A gente tem a proposta da escola do Encantamento que eu acredito também ser uma proposta inovadora, diferenciada, dentro da rede municipal de Educação. Mas parece que ela fica muito isolada ali na escola né. Assim, a escola parece que é uma ilha dentro do contexto das escolas em BH. E eu fico pensando por que essa proposta não avança para outras escolas. Você acha que isso é uma questão dos professores terem essa forma de dar aula já muito arraigada nessa formação, disciplinas, e está muito arraigado na estrutura escolar e por isso não se avança. Como que você vê isso?

- Eu vejo que é porque isso é uma questão de política pública. E é uma questão política que vai discutir o poder. O meu filho saiu empoderado dessa escola. Os colegas dele também. Então, eu acho que não há um interesse, desejo político de se fazer uma escola em que os estudantes possam parar, reclamar, xingar, fazer roda, falar que está bom, falar que está ruim. Então, esse modelo de escola tradicional é o que há de melhor para a manutenção, né. Principalmente a manutenção do poder na mão da elite mesmo, branca, burguesa, hétero, né. Então, é isso. Precisa de dinheiro, não há estrutura, porque nossas escolas não têm estrutura.
- Para fazer uma escola no modelo da escola do Encantamento, precisaria, sim, de um movimento. Talvez eu esteja até enganada. Eu nem vou aprofundar muito nisso aqui, não. Tem que ter estrutura. Tem que ter, como a escola do Encantamento tem, né. Tem que ter alimentação. Tem que ter um número maior de professores, pagar uma jornada maior, porque todos são dobra, etc. E aí não há vontade política para investir em educação dessa maneira. Por dois motivos. Primeiro, questão financeira, porque os governos ainda não veem educação como investimento, né. E aí isso aí é um equívoco, mas veem educação como um gasto. E segundo que vão criar cidadãos e jovens que pensam, que questionam, que sabem, que não aceitam qualquer fala e etc.

- Eu acho que são os dois principais motivos. Não acredito que tenha a ver conosco, com os professores, nem com o fato da gente ter aprendido em grades, porque lá na escola é obrigado a desconstruir isso, né. Você acaba tendo que desconstruir isso.

4.4 Professora e mãe

Essa conversa aconteceu numa das salas da escola no momento de planejamento da professora. Como já estava há praticamente um ano convivendo com a mesma, a nossa conversa foi muito prazerosa, com muita informação importante para o entendimento da escola do Encantamento sob o olhar dessa professora.

M: Gostaria que você falasse um pouco da sua experiência aqui, desde quando você está na escola e como é essa experiência como você vê esse projeto da escola... Se você trabalhava em alguma escola antes, diferente da sua experiência aqui. Da sua experiência em geral, enquanto professora.

- *Eu trabalhava numa escola de ensino regular na regional Nordeste, que tem uma proposta tradicional, de escola seriada, e trabalhei lá 20 anos da minha vida. Fui vice-diretora, fui coordenadora, fui professora do diurno, do 1º e 2º ciclo. Fui professora da EJA, à noite, porque eu tinha dois cargos nessa escola. Só que aí eu resolvi mudar porque eu tinha que atravessar a cidade todos os dias para dar aula. E isso, chegou uma hora que me cansou e eu queria novas experiências. E aí eu fui na SMED (Secretaria Municipal de Educação) para procurar outra escola e me apresentaram a possibilidade de vir para a Escola do Encantamento. Eu já estava aposentada em um cargo na rede municipal de Educação, mas eu teria que assumir o horário integral, porque era uma escola de horário integral. Então eu vim sem conhecer a proposta da escola e quando eu cheguei aqui fui encantada, né, quando eu cheguei no salão, vi os meninos todos fazendo atividades...*

M: Isso foi em que ano?

- *Isso foi em 2019, início de 2019. Aí fiquei muito encantada pela escola, pelo espaço, porque a escola é muito bonita, né, e as salas ambiente. Então, gostei demais e gostei da proposta, porque é uma proposta bem inovadora. Falei: vou topa ficar aqui, sim. E no início, nas primeiras semanas, confesso que no primeiro mês foi uma lua de mel. Aí depois, vieram os desafios. E aí para mim foi muito difícil vencer as barreiras, porque a gente tem uma visão muito tradicional. Trabalhei a minha vida inteira numa escola tradicional, quebrar os tabus foi muito difícil, sim, porque a princípio eu achei que era muito fácil lidar com essa proposta nova e não foi tão fácil assim... Mas eu consegui compreender e estou desde 2019 aqui. E acabei trazendo meu filho pra cá também.*

M: E o que você vê de vantagens e desvantagens em relação à proposta que a escola do Encantamento traz, em relação à escola tradicional? Porque aqui a gente vê que é uma escola que tem uma outra proposta, não tem a divisão de anos como a escola tradicional. Qual a sua visão?

- *Eu acho que tem vantagens e desvantagens. Vantagens eu vejo assim: a aproximação que você tem com o estudante é muito maior, o contato que você tem com ele é muito maior. Você fica muito mais tempo com o estudante. Você se envolve de certa forma mais com as questões da família com o contexto em que o estudante está inserido, coisa que você não se preocupa na escola tradicional. Você vai lá, vai dar sua aula e você não sabe muito da história daquele estudante. E aqui, não. Aqui a gente fica sabendo da história de vida dos estudantes e o quanto isso é importante para o trabalho da gente. Até para você saber lidar com o estudante. E é uma escola que dá a oportunidade para o estudante de exercer a autonomia dele, de construir a autonomia dele nessa trajetória escolar. Que é bem diferente de uma escola convencional, tradicional. Os conteúdos, você tem a oportunidade de fazer o seu material, você não fica preso a um livro didático. Você pode fazer uma interdisciplinaridade, você pode trabalhar outros conteúdos que não aqueles que formalmente estão lá nas proposições curriculares. Na época que eu entrei eram proposições curriculares. Agora é a Base Nacional Curricular Comum, a BNCC. Então você pode trabalhar coisas além do que está proposto ali, né, então a escola tem autonomia para isso e então são muitos pontos positivos que vejo.*

- *Agora os negativos, é que às vezes os estudantes confundem um pouco essa questão da autonomia. Porque você tem que ter autonomia com responsabilidade. E às vezes eles não estão preparados para isso. Acho que também pela própria imaturidade da idade, né, porque é uma fase de transformação, de mudança, é muito complicado, isso. E atribui a eles também uma responsabilidade já de imediato, é uma coisa que tem que ser construída. Porque se eles*

estivessem aqui talvez desde o primeiro ciclo e que se isso fosse trabalhado paulatinamente, talvez fosse mais fácil para eles. Normalmente eles vêm de uma escola tradicional e caem aqui na escola. Aí no início eles estão se adaptando, Depois eles se soltam. Mas, se soltam às vezes de uma maneira negativa, né. Então esse é um ponto que eu acho que precisa ser mais trabalhado, essa questão da autonomia deles para eles compreenderem o que é ser autônomo, o que é ter responsabilidade.

- Eu acho que a gente precisa pegar essa questão. E pegar muito firme nesses pontos. A questão da disciplina. Não estou falando de uma disciplina como na escola regular. Que você é o professor, você é que manda e o estudante obedece. Não é. Mas a disciplina, inclusive, disciplinar as suas atividades. Puxando para a autonomia. É você ter uma disciplina de estudo. É você perceber que você está num espaço. Que é compartilhado. Então não é só você que importa. Que você tem que pensar no coletivo. Então se eu falo mais alto, se eu grito, se eu corro, eu vou estar prejudicando meu colega também. Então isso tudo passa por aí. Pela questão da disciplina. Da construção da autonomia. Acho que o importante é eles desenvolverem isso mais. E como eu disse, talvez se eles comessem aqui desde o primeiro aninho até o final, essa autonomia fosse melhor construída. E fosse mais percebida por eles.

M: Nesse sentido, eu fiz uma conversa com os estudantes do nono ano. As meninas e os meninos. E eles me relataram que uma dificuldade que eles têm é em relação ao roteiro de estudos. Disseram que muitas vezes o roteiro para eles é um pouco semelhante. Sem significado, o que está ali. E muitas vezes eles estão fazendo o roteiro e os professores chegam com outras atividades extra roteiro. Sendo que eles ainda nem terminaram o roteiro direito. Então, isso é uma dificuldade deles em relação à aprendizagem do que está sendo proposto no roteiro. O que você pensa? Isso é uma dificuldade que eles têm, que eles me relataram. Você vê essa dificuldade também? Como você pensa?

- Eu penso o seguinte: que a gente não pode ficar preso na BNCC (Base Nacional Curricular Comum). Mas a gente tem que ter um norte. Assim como a gente tinha antes as proposições curriculares. E o estudante também tem que ser consultado. E quando esse roteiro é elaborado e depois de pronto, ele tem que ser sensibilizado. Antes, uma sensibilização. Antes de receberem o roteiro, eles não sabiam da temática do roteiro. Né? A temática realmente era escolhida de acordo com algum contexto ali. Por exemplo, trabalhar a questão da ancestralidade. Trabalhar a questão da consciência negra. Coisa que na escola tradicional não se preocupa. Aqui na escola, onde nada é convencional. Trabalhar o sujeito, a territorialidade, essas coisas. Eu acho que isso não ficou bem claro para quem não sabe. Para quem entrou aqui nessa escola e para quem não sabe da proposta. Então eles acham que está tudo muito solto. Eu acho que é por isso.

- Então isso não foi discutido antes com os estudantes. A gente não senta com eles para discutir sobre a temática do roteiro. A gente até pegava sugestões antes. Mas acabou que isso foi se perdendo um pouco também. Eu acho que a gente tem que retomar. Essa questão da sensibilização para o roteiro. Essa questão de pegar deles temas de interesse que eles tenham. E trabalhar o roteiro a partir disso. Porque afinal de contas eles não são do centro da mandala? Então, a gente, com o que eles trazem de interesse. Dá para a gente fazer um roteiro bacana. Acho que é uma coisa que a gente precisa avançar. Também. Porque se não fica... Eu acho que o roteiro ainda está muito naquele negócio de você vai na internet. Porque ir na internet buscar atividades, isso eles podem fazer, né. É sentar mesmo e produzir um material. Coisa que a gente não tem muito tempo para fazer.

- Então eu acho que a gente peca nesse sentido. Tem roteiros que são bacanas? São. Tem roteiro interessante. Tem muita atividade interessante. Mas eu ainda acho que a gente tem que investir mais nisso. Para ele não sair daqui com a sensação de que ele não aprendeu nada. E de que ele não está aprendendo nada. Então tem que fazer sentido primeiro para eles. E não para nós.

M: E você enquanto mãe? O que você percebe do seu filho aqui? Ele está aqui desde o sexto ano?

- Não. O meu filho veio para cá do oitavo para o nono ano. Ele veio de uma escola particular. Tradicionalíssima. Que cobrava mesmo. É uma escola que cobrava conteúdo. E adotou como a maioria das escolas estão fazendo material de uma das escolas particulares de BH. Só que muitas não têm o que essa escola tem. As condições que essa escola oferece para os seus professores, né, para eles se dedicarem ali. Não oferece para o estudante as condições que essa escola oferece para os estudantes dele. Mas querem adotar o material da escola. Então isso parece que virou uma febre em Belo Horizonte.

- O meu filho teve muita dificuldade. Assim que a escola começou a usar esse material. E usar a plataforma. Aí eram duas plataformas. Era a plataforma da escola e a plataforma da outra escola do material. E coincidiu isso tudo com a pandemia. Aí no primeiro ano ele passou do sétimo para o oitavo ano. Do oitavo para o nono. Do sétimo para o oitavo, foi tranquilo. Porque eles consideraram as condições da pandemia, que naquele momento não poderiam reter nenhum estudante. Foi em 2020 que ele estava no sétimo ano. Do oitavo para o nono, meu filho também não foi bem. Ele ia repetir o ano. E eu fui chamada na escola. E eles, meio que entre aspas, me convidaram para tirar o meu filho da escola. Porque senão ele iria repetir de novo o ano. E que eu colocasse ele numa escola pública mesmo, porque eles pensam que a escola pública não ensina nada. E como eu trabalhava aqui eu falei: bom, já que eu estou na escola do Encantamento, lá tem nono ano. Eu vou colocar ele (sic) no nono ano da escola. E ele não teve dificuldade. Ele não tem dificuldade em fazer os roteiros. Ele não tem essa porque muitas coisas que os meninos estão vendo, ele já até viu. Mas o meu filho, ele é meio preguiçosinho para estudar. Eu tive muito problema com ele. O ano passado, e estou tendo esse ano, por conta da internet. Porque ele fica tempo demais na internet. Entendeu? E agora ele já está com dezesseis anos. E eu não estou conseguindo controlar isso muito dele não. Fica muito em jogo. E ele não estuda em casa. Ele só estuda aqui na escola. Então ele faz praticamente o que os meninos fazem, o roteiro. Ele não se envolve mais em nenhum outro tipo de atividade em casa, em relação à escola, o que eu acho péssimo. Mas se a gente for pensar também, acaba que chega em casa, o tempo é pequeno, porque fica praticamente o dia inteiro aqui na escola. Então eu não sei.

M: Isso também é uma questão que eu tenho observado. Assim. Você acha que o tempo que os alunos ficam aqui, que vocês ficam aqui, é um tempo bem aproveitado? Ou não? Como você vê?

- Assim, é muito tempo. Às vezes eu fico um pouco em conflito com o meu trabalho, fico pensando que é muito tempo. Porque ele não está sendo bem aproveitado. Que poderia ser melhor aproveitado. Eu coloco isso para mim, enquanto profissional. Entendeu? Eu tenho essa sensação de que eu não estou fazendo muito pelos estudantes. Que eu poderia fazer mais por esses meninos. Só que a proposta não é a minha proposta. A proposta é uma proposta diferenciada. Então quando você põe seu filho na escola. Você põe porque você acredita.

Assim como quem põe os meninos na Escola da Serra,³⁴ já sabem que lá funciona assim. Só que eu acho que lá ainda eles estão muito com uma pegada tradicional também. É uma escola diferenciada. Mas eu acho que eles cobram muito conteúdo dos estudantes. E aqui a gente não cobra tanto esse conteúdo. A gente fica mais focado mesmo nos roteiros. Aí eu sinto que realmente, às vezes pode ser que eles vão ter dificuldade. A gente está numa sociedade competitiva. Você vai competir na hora de fazer o ensino médio. Fazer uma prova de federal, de Cefet, com meninos que estão estudando para isso. Para fazer o ensino médio ali. E dali já ingressar para um ENEM. Então eu sinto que eles vão ter um pouco de dificuldade. Só que por outro lado, se eles aprendem essa autonomia de estudar sozinhos, e de buscar o conhecimento sozinhos também, eles não vão ter tanta dificuldade assim. Eles vão se dar bem. Se eles conseguirem compreender que a proposta é essa, eles vão se dar bem em qualquer escola que eles forem de ensino médio. Eles vão ter mais autonomia para estudar, para buscar o conteúdo. Eu não compreendi, eu vou correr atrás, eu vou me dedicar, né, porque no fim a gente quer que eles sejam autônomos. Isso é autonomia.

M: E ao longo do tempo, você consegue perceber que eles desenvolvem a autonomia? Porque eles chegam aqui no sexto ano.

- Sim. Muitos conseguem. E eu acho que isso depende muito. Muito do aluno. Muito da pessoa. Muito da família. Da educação que tem. Da cobrança que a família faz da escola. Muitos conseguem sim. Mas não é só isso também. Não é só conteúdo. Eu acho que as relações... Como que eu vou falar? O desenvolvimento pessoal do estudante. Aqui é diferente. A gente vê que muitos entram de um jeito e saem de outro completamente diferentes, eles avançam como pessoas. Então acho que essa parte humana também é importante. Que as outras escolas. Que os outros modelos não se preocupam. E que esta escola se preocupa. Então para alguns funciona sim. Para outros meninos não vai dar certo. Como não dá certo no ensino fundamental regular.

- A escola para muitos eles vão entrar lá e vão sair sem saber nada. Aqui muitos também vão entrar e vão sair do mesmo jeito que entraram. Ou pior. Achando que o que eles conquistaram aqui, que essa liberdade que eles têm aqui, eles não vão saber aproveitá-la futuramente. Ver isso como um ganho para eles.

- Essa opção que eles têm de escolher. Porque tudo o que eles fazem é o que eles escolhem. A única coisa que eles não escolhem por enquanto está sendo o roteiro de estudo. Porque eles escolhem a vivência, a conexão, até o tutor. Então isso parte para um cidadão que seja mais autônomo. Que saiba fazer boas escolhas também.

M: É talvez o que eu percebo.

- De repente o que você percebe é que falta uma responsabilização.

M: É. Exatamente.

- Das escolhas também do que eles estão fazendo. Autonomia requer responsabilidade. Autonomia com responsabilidade. Aí falta às vezes um pouquinho disso para eles.

34 A Escola da Serra desenvolve uma pedagogia inovadora nos seus processos escolares.

M: E você percebe o grupo de professores que está aqui na escola. Eles têm uma visão do que é o projeto. Você acha que todos eles ou a maioria estão juntos? Estão entendendo o que é o projeto? Ou às vezes tem professores que ainda não estão muito dentro?

- *Eu acho que a gente precisa aparar muitas arestas ainda. E eu acho que o corpo docente aqui na escola é muito rotativo. É uma rotatividade grande de professores. Então quando você começa a se adaptar. Você está saindo. Está indo para outra escola. Vem uma mudança. Vem alguma coisa. Vem a questão do número de estudantes. Aí você tem que sair. Porque senão a pessoa não se adapta. Pede para sair. Isso também já aconteceu. Mas eu acho que isso também corrobora com essa não compreensão da proposta. Não é todo mundo que vem para a escola do Encantamento que sabe como a escola funciona. Vai saber como é a proposta quando chegar aqui.*

- *Aí você não leu a proposta pedagógica. Você não conhece os princípios dela. Você caiu aqui de paraquedas. Foi um pouco o que aconteceu comigo. Eu vim para cá. Eu não conhecia a proposta. Eu sabia que a escola era de horário integral. Era só o que me disseram. Mais nada. Mas eu acho que a gente precisa ainda se entender melhor, compreender melhor a proposta. E abraçar de fato. Porque se é isso, se a gente acredita, a gente tem que abraçar aquilo que a gente acredita. Não é simplesmente levando. Não dá para você trabalhar assim.*

- *Agora eu fico observando também. Lá no salão, parece que são duas escolas diferentes. De manhã e de tarde. De manhã o salão parece que é mais tranquilo. Estar ali no primeiro módulo. E depois no terceiro módulo é um pouco mais agitado.*

M: Alguns horários que estão já postos. Você acha que se mudasse, por exemplo, ficaria melhor, ou não?

- *Eu fico pensando assim. Depois do almoço, ter o salão do conhecimento. Será que é um horário interessante para isso acontecer, ou não. Aí você fala. Mas não tem outro horário para ter. Então a gente fica amarrado no tempo. Eu acho que isso já aconteceu antes. Se você vincula as atividades diferenciadas só à tarde, aí você vai ter duas escolas diferentes. Aí vai virar uma escola integrada. E a proposta não é essa. Antigamente também os monitores participavam da elaboração do nosso material didático. Hoje eles não participam. Eles têm o material didático. Eles têm o material que faz com que seja mais diferenciado. Mas antes não. Era tudo junto. Entendeu?*

M: Isso era melhor?

- *Eu acho que era melhor. Eu acho que era melhor. Tinham coisas nos roteiros que estavam ligadas às atividades que eles estavam fazendo. Talvez dê mais sentido para o estudante estar fazendo o roteiro também. E realmente depois do almoço é difícil. Porque se você não está fazendo o roteiro para os estudantes a questão da concentração, ainda mais quando chega o verão, calor insuportável ali. É um dificultador. Mas os horários, se você perceber, a maioria das áreas de conhecimento elas estão concentradas de manhã, não à tarde. Tem que ter esse equilíbrio. Não pode ser nem muito ao céu, nem muito à terra. Porque senão você vai transformar a escola em uma escola de ensino regular. Que de manhã você estuda e de tarde você vai fazer outras atividades extraclasse. E acho que a proposta também não é essa.*

- E toda proposta tem seus desafios, suas dificuldades. A gente não vai achar aqui que vai ser tudo perfeito, que os meninos vão ficar em silêncio na aula. Tem hora que eles vão estar mais concentrados. Vão estar mais interessados em fazer as atividades. É um dia de cada vez. Agora que a gente precisa avançar na construção dos nossos roteiros, nós precisamos sim. A gente precisa sentar e elaborar de uma maneira diferente. Eu não sei como isso pode acontecer. Mas eu acho que quando você está elaborando seu conteúdo, você está falando assim, sobre o que? Ah, então dá pra puxar isso aqui. Dá pra amarrar isso aqui com você. A gente fica muito solitário. Joga lá no computador e você, sozinho, você tem que ficar pensando. O que você vai trabalhar? Isso não é discutido. Não tem essa discussão, não. A gente tem que sentar e durante a elaboração do material eu estou pensando, eu vou trabalhar isso. O que você acha que eu posso trabalhar? E aí sim, era uma construção mais coletiva. Sim. Teve a ajuda de uma reunião que a coordenadora até fez esse movimento. Só que o roteiro que aconteceria não saiu ainda. Nem vai sair mais esse ano (2023). Porque os meninos não deram conta desse roteiro. Esse roteiro ficou muito pesado, eu acho. Ficou muito enfadonho. Ficou chato. Entendeu? E eu falo por mim. Na hora de selecionar as atividades eu acho que eu não fui muito feliz.

M: E eu achei que acontecia isso, que vocês conversavam para montar o roteiro.

- A gente conversa só pelo computador. Porque eu vejo lá o que uma professora pôs na matemática e eu vou puxar um gancho para a ciência. Entendeu? Está faltando mais essa conversa. Essa interligação. Está faltando mais esses momentos para a gente poder fazer isso. E eu antes, quando o projeto era na escola, eu acho que a gente tinha mais tempo para dialogar. Como agora o projeto não é obrigatório você fazer na escola, então cada um faz o que tem que fazer e vai embora. Eu acho que a gente perdeu um pouco disso. Entendeu? Porque era nesses horários do projeto que a gente fazia essa amarração. O que não implica que não dê para fazer. Porque a gente tem um horário de planejamento coletivo. Dá para você dividir esse tempo aí.

M: E de tudo, o que você já comentou um pouco. O que precisa mudar, da parte positiva também. Mas assim, no geral, você acha que a escola do Encantamento é uma escola que possui uma proposta bacana? Você é feliz aqui?

- Acho a proposta muito bacana. Eu sou feliz aqui. Como eu te disse, eu tive um período de adaptação que eu quase saí da escola. Falei, não, não vou dar conta. Isso é muito para a minha cabeça. Mas aí, com o tempo, eu fui compreendendo, a proposta, como trabalhar com esses estudantes. E aí, mudei meu modo de agir também, porque não são eles que têm que se adaptar a mim também. Porque eu já estou mais velha. Eu tenho 58 anos. Tem professor muito mais jovem do que eu aqui. Então, acho que essa questão da idade também influencia. Eu fui mãe aos 42 anos, quase. Então, até com meu filho é difícil lidar com algumas questões. Imagina com um estudante que não é nada meu, vamos dizer assim. Mas, sou feliz aqui, sim.

4.5 Conversa com a direção

A conversa com a diretora foi realizada no dia primeiro de dezembro de 2023. Desde o início das minhas observações, a mesma se mostrou inteiramente solícita a tudo que dizia respeito à pesquisa. A conversa foi realizada em sua sala e foi um bate-papo muito agradável. Disse a

ela que a entrevista seria gravada para que eu pudesse depois transcrevê-la. Segue a nossa conversa.

M: Gostaria que você me contasse enquanto diretora que está à frente desde o início desse projeto, como foi todo esse processo de transformação. A ideia, como foi esse movimento de vocês, educadores?

- *Eu cheguei aqui em 2016, como professora para conhecer essa escola, só sabia que a escola funcionava e recebia, na época, 11 escolas que vinham para cá. Eu fui entendendo como era a dinâmica desse contra turno.³⁵ Havia um grupo de professores aqui também...*

M: Aqui já funcionava a escola?

- *Só o contra turno escolar. Era uma hora, no máximo duas horas de manhã e uma hora e meia à tarde. E no outro restante do período, a ideia era que esse grupo fosse capaz de formar esse coletivo, promover o debate da educação integral que aqui acontecia. E aí várias foram as tentativas, mesmo, antes de 2016 de integrar essas escolas que vinham aqui com a seguinte perspectiva de que, se vem, por exemplo, uma escola com um conjunto de cinco monitores e vem por exemplo, outra escola com mais cinco, então eles viram dez monitores e ampliariam uma oferta de atividades do contraturno escolar para os meninos que aqui estivessem, eles chegassem aqui e deixassem de ser das suas escolas e tivessem essa possibilidade de terem mais atividades que às vezes tinha escola que tem monitor de capoeira e a outra, não. Então, o estudante poderia ter essa atividade aqui da capoeira em algum momento. Isso sempre foi um desafio aqui nesse sentido. Era o que acontecia aqui. Mas com muita resistência das escolas, inclusive, um desafio que era, à época, era esse, porque, quem estava aqui não tinha a autonomia dessa gestão dessas pessoas, sabe... Então tinha que dialogar com o coordenador, fazer um convencimento do coordenador, o coordenador fazer um convencimento do monitor, da direção da escola pra tudo acontecer. Então, às vezes a gente ficava mais tempo tomado nesse diálogo do que na execução mesmo do como acontecia o projeto. Então, 2016 passou isso tudo.*

- *Só que 2016 era o fim do mandato do prefeito Márcio Lacerda e aí com o fim do mandato, e a escola não tinha ninguém 'lotado' aqui, ou seja, nenhum dos professores que estavam aqui eram fixos dessa escola. Eles eram emprestados de outras escolas. Igual quando a gente vai para a SMED (Secretaria de Educação), para a regional, para outro lugar, você fica emprestado e fica com uma reserva de vaga. E aí a minha reserva de vaga era em outra escola. No final do ano, o diretor daqui fala assim: 'Olha, não sei o que vai acontecer aqui. Acho importante que cada um procure a sua escola porque é final de mandato.' Todo mundo até então esperava dezembro e não tinha nenhuma orientação, nenhuma fala do que iria acontecer aqui e aí a gente volta, eu volto com minha carta de apresentação e volto para minha antiga escola. E aí, quando foi em janeiro, o diretor me convidou para retornar. E aí fala que é um quadro já bem reduzido, não eram mais aquelas pessoas todas que estavam aqui, e aí eu falei com ele: "Eu tenho algumas condições para voltar." A primeira que eu queria era voltar com um professor porque nós dois éramos da mesma escola e já desenvolvíamos muitas coisas juntos. Foi a primeira coisa que eu falei com ele. E a segunda*

35 O contra turno escolar são as atividades realizadas no programa "Escola Integrada" da prefeitura de Belo Horizonte, onde os estudantes ficam na escola no horário contrário ao que estudam para realizar outras atividades extracurriculares como dança, teatro, esportes no geral. A Escola do Encantamento era um pólo de educação integrada antes de se constituir enquanto escola do turno regular.

é que eu não queria ficar ociosa como eu ficava. Eu não tinha esse interesse. A gente tinha que fazer alguma coisa. Aí ele topa. Aí ele disse: Então faça uma proposta. Eu e o professor sentamos e esboçamos um projeto. 'Olha a gente tem isso aqui que é possível,' tem espaço. A gente contou os espaços, os meninos que vem e falou: 'não é possível ter uma oferta de fato enquanto a escola não for de ensino fundamental, porque até aquele momento, isso já era 2017 nunca teve autorização de funcionamento para o ensino fundamental e aí então a gente começa esse processo. A gente esboçou. Ele olhou para a nossa cara: vocês conseguem falar isso para a secretária? Falamos. Marcamos uma reunião. A gente apresentou para a secretária. Ela adorou a proposta, só pediu que a gente não abrisse mão das escolas que fazem o contraturno aqui porque muitas têm o desafio de aluguéis de imóveis, etc. Aí ela deu linha e disse: escreve, vamos escrevendo e vamos dialogando com as equipes da SMED, com todas as equipes que pudessem subsidiar a gente, o financeiro, entre outras. Passamos um ano nesse processo de ir na SMED, elaborar o documento, como íamos funcionar; construir a carga horária, os professores, a carga horária dos estudantes; tudo isso a gente foi construindo ao longo de 2017 e aí no final de 2017, o projeto é submetido ao conselho municipal de educação que aprova e dá a autorização de funcionamento do ensino fundamental em tempo integral aqui, mais a educação de jovens e adultos.

- E aí em 2018 a gente começa o funcionamento. Só que começa com um desafio: não existia o salão e foi uma opção a gente não começar com o salão pronto porque senão não começaria hora nenhuma. Começamos sem a cantina. A gente transportava comida para cá todos os dias. Então, começamos ocupando os espaços. Só no final de 2018 que aparece o salão, que os professores começaram a entender o que era dinâmica porque até então, eles ocupavam os espaços, saíam para a área do conhecimento, mas ocupavam espaços separados, né. O salão vai aparecendo e aí os desafios do salão vão aparecendo também. É muito desafiador você trabalhar numa perspectiva de não ter a aula expositiva como centralidade do processo educativo que é o que a gente vivencia enquanto estudante e gente vivencia enquanto docente. A universidade nos forma para ser isso, né, aulas expositivas. E aí, os desafios são colocados e é o que permanece até hoje, um grande desafio para os educadores que acaba reverberando no comportamento do estudante a permanência e o entendimento daquele lugar como um lugar de estudo. Como o professor tem muitas dificuldades ele acaba saindo muito do espaço do salão e os estudantes compreendem aquele espaço como um lugar de passagem, ficam esperando a hora que ele vai sair dali para ir em algum lugar. Então, tem todo esse desafio ainda de que as pessoas percebam e se reposicionem mesmo, se experimentem, vivenciem isso de fato o que é, e não chegar lá e ter uma aula expositiva para falar com os estudantes e construir essa relação de mediador do conhecimento e não o transmissor do conhecimento.

M: E quando a Escola da Ponte apareceu para vocês para justamente montar o projeto?

- Então, eu conheço o Zé Pacheco há muito tempo, desde quando ele veio morar aqui em Minas Gerais, foi quando eu o conheci. Fui conhecer, fui entender o que era o projeto da Escola da Ponte a partir dele mesmo que me contou o que era a Escola da Ponte. Em Contagem quando eu estava na assessoria nessa época, ele foi assessor de um projeto de implementar a Escola da Ponte, o modelo da escola em uma das escolas lá de Contagem, e aí eu fui acompanhando um pouco à distância o que era isso, mas também a proposta traz muito das minhas experiências e experiências do outro professor, de escola e de espaços não escolares que a gente trabalhou. Então, a gente tem a experiência de ter trabalhado no galpão de catadores de papel como professores, como educadores ali naquele espaço. Meu primeiro projeto de educação integral foi um projeto que se chamava Integrar e trabalhamos

eu e o professor que esteve comigo aqui e outro professor que hoje trabalha aqui na escola nesse espaço que a gente era um docente no ensino médio. Não tinha a perspectiva do salão, mas tinha o desafio de você ser o único professor na sala para trabalhar todos os conteúdos do ensino médio. Mas tinha um material muito bacana, pronto, um material interessantíssimo que já apresentava o próprio conteúdo dessa forma. Tinha o material do professor e o material do estudante. Era uma EJA, de ensino médio técnico em telecomunicações e quem bancava isso era o FAT, o Fundo de Amparo do Trabalhador. E a gente executou esse projeto que foi de fato muito desafiador, mas a proposta da nossa escola vem permeada disso, vem permeada das nossas experiências pessoais.

- Tem a experiência, eu chego na Escola Plural³⁶ O ciclo é algo que a gente acredita e olha que a escola da Ponte está muito mais avançada, porque eles trabalham com o nível básico, intermediário e avançado, independentemente da idade do estudante, um dia quem sabe a gente chega lá, mas, o ciclo já é desafiador na rede municipal, né. Só o fato de você pensar de não reter o estudante três anos, as pessoas ficam desesperadas. O educador se sente inseguro, acho que esse é o sentimento de insegurança. Mas, então tem elemento da escola plural, uma experiência super enriquecedora. Tem as nossas experiências, então é um conjunto de experiências, de vivências e aí o subsídio que tudo isso trouxe para gente da prática que era possível fazer. A própria escola integrada traz elementos também de referência e ideia era que esse currículo ele resgatasse de volta esse sujeito, por isso que a gente coloca na mandala aquele sujeito na centralidade porque foi e ainda é muito importante o contra turno escolar, mas ele traz um desafio que ele divide esse estudante em duas pessoas diferentes, a do turno e a pessoa do contraturno, porque no modelo, não há um diálogo, eles não conseguiram. É possível, é, mas as escolas ainda não conseguiram elaborar propostas que esses sujeitos dialogassem para que buscasse de fato a integralidade desse sujeito que é atendido ali, né, na escola. É um pouco disso que a gente tentou e está tentando todos os dias fazer aqui.

M: E o maior desafio que você vê hoje em dia que você já comentou um pouco do salão, mas tem outros desafios que percebe?

- O salão, ele traz a reboque, mais desafios que é do educador. Quanto mais resistente o educador se torna, mais difícil é, porque essa experiência de se colocar, com a possibilidade de reaprender, eu imagino que no 1º ciclo talvez seja menos complicado pelo menos as experiências que a gente conhece e que narram pra gente: Amorim Lima, CIEJA Campo Limpo, a escola de Manaus, presidente João Pessoa, então todas elas; a Serra, a escola da Serra aqui em Belo Horizonte no 1º ciclo como o pedagogo ele já tem com ele uma visão mais global do conhecimento. Então isso não provoca tanta insegurança, mas como a gente tem uma formação de especialista. Porque num primeiro momento a ideia era que fosse completamente transdisciplinar como é na Escola da Ponte, né, a partir dos projetos individuais dos estudantes. Um tutor conduziria todo esse processo. Aí a gente falou: 'é muito para a rede, vamos por área do conhecimento que é algo mais familiar e é muito desafiador ainda pela área do conhecimento.' A disciplina ainda é um traço muito forte, é uma experiência muito instituída dentro da escola, no Brasil como algo que de fato é o único processo que pode garantir a aprendizagem, mas os números aí estão para dizer o quão isso não garante a aprendizagem de ninguém até hoje. Os números são muito desastrosos da

36 A Escola Plural foi uma proposta político pedagógica desenvolvida nos anos de 1993 a 1996 na rede municipal de Belo Horizonte que se estruturou com base nas práticas significativas inovadoras existentes na escola a partir das experiências dos professores.

educação pensando que é esse um modelo basicamente que domina e que é referendado no Brasil que é o modelo disciplinar com a excelência de duas disciplinas: língua portuguesa e matemática. As demais ficam ali circundando, né. É isso.

M: Você acha que essa experiência vivida aqui na Escola do Encantamento pode ser expandida para outras escolas ou isso você vê que dependeria de ter um espaço como esta escola? Por que na rede municipal de Belo Horizonte, não há outras escolas com essa perspectiva educacional...

- Eu lembro que essa foi uma das primeiras conversas que a gente teve depois de tudo desenhado, com a secretária de educação, no final quando a gente apresentou para ela e para a SMED que foi um seminário, a primeira coisa que nós dissemos era que a gente não tinha interesse que isso fosse replicado como uma metodologia, sabe, essa não é a ideia, porque a gente realmente tem condições de espaços muito diferentes. Isso também convidou não só o espaço, mas a própria arquitetura do espaço nos convidou a fazer uma coisa diferente e a gente sabe que as escolas precisam trazer para sua transformação aquilo, não tem como replicar, "ipsis litteris," mas é possível trazer os princípios da educação integral para a prática da escola. Essa é a ideia, né. Por exemplo, eu não fiz a escola da ponte, porque é impossível fazer a escola da Ponte, não é uma reprodução da escola da Ponte, porque a gente tem condições diferentes, né. Mas, é possível resguardar quais os princípios que norteiam? O nosso princípio é a centralidade do estudante, é um princípio, uma organização de tudo. O desafio que muitas escolas veem hoje é que o professor é que tem a centralidade da organização do funcionamento escolar.

Então, eu organizo o horário e o estudante que se encaixa. Então, o estudante está aqui. Como nós vamos atendê-lo da melhor maneira possível? Quais os dispositivos que ele precisa naquele momento? A gente já mudou de dispositivo, manteve dispositivos de aprendizagem, então é avaliado o tempo todo. Mas, os princípios da educação integral estão preservados ali. Isso é importante que todas as escolas possam passar pelos seus processos de transformação a partir desses princípios. O que é possível fazer? Ah, é possível, por exemplo, uma escola da rede veio até nós para conversar e pensar num processo de transformação para a escola. E hoje, essa escola está num processo de integralização, de construção do tempo integral, de uma educação integral que não é a da nossa escola, mas que veio aqui e falou: olha é possível começar de algum lugar. Você vai começar do mesmo lugar que comecei, do zero, porque a nossa escola começou do zero? Não. Mas, é possível. Vão ser todos os professores que vão se transformar? não. Porque a Escola da Ponte não foi assim. A Escola da Ponte começou com 3 pessoas transformando o processo. Então, assim, cada escola vai construindo. Agora tem que ter o desejo de mobilizar, de transformar... E aí é muito legal quando a gente vê que a gente inspirou alguém para alguma transformação. Porque às vezes a gente, ah, só fiz por exemplo, a tutoria. Gente, já é muita coisa você conseguir separar um tempo para fazer, disponibilizar o estudante com um outro dispositivo de aprendizagem que você possa perceber o estudante para além do conteúdo escolar, né.

- Observar melhor essas dimensões. Qualquer transformação que você vá buscando essa integralidade do sujeito já é uma grande transformação. Porque senão parece que a escola da Ponte já nasceu pronta e ela não nasceu da forma como ela é. E ela foi mudando. Quando você senta com o Zé Pacheco ele fala que um dia ele vai escrever os desafios da Escola da Ponte. É muito desafiador e é isso. Agora tem que ter disposição porque dá trabalho, fazer o que a gente se propor a construir, o material. Se propor a se orientar pela demanda do estudante. Ser o mediador e não simplesmente pegar o sumário do livro e reproduzir o

conteúdo trabalhado nas habilidades do estudante. Então, temos um baita desafio. A gente quer inspirar. Reproduzir não é possível, mas a gente pode inspirar que as pessoas construam suas transformações. Isso eu acredito profundamente que é possível.

M: Tomara...

- É devagar, Mariana. Pensa quanto tempo levou para chegar na escola dessa forma, eu fui fazendo coisas diferentes ao longo da minha vida, mas é a primeira vez que eu estou numa escola que pôde agrupar todas as experiências que aconteceram em espaços e tempos diferentes na minha vida. 20 anos, levou essa brincadeira (rs). Mas eu acho que tem possibilidades, precisa começar. Então, assim, se a gente fosse esperar o dia que o salão ficasse pronto, o dia que a cantina estivesse pronta, o dia que isso... não vai! Então, assim, é uma coisa que a gente enquanto professor precisa sair desse lugar que precisa ter a melhor sala, a melhor quadra, a melhor isso, que vai acontecer tudo, não. Porque é pensar que a revolução, ela é algo que só acontece em nível macro. Você pode fazer pequenas revoluções todos os dias, né, a partir de pequenos dispositivos que você pode fazer. Inclusive enquanto disciplina na sua escola, você pode ir construindo, sabe. É muito possível. Agora, tem o desafio, né, de querer, de estar à disposição. E o professor tem um medo de errar, né? Professor tem medo de errar, olha que loucura e o erro faz parte do processo de aprendizagem, basta saber como você vai encarar, se ele é algo que vai te paralisar ou se ele é algo que vai te fazer caminhar. Mas como a gente está preso eu falo isso porque isso pra mim tem a ver com a reprovação. Porque aí o erro, ele fica num lugar estanque, não é um erro para você continuar e caminhar; é um erro para te paralisar. A gente estava outro dia nesse debate. A gente vai reter por qual objetivo? Só por uma punição? Porque para mim só faz sentido, se é que tem, porque para mim não faz sentido retenção de forma alguma, a retenção só pode vir a ter um sentido se você vai construir um projeto diferente. Porque não são 4 horas e 30 minutos, são 9 horas diárias, são 45 horas semanais. Imagina isso ao longo do ano todo. É muita coisa para você dizer para ele que ele vai fazer a mesma coisa. Porque ele precisa provar para você que é só naquela mesma coisa. E você já sabe que naquela mesma coisa, ele não consegue. Então a gente vai construir outro? É muita coisa que a gente precisa... A análise institucional fala disso, de raspar, de tirar essa coisa instituída da escola, do modelo, que o estudante precisa ter sucesso naquele modelo. O aluno só é bom se ele acerta naquele modelo. É muita coisa pra gente transgredir, enquanto educador e se sentir menos inseguro. A gente é muito inseguro, né, na relação com o estudante. A gente se fragiliza por muito pouca coisa. Acho que no terceiro ciclo isso é mais desafiador ainda, muito mais, pela nossa formação. A universidade também; fomos formados com o professor dando aula e você escutando e copiando, né.

- Nem a universidade deu conta ainda... ela fala disso, de currículo, de prática, mas eles mesmos não dão conta de promover dentro da própria universidade uma outra forma, né, uma outra abordagem metodológica... É o desafio de todo mundo que vai. E aí a gente vai segurando um na mão do outro. Hoje, eu estava conversando com uma professora que está fazendo essa transição na escola dela e disse a ela: Bem vinda, porque, o pessoal do quadro de professores da secretaria de educação me ligou e me falou assim: “que história é essa que o que a escola do encantamento faz aí não corresponde ao SGE (Sistema de Gestão Educacional)?” Respondi para eles: Ué, mas desde 2018 que isso acontece. Aí eu fui explicar para eles como que funciona, que a escola tem módulo de 1h e 45 minutos, que a gente tem duas horas de almoço, mais duas horas de intervalo e que são 7 horas de tempo com o estudante, mais duas horas de atividades livres porque isso compõe a educação integral, 7 horas é o tempo mínimo... Fui explicando tudo. Aí eu falei, gente, nós estamos em 2023. Aí a

professora me liga e eu falo: tô rindo aqui. Bem-vinda ao mundo da explicação do que é educação integral, do que é um currículo porque o SGE só entende o currículo do parcial. Ele foi programado para o currículo do parcial e aí não dá para pegar a sua escola e a minha e enfiar lá dentro porque a gente transborda aquilo tudo. Não tem jeito. Outro lugar desafiador é a secretaria de educação, porque o funcionamento escolar é muito engessado e a gente tem uma legislação educacional tão ampla e tão libertária, que eu fico assim como não darem conta e aí fica sempre no miúdo, não dão conta de ler. A gente teve que na época levar a legislação e falar assim: aqui isso aqui me deixa fazer, tem a lei, porque eles achavam que tudo era ilegal. Lógico que não tem nada de ilegal no que a gente está fazendo. Muito antes pelo contrário. Está tudo aqui. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) não diz que a forma de se organizar é por série, lá não está dito isso. Lá diz que você pode organizar da forma que você quiser, desde que resguarde a carga horária, você resguarde o tempo do professor. Falei: olha a gente já tá bem à frente porque a gente está dando mais que 7 horas e 30 minutos para o professor de planejamento e a gente já chegou com isso, com mais horas de planejamento. Mas, foi um processo de convencimento inclusive da estrutura da secretaria que é muito enrijecida que tá lá pensando uma política pública há muito tempo e não dá conta de perceber essas mudanças todas do mundo da educação. Fica ali ensimesmada naquela prática, naquele sistema.... Eu falo que o SGE já nasceu caduco em 2010, porque ele não dá conta do parcial, da diversidade de projetos.

- Agora, para a escola do Encantamento acontecer, o apoio da secretária de Educação foi fundamental. Foi a chancela da secretária, na época, que fez com que o projeto dessa escola saísse do papel. Essa escola existir é porque ela bancou muitas vezes em reuniões as pessoas começavam a falar e ela dizia: é para fazer. Aí o povo ouvia a gente como uma escuta mais aberta porque era sempre batendo, insistindo e as pessoas, não. E aí a gente ia na secretária, mostrava que não tinha empecilho nenhum e ela dizia que era para fazer. Ter esse apoio institucional foi muito importante pra gente. Remar contra a maré é muito difícil, haja visto a história da escola da Ponte que foi remar uma vida inteira contra a institucionalidade em Portugal. Foi sofrido. Não foi fácil, não. Ficar sem professor. Eles ficaram um bom tempo sem um número grande de profissionais.

- Mas, acho que todas as escolas, se você pegar as histórias, todas elas vêm recheadas, que nasceram nesse contexto de subversão, sabe. A escola do Encantamento, inclusive, nem nasceu num contexto muito subversivo. A gente nasceu, pelo menos para nós, num contexto muito favorável. Do ponto da secretária, da regional, a gente tem todo o apoio mesmo, respeita profundamente que a gente tem tentado transformar o conhecimento.

M: Eu me lembro muito do Zé Pacheco, uma das falas dele do início do processo da Ponte, que é necessária a fundamentação. Estudo e fundamentação. Essa divisão que temos das disciplinas e a quantidade para cada uma delas. Matemática com 5 aulas, Educação Física com 2 aulas...

- E na verdade, no ofício da prefeitura, você tem 4 aulas de português, 4 aulas de matemática, 2 de história, de geografia e de ciências, 1 de educação física e 1 de arte. Essa é a instrução que chega. E se normatizam como verdade absoluta. E aí você fala assim: mas, por quê? Mas também isso tem muito a ver com nossa própria trajetória, tem a ver com a nossa história também. Um pouco da Escola Plural³⁷ Oh gente, nós mesmo atrapalhamos

37 No texto "Experiências de inovação educativa: o currículo na prática da escola", Miguel Arroyo (1999) nos diz que a proposta da Escola Plural era criticada por acreditar nessa dinâmica coletiva, por não ter sido mais

tudo. Não precisava da gente estar nesse dilema porque tinha liberdade de cada escola. E aí quando equaliza a grade, nossa o povo 'surta'. Quando fala que não vai reter o estudante, nossa, aí os professores começaram a dizer que não precisava mais dar aula. E era uma escola antiga. Eu cheguei numa escola de pessoas antigas na rede. Nossa, foi um caos. E aí eu olhava e falava assim: gente, que loucura! E aí eu ia pra sala e fazia as coisas e os estudantes me perguntavam:

“Por que que só você dá aula professora?”

Eu falei: “uai, mas o que vocês ficam fazendo aqui?”

O módulo de aula já era uma hora.

“O professor fica batendo papo com a gente.”

“Mas eu posso bater papo, vocês trabalhando, a gente trabalhando aqui, a gente batendo papo.”

- E aí foi, essa coisa virou o que virou. E aí as pessoas se enrijeceram tanto e com isso jogaram o bebê, a bacia, a água, tudo fora como se não tivesse nada que pudesse ter sido preservado daquela escola do que ela trazia de transformador para as nossas práticas até para o nosso trabalho, sabe. E eu falava, gente. A gente trabalhava muito junto, muito em conjunto com quem queria você conseguia trabalhar, mas a gente mesmo... Tem horas que eu falo que a gente é muito conservador para aquele modelo de escola e discursiva de que a escola particular é uma melhor escola do que a nossa. Melhor em qual escola, de quem nós estamos falando, qual público que é atendido na escola particular, tem que ter um mínimo de parâmetro para comparar. Não dá para simplesmente pegar uma escola aqui do Barreiro e comparar com uma escola particular da região centro-sul de Belo Horizonte. Essa escola tem os desafios de ter o tráfico de drogas, instalado na porta da escola. Ou se o tráfico está na porta dessa escola, ele também é tratado de forma diferente do que é tratado, da forma violenta como é tratado na porta da escola do Barreiro. Então não dá simplesmente para dizer que uma coisa é melhor do que a outra, porque tem mais matemática do que educação física.

- Não é isso que faz com que a experiência seja melhor. E outras habilidades, porque é isso que trouxe a gente para o projeto escola 2030 que outras aprendizagens a escola precisa tratar também, da criatividade, do protagonismo, do autoconhecimento, isso também é o fazer da educação integral, essas outras aprendizagens precisam estar presentes ali nessa formação, não só o conteúdo escolar. Afinal de contas, 9 horas passar aqui dentro e achar que tudo vai se resumir à quantidade de aula de matemática e língua portuguesa que eu vou ofertar para ter um bom desempenho no IDEB, nosso trabalho é empobrecer demais o que a gente tem a fazer na escola. Pelo menos é o que eu acredito. Muita gente acha ruim, mas é o que eu acredito. Eu falo nenhum a menos, é nenhuma retenção. Porque esses meninos já saíram em desvantagem. Como que a gente vai corroborar para essa desvantagem, essa distância virar um abismo. Aí é impossível. E aí a gente encontra um conjunto de sociedade, qual a nossa responsabilidade enquanto sociedade com a educação, né. Senão vira igual aquele grupo ali: Ah, é só da mãe do menino. Não, a constituição já disse pra gente que a responsabilidade também é nossa.

controlada e dirigida pelos órgãos administrativos e técnicos. O autor acredita que isso se deve às visões desencontradas de inovação social, cultural e educativa e do medo de perder o controle dos processos sociais diante do crescimento da autonomia dos professores da escola básica, diante da capacidade de pensar e fazer escolhas (Arroyo, 1999, p. 154).

4.6 Conversa com a coordenação

Conversei com a coordenadora pedagógica no dia 20 de março de 2023. A conversa aconteceu em sua sala e foi muito agradável. Começou me contando sobre sua trajetória na escola e os pontos positivos e negativos do projeto desde o seu início.

- Vou fazer um breve histórico. Eu vim pra cá em 2017. Na verdade não existia a escola ainda. Existia o espaço, mas não a escola do ensino fundamental. Eu vim porque tinha o desejo de trabalhar numa coisa diferente, tô na carreira de professora desde 1990, então já passei algum tempo na gestão, tanto na rede municipal como no estado e quando voltava pra sala estava tudo a mesma coisa, eu estava desanimada com isso. E mais do que em relação à questão metodológica e da questão tradicional, o que me incomodava mais era a forma como os educadores falam. A sala dos professores para mim sempre foi muito deprimente, de alguns professores tratarem os estudantes com muito preconceito, muita falta de respeito. A forma como eles falam, eu acho que diz muito da relação que eles estabelecem com os estudantes e aí eu tentava fazer uma coisa diferente, mas era muito pouco em relação ao que eles tinham de oferta.

- A minha filha estudou numa escola particular, que é uma escola inovadora. Ela foi diagnosticada com déficit de atenção, mas era uma escola para mim muito difícil de pagar. E além de tudo, eu morava no Caiçara e a escola era no bairro da Serra, eu não tinha nem carteira, então não dirigia ... Então, assim, eu queria muito que houvesse uma escola pública que também fosse inovadora, então era um desejo meu.

- Mas eu estava ficando muito infeliz nas minhas experiências. Eu estava em duas escolas da rede e estava me adoecendo essa coisa de você não ter com quem compartilhar as suas concepções e fazer algum projeto interdisciplinar, estava muito complicado. E aí eu fiquei sabendo que ia abrir outra turma de educação de jovens e adultos, à tarde, porque já tinha de noite e de manhã. E aí eu pedi para ser lotada aqui. Aí a diretora conseguiu trazer minha lotação para cá, então eu vim como professora da EJA no primeiro momento. Isso foi em 2017, no meio do ano.

- E aí, nesse período, foi o ano em que o projeto, a proposta do ensino fundamental, o ensino fundamental regular e EJA, já estavam bem adiantados, eu dei algumas contribuições, conversei um pouco, participei das reuniões que as equipes da SMED vieram para conhecer a proposta. E aí, em 2018 eu já estava na coordenação pedagógica. Na verdade eu estava muito afim de estar na regência, mas na época era preciso ficar na coordenação. Eles me convidaram, eu participei da formação, a gente teve 10 dias de formação inicial, mas desde o começo eu tinha uma grande expectativa de que seria uma coisa bem diferente. A gente tinha os princípios, mas a gente não sabia direito exatamente como ia acontecer.

- O Salão dos Saberes ainda não existia, então a gente precisava se organizar toda semana nos ambientes que a gente tem fora do salão, era uma coisa que dava trabalho, mas a gente foi conseguindo.

- E a gente tinha um grupo de professores muito resistente no início, que na verdade não concordavam com a proposta. Eles viviam fazendo sugestões de alteração do jeito de fazer, mas mexia muito com os nossos princípios. Então foi muito difícil esse primeiro momento, sabe? Sem o espaço adequado, sem ter uma equipe que comprasse a proposta, mas ainda

assim eu acho que a gente conseguiu fazer por esses estudantes mais do que as outras escolas fariam, sabe? E assim, eu acho o espaço maravilhoso. Às vezes eu estou desanimada para trabalhar, quando chego aqui, respiro fundo, olho para o céu e o dia melhora.

Então, eu acho que o espaço é maravilhoso. O fato de a gente ter espaços totalmente diferentes da sala de aula tradicional já interfere na forma da gente trabalhar. Mas é isso, assim, aí a gente foi levando o primeiro ano muito aos trancos e barrancos. Entre o primeiro e o segundo ano a gente fez uma avaliação do que foi. Eu acho que a gente avançou em termos da proposta pedagógica, no fazer. A gente conseguiu sair dos roteiros por área, ter um roteiro interdisciplinar e transdisciplinar e foi um avanço. 2019 foi um ano muito feliz para a escola, as coisas estavam encaixando direitinho, e a gente chegou no final de 2019, apesar de todas as dificuldades, muito animado para 2020. Aí veio a pandemia e mudou tudo.

- Nesse período eu fui regente em alguns momentos, aí depois voltei para a coordenação pedagógica durante a pandemia. Assumi no ano passado (2022) a coordenação geral com a saída do vice-diretor. É uma responsabilidade muito grande. E assim, eu acho que a gente tem muitos desafios e a gente sempre teve. Mas o resultado, ainda que com todos esses desafios, é muito perceptível, sabe? A gente vê o desenvolvimento dos estudantes, considerando as múltiplas dimensões, em muito pouco tempo, não precisa esperar até o nono ano. Os meninos se desenvolvem tanto ao longo do ano, e as relações, a escola é muito acolhedora, então as relações que eles têm com os adultos é muito bacana.

- Mas é isso, eu acho que parte dos nossos desafios é que as pessoas conheçam de fato a proposta de inclusão, de estarem abertos para como se relacionar com o outro, de acolhimento, porque a gente vê ainda que os adultos também estão adoecidos, então tem muita dificuldade de perceber que na escola para todos, estão todos os sujeitos mesmo que trazem todas as suas tragédias nas trajetórias e aí a gente vai conversando, assim.

- Eu fico pensando, assim, o que será da escola daqui a dez anos? Isso me dá um pouco de ansiedade. Será que a gente vai existir ainda? Porque a gente sabe que, politicamente, essa escola vai contra os princípios que estão em fora, né? Não só, aí eu não estou dizendo politicamente da gestão, mas da sociedade. Então, não é fácil manter, a gente percebe isso pela redução do número de turmas, do número de estudantes, mas é uma experiência fantástica, que independente se a gente conseguir manter ou não, eu acho que a gente já tem feito muita diferença na vida das pessoas que passam por aqui. Tanto estudantes, quanto educadores, quanto funcionários, porque não tem a ver só com a concepção de ensino, mas com uma concepção de vida, que é o que a diretora fala sempre.

M: Quando você entrou aqui em 2017, como foi? Você pegou uma parte do início de tudo, trouxeram uma concepção da Escola da Ponte e aí adaptou-se? Como foi esse processo? Me fala um pouquinho.

- Quando eu cheguei, o processo já estava bem adiantado, já tinha uma turma que já estava discutindo, foi um projeto construído a várias mãos e cabeças, então já estava bem adiantado. O que eu fiz foi um pouco ajudar na escrita, principalmente na parte dos sujeitos, de definir quais são os sujeitos que estão na escola pública hoje, porque era um pouco da minha dissertação também. Então eu trouxe um pouco disso, um pouco de currículo, mas os princípios já existiam, a diretora e o vice diretor estudaram muito, eles já haviam visitado várias escolas, inclusive em São Paulo, as escolas públicas que também tiveram inspiração na Escola da Ponte.

- Geralmente a matemática fica fora dessas propostas mais inovadoras. Tanto que a gente foi depois em São Paulo e a gente viu que todos os outros conteúdos propunham atividades interdisciplinares, a matemática era separada. Sempre a matemática e a Educação Física. Então eu acho que aqui na escola a gente conseguiu isso. Como é possível trabalhar, inclusive, a matemática nessa perspectiva?

- E como eu trabalhei um pouco na gestão da rede municipal, numa equipe pedagógica da rede estadual, e fui gestora do ensino fundamental, muito das particularidades dessa parte do conteúdo mesmo, que eu sabia que ia ter uma cobrança, eu contribuí nessa perspectiva de como é que, nessa ideia toda, o conteúdo entra. Então, eu acho que foi muito nesse sentido. A gente ofereceu dez dias de formação, dez dias escolares no início do ano, e acabou que a gente construiu junto. Mas, foi uma loucura esse início, porque estava a gente fazendo entrevista para monitores, tinha um monte de coisa para colocar a escola de pé.

- Eu fiquei mais na condução desse processo, enquanto a equipe gestora ficou mais na parte de administração mesmo. Bacana, mas nem todos os professores já estavam lotados aqui, então chegaram alguns professores depois, e foram esses, inclusive, os que tiveram mais resistência. E o processo de formação foi muito no sentido de fazer as pessoas pensarem qual é a escola ideal, que cada um tem no seu imaginário, mas qual seria a escola ideal de todos?

- Como é que é a fase dessa construção democrática? Então foi muito pensando isso e depois a gente acabou trazendo isso também para os estudantes, porque uma escola ideal para cada segmento, o que a família vê como escola ideal, o que os estudantes veem como escola ideal, o grupo de professores, a gestão, foi muito um exercício de ter que abrir mão, às vezes, de algumas coisas que você vê na sua escola ideal, mas que interferem no que o outro pensa.

- E depois a gente fez também algumas dinâmicas no sentido de construção de material, porque pra gente elaborar o nosso material pedagógico isso foi complicado para os educadores e ainda é, sabe? Geralmente a coordenação interfere muito. Agora, por exemplo, a gente está deixando mais livre e está demorando a sair o material pedagógico que é o nosso roteiro. Lógico que eles fazem atividades, mas o roteiro é o nosso carro-chefe. Mas é isso, foram 10 dias de muita discussão, de muito debate, a gente trazendo dinâmicas que poderiam ser replicadas com os estudantes depois, quando comessem. E o começo foi muito intenso, chegaram todos os estudantes, eu acho que tinham uns 150, 160 na época, todos os estudantes de uma vez só, todo mundo muito novo. Como ainda não tinha o salão, a gente ainda teve essa transição de fazer algumas atividades mais expositivas mesmo, né? A gente usava muito o auditório, tinha umas mesas já coletivas, mas elas ficavam em outro espaço, mas dava pra gente dividir um pouco o grupo, então a gente foi explicando a proposta. Acho que a gente errou muito, a gente erra muito ainda, mas é isso.

M: Qual é a maior dificuldade que você vê, hoje?

- Dificuldade não, desafio. O nosso maior desafio é as pessoas entenderem de fato a proposta.

M: Você fala das famílias?

- Todo mundo, a comunidade como um todo. A gente tem educadores que ainda têm dificuldades, que apesar de ter um discurso progressista, não fazem aquilo que a gente

entende como uma educação transformadora. Então, a tendência de trazer o protagonismo do professor é muito grande ainda. E essa transmissão de conteúdos, isso é porque é da nossa formação. Então, existe ainda essa tendência. Eu acho que como a gente faz tudo muito coletivo, é importantíssimo que a relação entre os educadores seja o mais harmônica possível e a gente percebe pessoas que têm dificuldade de se relacionar com o outro, porque a gente passa nove horas por dia, juntos. Então é muito problema nesse sentido. Tem hora que eu vejo as pessoas magoadas, as pessoas irritadas, mas sem também se abrir um pouco para ouvir, sabe? E aí é uma questão que a gente precisa pensar. Eu acho que o outro desafio que é a questão da comunidade entender, da comunidade perceber o quanto que a escola precisa ser mais do que uma transmissora de conteúdo, porque a comunidade ainda tem essa expectativa de que o caderno vai estar cheio, de que o menino aprendendo é o menino que faz prova.

- E para isso, já pensando no futuro, eu acho que o que consegue garantir a nossa proposta é a gente trazer a comunidade para entender essa proposta. A gente tem escolas vizinhas que têm essa dificuldade de compreensão, então não fazem, não incentivam os estudantes a vir para cá encaminhados. Dos 120 estudantes de uma das escolas que encaminha estudantes para cá, hoje tem 50, mas desses 50 chegaram muitos de outras escolas também.

- Porque ainda tem essa expectativa. Mas é isso, a gente precisa entender que o que vai garantir essa proposta é essa escola. Não são os educadores, não é a gestão que vai conseguir isso se a comunidade, se a gente conseguir fazer com que as famílias ao redor, que os nossos vizinhos mesmos, estejam aqui dentro para eles entenderem o que a gente faz aqui. Porque hoje a gente tem poucos estudantes que saíram que já estão no ensino médio, na universidade. Porque em termos de volume, principalmente, os primeiros anos a gente não começou com o nono ano, a gente começou com o sexto e sétimo. E aí não dá nem pra ter testemunho, sabe? Olha o tanto que essa escola foi importante pra mim, o tanto que eu me dei bem na vida, o tanto que eu consegui alcançar. Mas é no fazer, né? Eu acho que é um desafio que a gente tem todos os dias.

4.7 Conversa com a educadora de vivência

M: Então, eu queria que você me contasse da sua experiência aqui na escola, enquanto estudante, na época que você entrou, como era e, agora, enquanto educadora. Como você está vendo a escola do Encantamento agora, pós pandemia também...

- É totalmente diferente, como aluna e como professora. Como estudante foi uma surpresa, porque era um sistema novo, mas eu sou uma pessoa muito adaptável, então eu me adaptei muito rápido à proposta da escola. Antigamente, a gente não tinha o Salão dos Saberes, então as áreas do conhecimento existiam, mas elas se dividiam por espaços na escola. Por exemplo, nessa sala aqui que a gente está, a gente ficava com quem estava com ciências humanas, aí podia ser o nono ano, ou podia ser o oitavo. Aí lá em cima ficava quem era da ciência de natureza, a gente ia lá até na tenda, e era assim.

- Eu acho que essa escola me ajudou muito na questão artística, porque eu sou da área artística, né, eu sou estudante de teatro, estou formando agora, e aqui me deu essa oportunidade de explorar, além do meu lado de conhecimento, esse lado artístico, porque eu sempre foquei mais nesse lado artístico, que eu me descobri ainda mais, e foi aqui que me fez ter a oportunidade de estudar realmente teatro, eu estou estudando teatro desde 2018, mas

agora que eu estou me formando profissionalmente, então são seis anos, que eu estou nessa área aqui na escola.

- Falando, assim, de conhecimentos gerais, eu acho que desde aquela época eu tenho coisas a criticar, eu sei que lá os roteiros, assim, ainda estavam caminhando, as pessoas estavam construindo os conhecimentos, mas eu achava bem fraquinho, porque eu vim da escola estadual, né, e também estudei em escola particular, apesar de já ter estudado na escola municipal, eu passei por todas essas coisas, assim, eu achei que teve uma quedinha, assim, porque a maioria dos roteiros que eu fiz no ano, eu já sabia, porque era coisa que eu tinha feito nos anos passados, então acho que eu não andei no quesito de matéria naqueles anos. Agora, eu acho que ele já se especializou um pouquinho mais, já aprofundou um pouquinho mais, já mudou muita coisa, por exemplo, agora tem o Salão Saberes, que era uma coisa que era uma proposta lá atrás, tem os armários, que na minha época, nós tínhamos votado, nós estudantes, nas rodas de conversa. Então, em vez de ser um vestiário, propomos os armários. Uniforme também. Aqui nunca teve uniforme, foi uma proposta que nós criamos, no caso, para que não tenha uniforme, e isso continua, acho legal.

- Os armários agora tem, e ele foi votado lá atrás, e agora trouxeram. Então, antes da pandemia era assim.

- Pós pandemia eu não estava aqui, mas acho que eu posso contar um pouquinho da experiência da minha irmã, como era. A coisa desandou um pouquinho, né? A prefeitura não tinha o mesmo sistema que a rede estadual. Porque a minha irmã estava se formando no ensino médio também. E a gente tinha o PET,³⁸ né? Então, o estadual tinha o PET, e a minha escola proporcionou aula on-line para os alunos. Aqui já era diferente. Aqui a escola disponibilizou o material para eles pegarem aqui na porta da escola, levar para casa para fazer e depois entregar. Só que muitos alunos não fizeram isso. Então, acho que ficou uma confusão. Tanto na estadual também. Então, acho que a pandemia foi muito difícil para todo mundo e o pós-pandemia, o que eu vejo agora é a minha visão de educadora.

M: Me deixa voltar um pouquinho na sua visão de estudante, porque você me disse que não era essa organização. Não tinha o salão do conhecimento. Então, como era a divisão dos estudantes?

- Era por área de conhecimento. Área de conhecimento ainda. Aí ele separava. No oitavo ano, hoje vai ter, no primeiro módulo vai ter aula de Arte. Aí vai para linguagens e outras coisas. Aí tinha um grupo de professores, igual tem hoje mesmo.

M: E daí dividiu o sexto, sétimo, oitavo?

- Não, não tinha essa divisão. Aí, por exemplo, eram grupos... Era misto, mas não era misto, porque alguns dias só o nono ano vai ter aula de matemática; outra vez só o sétimo ano vai ter aula de Arte. Mas às vezes era misturado sétimo e oitavo vão ter aula de tal coisa. Nono e sexto vão ter aula de Arte. Era uma mistura assim.

38 PET era um material com atividades preparadas pelos professores das áreas de conhecimento para que os estudantes fizessem em casa durante a pandemia. As escolas estaduais começaram com esse processo e logo a rede municipal começou a adotar as aulas on-line em algumas escolas. A Escola do Encantamento foi uma das primeiras a começar com as aulas virtuais.

- Mas era mais definido, sabe? Nessa sala, por exemplo, podia estar gente que está estudando só o nono ano, matemática. Porque era separado por salas, não tinha um salão, estavam estudando Arte, por exemplo, sexto ano. E era assim. Já tinha os roteiros, tanto que eu falei da evolução deles. Eu acho que o conteúdo era bem limitado. Acho que tanto porque os alunos estavam se adaptando e conhecendo esse novo sistema. Hoje eu vejo que eles evoluíram bastante. E já tinha as rodas de conversa, as equipes de responsabilidade, as vivências, conexão, conteúdo.

M: E era no mesmo sistema que tem hoje? O que mudou?

- Os educadores de vivência acompanhavam, na verdade, tudo. Hoje em dia não acompanham. A gente tem o nosso planejamento separado. Não existia a conexão de saberes. A gente tinha uma coisa que era tipo a conexão. Não vou lembrar do nome agora exato. Mas tinha a junção do professor com o educador de vivência. Era como a conexão mesmo, só que tinha um nome totalmente diferente. Eu não lembro. E tinha algumas diferenças. Eu lembro de fazer teatro nessa época. E não eram tantas conexões quanto é hoje. Não cabe muito. Equipes de responsabilidade não existiam. Em todos os horários de responsabilidade. Hoje eram rodas de conversa geral. Era pra decidir se teria uniforme.

M: Atividades Autônomas já existiam?

- Já existia Só que era diferente. Ela ocorria acho que numa terça-feira se eu não me engano. E tanto os professores quanto os educadores de vivência participavam dessas atividades autônomas. E os alunos indicavam. Eu acho que hoje elas se tornaram mais uma coisa livre assim. Mas na época ainda era uma atividade que a gente conduzia. Os alunos no caso.

4.8 Pais e/ou responsáveis

Além das duas mães entrevistadas, criamos um formulário no google forms para ser encaminhado no grupo de whatsapp das famílias. No início do formulário foi descrita a pesquisa com seus objetivos e dizendo do anonimato das pessoas que iriam responder aquele questionário de perguntas. O objetivo das perguntas era conhecer a opinião dos pais a respeito da escola, o que mais gostavam, o que não gostavam, sugestões a respeito de algo específico que gostariam de dizer. Obtivemos 26 devolutivas de formulários respondidos. Perguntamos se os filhos estavam estudando na escola antes da pandemia e depois da pandemia. Para aqueles que responderam que sim, perguntamos qual era a percepção da aprendizagem antes e após a pandemia.

- *Minha filha tem TDAH, quando ele foi para o 6 ano tive muitas dificuldades para encontrar uma escola mais flexível e com outras possibilidades de ensino aprendizagem. Pós pandemia, as dificuldades continuaram.*

- *Antes ela se concentrava melhor, tinha mais rapidez ao responder as questões e raciocínio mais ágil, após o COVID reparei ficou com mais dificuldade de raciocínio mais lento, com dificuldade de concentração.*
- *Não.*
- *Antes a experiência foi boa apesar do aprendizagem ser muito fraco, pós pandemia muito ruim não desenvolveu muito com as atividades pelo telegram. foi bem fraco na pandemia*

Ao serem perguntados sobre a sua opinião a respeito da escola, se gostam e sobre os pontos positivos e negativos que eles percebem, as respostas foram as seguintes:

- *Gosto sim.*
- *Sim, gosto da escola dos métodos adotados.*
- *Escola boa, mas acho que poderia melhorar algo negativo, a aceitação de telefone na escola. E também acho que uniforme deveria ser obrigatório.*
- *Sim, gosto, pois nesta fase de pré-adolescência é bem complicado. E acho bem complicado uma criança ficar 4 horas sentada em uma cadeira só recebendo informações, ainda mais com as tecnologias. Positivos, trabalhar outras questões. Outras maneiras de abordagem, porém a dificuldade de leitura e escrita não foi sanada.*
- *Acho a escola muito boa. Só deveria mudar alguns filmes.*
- *Gosto muito da escola, pelo tempo integral e por ser desenvolvidas várias atividades que ajudam muito os alunos.*
- *Ela está gostando muito da escola, bom que a criança aprende de forma diferente um ajudando o outro e assim incentiva o aprendizado, escola ao ar livre também é ótimo.*
- *Pontos negativos que deixam a desejar alunos muitos sem educação com os professores e com os colegas e meu filho não quer continua nela e pontos positivos até o momento não vejo.*
- *Gosto da escola, acho ótima.*
- *Eu gosto muito dessa escola meu filho também adora ele entrou no ano passado sem saber ler e hoje e já sabe ler bem.*
- *Olha, o meu filho ama demais essa escola!*
- *E uma escola que trouxe a dignidade respeito para meu filho porque na outra escola ele não era respeitado ele era julgado.*
- *Ele tem o TDH e foi nessa escola que ele foi respeitado e amado por todos esporte e o forte dele gosta de experimentar várias atividades pra ele se encaixar em uma.*

- *Ele tem 13 anos e tem dificuldade de ler e escrever. Nessa escola ele está lendo escreve devagar, mas escreve e ele vai melhor ainda mais eu creio.*
- *Precisa de mais monitores para ficar com as crianças e orientá-los sobre palavras, nomes muito feios. Já presenciei alguns. Como a escola é muito grande evitar de meninas e meninos saírem sozinhos para ir ao banheiro ou fazer algum favor para os responsáveis.*
- *E colocar mais projeto e palestras e orientá-los qual é a necessidade e a importância de um cidadão respeitado.*

- *A escola transformou meu filho. Ele fez amigos e interações. Forma diferente de aprender. Excelente. Isto é educação.*
- *Acho o ensaio da escola muito fraco.*
- *Gosto muito da escola, da proposta de uma pedagogia libertadora e crítica. Pontos negativos: dificuldade na inclusão da minha filha autista.*
- *A escola é sensacional, tanto em espaço, quanto aos profissionais. Meu filho é autista e essa foi a escola que fomos mais bem acolhidos e que fazem questão de incluir ele em tudo. A comunicação com a escola também é excelente, sempre disponíveis tanto presencial, quanto virtual.*
- *Gosto sim, pontos positivos: interatividade, todos os funcionários, é o que eu acho que os meus filhos precisam. Pontos a melhorar: Menos rotatividade de funcionários para poder manter a essência daquilo que é proposto na metodologia da escola e um pouco mais de autonomia para a Escola lidar melhor com alguns alunos que não têm um comportamento adequado para com a escola e sociedade.*
- *Gosto da escola sim, ponto positivo a proposta pedagógica é muito boa e a autonomia dos alunos, ponto negativo deveria ser obrigatório o uso do uniforme para identificar quem realmente estuda na escola para a segurança dos nossos filhos e de todos.*
- *Eu acho que a escola tem que ordem da criança todos usarem uniforme, se a escola tem uniforme para todos, eu acho isso muito sério.*
- *A escola é bem acolhedora só não fico satisfeito com as crianças que apronta provoca briga etc e parece que nada é feito para resolver esse problema tirando isso eu não tenho nada a reclamar.*
- *Acho que deveria ser dado as disciplinas de maneira normal, como em outras escolas. O ensino fica a desejar.*
- *O positivo é que tem muita opção de entretenimento, como dança, música, luta...*
- *Gosto muito da escola muito satisfeita.*
- *Excelente escola. Só tenho elogios.*
- *A escola é inclusiva e coletiva, com gestão participativa buscando as soluções a partir de um corpo técnico administrativo e professores que abraçam o aluno para uma formação humanística e socialmente inclusiva.*

- *O modelo educacional, é um dos pontos positivos, o ponto negativo se dá na falta de compreensão dos pais na proposta da escola.*
- *Gosto do sistema de ensino e do zelo com os alunos.*
- *Por enquanto vejo mais pontos positivos que negativos.*

Sobre as sugestões para a melhoria da escola:

- *Não posso opinar, pra mim são ótimos.*
 - *Tentar incentivar na área de conhecimento aqueles que têm dificuldades em prestar atenção, tem o aprendizado mais lento.*
-
- *Proibição de telefone celular e a escola tinha que exigir uniforme para os alunos, deveria ser obrigatório.*
 - *Olha eu tenho um filho autista e uma tdah. Nenhuma escola está preparada para a inclusão, mas essa foi uma das poucas que vi um pouco de esperança para as famílias atípicas deixarem seus filhos, ainda mais no fundamental, mas acredito que estão no caminho certo de diálogo com a comunidade, parceria família escola. Acolhimento aos estudantes. E trabalhar mais questões de preconceito e bullying que nesta fase é bastante difundido. Caminhar mais para artes, esportes e literatura...*
 - *Organização com os educadores.*
 - *Ainda acredito que o método de ensino tradicional, como nas outras escolas, é o mais confiável.*
 - *Manter a qualidade da escola em sala de aula, ensinar as crianças, a hora Cívica, melhorar o cardápio, ter integração com bombeiros, ensinar primeiros socorros são coisas importantes na vida de um cidadão.*
 - *Adoramos a escola.*
 - *Disciplina dos alunos.*
 - *Eu diria para a direção que não acho legal as crianças entrarem na escola sem uniforme e sapato fechado a prefeitura disponibiliza uniforme de graça porém o uso deveria ser obrigatório.*
 - *Manter os portões da escola fechado e a única coisa que eu não gosto.*
 - *Colocar mais informações na portaria Ex: fui em uma reunião do meu filho mas na portaria não estava ciente de nada passei o nome do responsável .Como na portaria eles não foram avisados me pediram pra eu ir na secretaria. Fui e a pessoa não estava. Mandou descer. A pessoa que ia fazer a reunião já tinha subido e na portaria não tinha nenhuma informação. Nesse dia estava muito cansada, tive um dia exaustivo e fiquei rodando a escola.*
 - *Por enquanto não tenho conhecimento o bastante para mudar. Mas o controle da portaria para não sair alunos.*
 - *A forma como ensinam.*

- *Formação continuada sobre inclusão de pessoa com deficiência (pcd) para toda a equipe.*
- *Nada.*
- *Exigir o uso do uniforme a todos os alunos pra ficar mais fácil a identificação.*
- *Dar um prêmio para todos os funcionários por eles serem tão excepcionais. Incentivar mais a leitura mesmo tendo que ser obrigatória, e ter sempre interações com os estudantes mostrando a eles a importância de um bom comportamento social tendo uma comunicação com um linguajar que se faça jus à língua portuguesa. Continuar com as visitas aos museus e a todas as atividades culturais e esportivas que levam o nome das escolas ao conhecimento de todos, levando assim que isso faça com que os pais, responsáveis e comunidade participem e valorizem mais a educação. Fazer projetos para trazer mais os pais e comunidade para a escola. A escola sozinha não vai dar conta de tantos problemas que nossa sociedade está passando. Obrigado por pedir nossa opinião. Parabéns a Prefeitura de Belo Horizonte e com isso parabéns a todos que contribuem para este trabalho que está sendo feito.*
- *Uso obrigatório do uniforme para identificar quem realmente estuda na escola para não infiltrar dentro da escola estudantes que não ingressam nela. Manter o portão da escola fechado e abrir somente nos horários de pico, acredito que fica muito exposto aberto o dia todo e fácil acesso a quem tiver má intenção de entrar para fazer alguma coisa com qualquer pessoa dentro da escola. A segurança de todos é um ponto muito importante.*
- *Usar uniforme todos os alunos deixa ninguém entrar sem ele. Isso é bom para a segurança da escola e dos alunos.*
- *Faria uma reunião com os pais e filhos desses meninos baderneiros que vivem dando problema na escola com frequência e juntos com o conselho tutelar para poder resolver.*
- *O uniforme deveria ser obrigatório.*
- *Nada a declarar.*
- *Nadinha.*
- *Como trata-se do primeiro ano do meu filho na Escola, particularmente tive uma boa experiência com a direção da escola e não tenho sugestões para mudança, mas seria muito interessante se houvesse Ensino Médio.*
- *Não sei se já tem, mas que instalassem câmeras de monitoramento na portaria.*
- *Oferecer palestras, parcerias para estudantes.*

5 ENCRUZILHADAS ENCANTADAS: reflexões e desafios de uma “escola outra”

O processo de desenvolvimento da pesquisa e a escrita da tese foram se “costurando” ao longo desses 15 meses de experiências na escola do Encantamento. A pergunta/problema da pesquisa era se de fato a escola conseguia ser uma “escola outra” no seu cotidiano para além do que estava escrito no Projeto Político Pedagógico e como o olhar das experiências de lazer poderia nos ajudar a entender o que se passava naquela escola.

Entendemos que um processo de produção convencional do conhecimento seria um caminho já pré estabelecido e delineado, onde o que se espera de um pesquisador é que ele vá até a escola para construir uma empiria, um mundo de uma forma representacional a partir de um arcabouço teórico. Este irá gerar categorias ou marcadores, onde ele irá organizar esse mundo a partir dessas categorias, produzindo uma síntese interpretativa, uma síntese analítica dessa empiria. Essa seria uma produção convencional do conhecimento. Entretanto, não foi exatamente isso que fizemos nesta tese.

Escolhemos construir ao longo do texto um conhecimento no qual consideramos não convencional no seguinte aspecto: optamos por um trabalho que escolhe que o mundo se diga por ele mesmo, ou seja, que a escola, os professores e os estudantes se digam por eles mesmos. Nesse sentido, enquanto pesquisadores, optamos por não tomar como função intelectual interpretar o que o outro diz, nem ser seu porta-voz. Propusemos nesta pesquisa trazer esse outro ser, a escola, os professores, estudantes por eles mesmos.

Retomamos aqui a citação de Larossa, no início da introdução: “se a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” o nosso movimento de pesquisa foi procurar, nesses 15 meses, o que se passava, o que acontecia, o que tocava os sujeitos viventes naquele cotidiano. Ao dizer sobre a sua experiência, cada pessoa trouxe em sua fala aquilo que lhe era mais importante, mais caro, o que mais lhe afetava. Os estudantes me falaram sobre o que os incomodava na escola e o que poderia ser melhorado. A direção e a coordenação me disseram sobre a experiência de pensar, formatar e tirar do papel um sonho de uma escola diferente que era possível realizar. Elas fizeram uma retrospectiva da criação e estruturação da escola e projetaram suas expectativas para o futuro. As mães me contaram das dificuldades de seus filhos com o aprendizado das disciplinas através do roteiro de estudos e ao mesmo tempo em como essa escola os ajudou a se tornarem seres humanos mais conscientes de suas responsabilidades.

A professora me relatou a dificuldade de se construir um roteiro de estudos com os outros colegas devido ao pouco tempo para essa realização, dificultando o desenvolvimento do trabalho em conjunto. Há uma dificuldade também de alguns colegas entenderem os objetivos do projeto pedagógico da escola e conseguirem trabalhar dentro desta proposta. A educadora de vivência me relatou da sua rica experiência enquanto estudante, em como essa escola proporcionou a ela, aulas de arte, de teatro, de dança, e como essas atividades a incentivaram a estudar dança na graduação. Os outros pais, através do google formulário me disseram como esta escola está preparada para a inclusão de crianças atípicas e como eles se sentem amparados e observam seus filhos felizes no desenvolvimento escolar.

Enquanto pesquisadora, acompanhar este cotidiano e ouvir os relatos foi um aprendizado para minha vida profissional. Conhecer uma escola que, na prática e não somente no discurso se propõe a pensar a sua estrutura, organizar tempos e espaços e realizar um currículo diferenciado com atividades que proporcionam aos seus estudantes as mais diversas experiências me levou ao reencantamento com a escola pública. Esta escola me ensinou que as relações que são construídas ao longo dos anos entre professores e estudantes são a base para a educação pelo afeto, no sentido de ser afetado, de se importar com a vida daquele estudante. A proximidade com os mesmos faz com que eles se sintam à vontade de expor as suas dificuldades com seus professores-tutores e os tornam parceiros na jornada de vida escolar.

Percebi, também, que alguns professores ainda não se sentem confortáveis nesse novo papel de tutor e gostariam de manter a função do professor tradicional do ensino de um conteúdo específico. Entretanto, a proposta da Escola do Encantamento pede ao professor que saia desse lugar do “dono do saber” e ocupe um lugar de tutoria no processo de escolarização do estudante. Não se trata de negligenciar o papel fundamental do professor de ensinar. Entretanto, estamos falando aqui de uma abertura para novos olhares e atitudes na educação.

Após ouvir atentamente os sujeitos que vivem essa experiência podemos dizer que apesar de todos os desafios, a escola do Encantamento é uma “escola outra”, na sua essência, no seu papel social, na formação humana dos seus estudantes. Desde a sua concepção ela se configura de forma a se diferenciar das outras escolas da rede municipal de Belo Horizonte, na sua estrutura física, organização, planejamento e práticas das atividades trazendo experiências inovadoras no cotidiano da escola, dentro de uma estrutura maior do currículo escolar que ainda se mantém colonialista, patriarcal, eurocêntrica, branca e racista. Viver o

cotidiano com as pessoas é possível quando ouvimos o que elas têm a dizer, o que elas estão fazendo, para que possamos aprender e nos transformar com a experiência.

As atividades realizadas no salão do conhecimento, na tutoria, na conexão dos saberes, nas vivências educativas, nas atividades autônomas, nas equipes de responsabilidade, nas assembleias, tornam os estudantes corresponsáveis pelo seu aprendizado. Ao entrarem no sexto ano, os estudantes se deparam com uma estrutura completamente diferente daquela que eles vivenciaram durante 5 anos de vida escolar. Começam a experimentar a liberdade e a aprender essa tal de autonomia que para muitos será um aprendizado fácil, mas para outros o caminho será de muitos percalços, pois aprenderam até ali que suas opiniões não eram válidas e que o professor era o único detentor do saber.

Os próximos 4 anos vividos na escola do Encantamento serão de desaprendizagem de um modelo educacional tradicional, para um aprendizado voltado para os saberes e ensinamentos para a vida, para além de um ensino focado no conteúdo estipulado pela BNCC. Os anos vão passando e a maturidade vai chegando com a idade. Os estudantes que entram no sexto ano não são os mesmos que saem no nono ano. Mas isso não acontece naturalmente com o passar dos anos, de todos os adolescentes, independente de onde estudam? Vocês poderiam perguntar. E a resposta, seria sim. Entretanto, o trabalho que essa escola faz colocando o estudante no centro das ações educativas dá a ele uma importância que poucas escolas conseguem. A responsabilidade pela própria existência se fortalece e ele entende que a vida é feita de escolhas e suas consequências. Nesse sentido, aprender a ter autonomia com responsabilidade, talvez seja o maior aprendizado que os estudantes levam da escola por todas as experiências vividas nos processos cotidianos.

Durante os quinze meses que convivemos com professores e estudantes, conhecemos a escola através das práticas desenvolvidas no seu cotidiano. Observamos os corpos dançando, lutando, jogando, brincando, se movimentando. Estávamos entendendo que o aprendizado se realizava através de experiências sensoriais com o corpo e no corpo. A proposta pedagógica da escola inseriu as experiências de lazer na estrutura central dos processos educativos através da dança, da música, das artes, em geral, ou seja, neste contexto, pensamos o lazer como a vida que acontece no cotidiano dessa escola, como uma experiência cultural. Compreendemos que o lazer estava sendo vivenciado enquanto experiências diversas e saberes compartilhados durante as atividades curriculares, o lazer para além da educação para e pelo, poderíamos dizer com e no lazer.

Na prática, vimos a educação menor acontecer todos os dias, através de um coletivo de professores e gestores com um único desejo de fazer a escola acontecer no seu sentido mais amplo. De sustentar uma organização de escola defendida há anos, por essas pessoas. De acreditar que a proposta da escola é o melhor caminho para a comunidade escolar. Essa escola ginga, joga, dá rasteira ao encontrar as frestas no sistema educacional colonial, branco, europeu racista. Cria seus próprios roteiros de estudos e trabalha as áreas de conhecimento de forma transversal, incluindo todos os conteúdos considerados imprescindíveis para aqueles estudantes especificamente. Como vimos nos relatos dos estudantes, o aprendizado da autonomia é o mais importante e eles irão levar para a vida toda, pois aprenderam a ser protagonistas da sua própria história. Aprenderam a escolher e dar a sua opinião. Aprenderam a ouvir os colegas.

No entanto, a autonomia, como a maturidade de se fazer escolhas para a própria vida só pode ser exercida com responsabilidade. Se faz necessária na escola a discussão da autoridade e autonomia. Alguns professores alegaram desrespeito por parte dos estudantes e sentem sem autoridade, ou seja, percebem que o estudante não obedece as regras da escola. Retomo aqui o ponto discutido anteriormente. A autoridade da escola e dos professores é legitimada uma vez que os pais transferem a autoridade que antes estava somente com eles no ceio familiar para a escola que agora irá dividir a responsabilidade da educação de seus filhos.

Neste sentido, se os pais tiverem a ideia de que a escola não serve para nada, que o estudo não tem importância, certamente, a relação que seu filho terá com a escola será de passatempo para que possa adquirir um diploma. Por outro lado, se os pais entenderem que a escola é um lugar de produção de conhecimento para a vida, é bem provável que a relação com a escola e com o professor seja de respeito e atenção.

Estamos vivendo em um tempo onde as crianças e adolescentes estão ganhando muito dinheiro com as redes sociais e está acontecendo um esvaziamento ainda maior do sentido da escola na formação humana e para a cidadania. É urgente uma retomada da discussão do papel da escola e do professor na sociedade.

Os desafios na Escola do Encantamento e nas escolas em geral ainda são muitos. Como uma das mães nos disse, ainda temos um ambiente de racismo e a educação anti racista precisa ser posta em pauta todos os dias. As brigas entre os colegas na hora do recreio, no salão do conhecimento ainda são frequentes, o barulho atrapalha a concentração das atividades no

salão. Entretanto, a inclusão dos estudantes PCD é inquestionável pelos pais. Evolução nos comportamentos, no aprendizado, nas relações. Um avanço na educação para um grupo ainda tão excluído das atividades escolares.

Nesse contexto me pergunto por que essa proposta pedagógica não foi implementada em outras escolas da rede municipal de Belo Horizonte? O que os gestores da secretaria de educação pensam a respeito? Na conversa com a direção a mesma nos disse que não gostaria que a escola do Encantamento fosse um modelo para ser implantado, mas que o movimento partisse das outras escolas querendo uma mudança e conhecendo a organização da escola. O movimento quando parte dos professores se torna mais forte e legítimo, como aconteceu enquanto estava lá, acompanhando as atividades. Uma outra escola municipal foi ao encontro da coordenação e professores para conhecer e ver as possibilidades de se fazer as mudanças necessárias naquela comunidade escolar. O desafio seria organizar as atividades para meio turno, no caso a escola funcionava num regime de 4h30 minutos. *“Dá para fazer! Quando queremos transformar, podemos começar devagar; introduz só a tutoria como dispositivo educativo e avalia. Depois vai colocando os outros ”*, dizia a diretora.

Outra possibilidade para a não expansão desse projeto político pedagógico inovador no ensino público foi dita por uma das mães por acreditar que essas práticas desenvolvidas pela escola do Encantamento transformam vidas e fazem com que os adolescentes sejam agentes críticos da sociedade, aprendendo a reivindicar seus direitos e isso seria uma ameaça para o sistema. E como será que estão esses estudantes egressos da escola? Onde estão estudando? Como estão inseridos na sociedade? São perguntas que poderão ser respondidas em futuras pesquisas.

Talvez o que estamos falando aqui seja óbvio para algumas pessoas ou uma utopia para outras. Entretanto, acreditamos que essa tese possa inspirar professores e professoras a crer que a transformação é possível. Mesmo dentro de uma forma escolar, de um sistema que nos oprime diariamente, há possibilidades de se pensar diferente e agir em direção às mudanças. A Escola do Encantamento com todos os desafios possíveis acredita na pedagogia do afeto que afeta, que dá sentido para aqueles estudantes de estarem ali. Independente das suas contradições, esta escola tem muito a nos ensinar. Muito trabalho com responsabilidade social. Sem romantismos.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubens. **A Escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. Papirus, 2004.
- ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 9. ed., rev. São Paulo: Perspectiva, 2022.
- ARROYO, Miguel G. O direito a tempos-espacos de junto e digno viver. *In*: MOLL, Jaqueline (Org). **Caminhos da educação integral no Brasil: direito a outros tempos e espaços educativos**. Porto Alegre: Penso, 2012. p. 33-45.
- BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n.11, p.89-117, maio-agosto 2013.
- BASE NACIONAL CURRICULAR COMUM (BNCC). Disponível em: /basenacionalcomum.mec.gov.br/
- BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. UBU editora/PISEAGRAMA, 2023.112 p.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996: dispõe sobre as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, 23 dez. 1996.
- BRASIL. **Lei nº. 10.172**, de 09 de janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110172.htm. Acesso em: 12 ago. 2024.
- BRASIL. **Lei nº 13.005/14**. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 26 jun. 2014.
- CAVALIERE, Ana Maria Vilela. **Educação integral: uma nova identidade para a escola brasileira?** 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302002008100013>. Acesso em: 05 ago. 2024.
- CONCEIÇÃO, Vagner Pereira da. **Lazer, dança e educação física escolar**. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/36143> Acesso em: 20 dez. 2021.
- DAYRELL, Juarez. A escola como um espaço sócio-cultural. *In*: DAYRELL, Juarez (Org.). **Múltiplos olhares sobre a educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 64. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.
- GALLO, Sílvia Donizetti de Oliveira; MONTEIRO, Alexandrina. Educação menor como dispositivo potencializador de uma escola outra. **Rematec: Revista de Matemática, Ensino e**

Cultura, Ano 15, n.33, p.185-200, 2020. Disponível em: <https://www.rematec.net.br/index.php/rematec/article/view/147/144>

GUIMARÃES, Keila Roberta Cavalheiro; SOUZA, Maria de Fátima Matos de. Educação integral em tempo integral no Brasil: algumas lições do passado refletidas no presente. **Revista Exitus**, Santarém/PA, v.8, n.3, p.143-169, set/dez., 2018. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/exitus/v8n3/2237-9460-exitus-8-3-143.pdf>

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.**, v.19, abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?lang=pt#>

LOBÃO, J. S. B., OLIVEIRA, A. I. L.; OLIVEIRA JUNIOR, I. (eds.). **Cartografia social: (re)descobrir saberes** [online]. Feira de Santana: UEFS Editora, 2022. 500 p. ISBN: 978-65-89524-04-5. <https://doi.org/10.7476/9786589524953>.

MAGOGA, Patrícia Melo; MURARO, Darcísio Natal. A escola pública e a sociedade democrática: a contribuição de Anísio Teixeira. **Educ. Soc.**, Campinas, v.41, e236819, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/rcQJJyJVLm8p5g38JsKJ9Yf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 ago. 2024.

MALTA, Mariana Soares Ferraz. **O lazer, os jovens e a escola: territórios, acontecimentos e conhecimentos no cotidiano de uma escola pública, de ensino fundamental, no município de Belo Horizonte**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional- UFMG. 2015.

MATERIAL DIDÁTICO. 2019. Disponível em: <https://www.escoladaponte.pt/wp-content/uploads/2021/04/Dispositivos-Pedag%C3%B3gicos.pdf>

MUYLAERT, C. J.; SARUBBI Jr, V.; GALLO, P.R; NETO, M.L; REIS, A.O. Entrevistas narrativas: um recurso importante na investigação qualitativa. **Rev Esc Enferm USP**, v.48, (Esp2), p.193-199, 2014. www.ee.usp.br/reeusp. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/NyXVhmXbg96xZNPWt9vQYct/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 10 jan. 2022.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓCIA da., L. **Pistas do método da cartografia: pesquisa – intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2020.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓCIA da., L. **Pistas do método da cartografia: pesquisa – intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2020.

PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães. Lazer e educação: desafios da atualidade. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). **Lazer e sociedade: múltiplas relações**. Campinas: Alínea, 2008.

PROPOSTA PEDAGÓGICA. **Proposta político pedagógica**. Disponível em: <https://empoeintblog.wordpress.com/wp-content/uploads/2018/01/proposta-pedagogica.pdf> 2017.

SILVA, Marcília de Sousa. **A implementação dos programas de contraturno escolar e as representações de lazer e esporte**. Orientador: Hélder Ferreira Isayama. 2017. 168 f. Tese (Doutorado) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SILVA, Leandro Veloso. **Cartografia de espaços e territórios de lazer na escola**: mapeando os acontecimentos de inflexões de aprendizagens no brincar de crianças. 2020. Tese (Doutorado) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

SILVA, Calos Manique; RIBEIRO, Cláudia Pinto. A apropriação do espaço escolar pelo projeto pedagógico: o caso da Escola da Ponte (Portugal). **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v.44, e 183443, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/JBHqXxZ7LPbTqHfQxBRmFFK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 fev. 2023.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves; BERNARDES, Nara Maria Guazelli. Roda de Conversas - Excelência acadêmica é a diversidade. Educação, Porto Alegre, ano XXX, n. 1 (61), p. 53-92, jan./abr. 2007.

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato. A ciência encantada das macumbas**. Rio de Janeiro: Mórula Editora, 2019.

TAILLE, Yve de La. Autoridade na escola. In: AQUINO, J.G. (Org.). **Autoridade e autonomia na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1999.

TAVARES, Marie Luce **Entre o dito, o não dito e o que se expressa**: juventudes, experiências e o currículo-lazer na escola. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional- UFMG. 2020.

VINCENT, G.; LAHIRE, B.; THIN, D. Sobre a história e teoria da forma escolar. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n.33, p.7-48, jun. 2001.

WALSH, C., OLIVEIRA, L. F., & CANDAU, V. M. (2018). Colonialidade e pedagogia decolonial: para pensar uma educação outra. **Arquivos Analíticos de Políticas educativas**, v.26, n.83. Disponível em: <http://epaa.asu.edu/ojs/> Acesso em: 02 jan. 2022.

WARSCHAUER, Cecília. **Rodas em rede**: oportunidades formativas na escola e fora dela. 2000. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. Acesso em: 10 jan. 2025.

APÊNDICES

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

Título da Pesquisa: **LAZER E ESCOLA: RELAÇÕES, SABERES E PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO NO COTIDIANO DE UMA ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL NO MUNICÍPIO DE BELO HORIZONTE.**

Pesquisador Responsável: José Alfredo Oliveira Debortoli

E-mail: dbortoli@eefito.ufmg.br Tel: 31 991861889

Pesquisadora Co-responsável: Mariana Soares Ferraz Malta

E-mail: marimalta2013@gmail.com

Tel:31997239485

Você está sendo convidado a participar da pesquisa: **LAZER E ESCOLA: RELAÇÕES, SABERES E PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO NO COTIDIANO DE UMA ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL NO MUNICÍPIO DE BELO HORIZONTE**, que pretende compreender em que medida a Escola do Encantamento se expressa como possibilidade de uma pedagogia outra no seu cotidiano escolar, e quais as contribuições que o olhar do lazer pode nos trazer para essa compreensão. Para além disso, a pesquisa busca conhecer as outras aprendizagens que acontecem com e entre os estudantes; bem como contextualizar os sentidos dados ao lazer pelos mesmos.

O tempo médio previsto para realização da investigação é de 12 (doze) meses. Nesse período serão realizadas observações, registros de imagens, filmagens e entrevistas individuais (formais e/ou informais; presenciais e/ou on-line) que serão registradas por escrito e/ou gravadas em áudio, e depois, transcritas, sendo as mesmas armazenadas na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG pelo período mínimo de 5 anos, aos cuidados das pesquisadoras. As entrevistas serão realizadas pessoalmente pelos pesquisadores que irão ao encontro dos entrevistados no local de realização da pesquisa. É previsto que a duração das entrevistas compreenda um período entre 10 e 30 minutos. Apenas os pesquisadores terão acesso aos registros das entrevistas e observações. Os nomes das participantes e de outras pessoas que possam vir a ser citadas serão retirados de todos os registros e substituídos por outros fictícios. Assim, a sua participação será confidencial. Se você não quiser e caso se sinta constrangido em participar do estudo, como, por exemplo, se sinta incomodado, com medo de ser exposto, cansado, entre outras coisas, o que é um risco de quem participa da pesquisa, você poderá se recusar a participar da entrevista ou mesmo interrompê-la a qualquer momento.

Você também poderá se desligar da pesquisa a qualquer momento. A fim de evitar os riscos de constrangimento, ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos seu nome a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos conceder.

Os resultados da pesquisa serão publicados, mas sem identificar o seu nome ou de qualquer outro participante

Rubrica do participante Rubrica da pesquisadora

Esclarecemos que a participação na pesquisa não prevê nenhum tipo de remuneração ou ressarcimento. Informamos, ainda, se houver algum dano provocado pela participação na presente pesquisa, você terá direito a solicitar indenização, através das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406/2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510/2016, Artigo 19), mas está garantida a assistência integral, imediata e pelo tempo que for necessário para danos decorrentes de sua participação. Esclarecemos que esse Termo que você está assinando significa que concorda em fazer parte do grupo de estudantes que serão entrevistados e observados. Este documento seguirá em duas vias, com espaço destinado para rubricas. Uma delas ficará com você e a outra será arquivada junto com os dados das observações e entrevistas na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG pelo período de 5 anos, conforme Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar ou ao pesquisador José Alfredo Oliveira Debortoli. Nossos telefones são, respectivamente: (0xx31) 991861889 ou (0xx31)997239485. Você também poderá nos procurar no Departamento de Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG que está localizada na Avenida Presidente Antônio Carlos, 6627 – Campus Pampulha, Belo Horizonte, MG – CEP: 31270-901. Ou ainda, em caso de querer ter acesso a como a pesquisa é avaliada no que diz respeito à ética, você poderá contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG, conforme os dados a seguir: Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da Universidade Federal de Minas Gerais pelo telefone (31) 3409 – 4592; pelo endereço: Avenida Antônio Carlos, 6627 – Unidade Administrativa II – 2º andar, sala 2005 – Campus Pampulha, Belo Horizonte, MG – CEP: 31270 – 901; ou pelo e-mail: coep@prpq.ufmg.br. Caso esteja de acordo com os termos deste consentimento, por favor, assine abaixo.

Desde já, agradecemos a sua colaboração.

Participante:

Eu,

Li e compreendi as informações fornecidas e recebi respostas para qualquer questão que coloquei sobre a pesquisa. E, por estar de acordo com as condições do estudo, como descritas, me disponibilizo a participar da investigação.

_____, de _____ de _____

Assinatura do participante:

Rubrica do participante Rubrica da pesquisadora

Pesquisadores: Nós garantimos que este termo de consentimento será seguido e que responderemos a quaisquer questões que o participante colocar, da melhor maneira possível.

_____, _____ de _____ de _____

José Alfredo Oliveira Debortoli

Pesquisador Responsável

Mariana Soares Ferraz Malta

Pesquisadora Co-Responsável

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE (12 a 14 anos)

Título da Pesquisa: LAZER E ESCOLA: RELAÇÕES, SABERES E PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO NO COTIDIANO DE UMA ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL NO MUNICÍPIO DE BELO HORIZONTE.

Pesquisador Responsável: José Alfredo Oliveira Debortoli

E-mail: dbortoli@eefcto.ufmg.br

Tel: 31 991861889

Pesquisadora Co-responsável: Mariana Soares Ferraz Malta

E-mail: marimalta2013@gmail.com

Tel: 31 997239485

Você está sendo convidado a participar da pesquisa: LAZER E ESCOLA: RELAÇÕES, SABERES E PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO NO COTIDIANO DE UMA ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL NO MUNICÍPIO DE BELO HORIZONTE, que pretende compreender em que medida a Escola do Encantamento se expressa como possibilidade de uma pedagogia outra no seu cotidiano escolar, e quais as contribuições que o olhar do lazer pode nos trazer para essa compreensão. Para além disso, a pesquisa busca conhecer as outras aprendizagens que acontecem com e entre os estudantes; bem como contextualizar os sentidos dados ao lazer pelos mesmos. Em outras palavras, você está sendo convidado a me contar como você vive o dia a dia na sua escola, sua rotina, o que você faz no período que você está na escola. Pretendo ficar na sua escola por um período de 12 (doze) meses para conhecer melhor a sua realidade. Para isso vou observar, registrar com fotografias, filmagens e conversar com você através de uma entrevista individual, de forma mais formal ou uma conversa informal. Essas conversas poderão ser presenciais, aqui na escola ou on-line, também. As conversas serão registradas por escrito e/ou gravadas em áudio, e depois, transcritas, sendo as mesmas armazenadas na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG pelo período mínimo de 5 anos, aos cuidados dos pesquisadores. Ou seja, tudo que conversarmos aqui será utilizado apenas para a pesquisa. As observações na escola serão realizadas pessoalmente pelos pesquisadores durante o horário de funcionamento da escola. É previsto que a duração total do período de observação seja de 12 meses. As entrevistas serão realizadas pessoalmente pelos pesquisadores que irão ao encontro dos entrevistados no local de realização da pesquisa. Devido ao contexto pandêmico, vamos realizar também entrevistas de forma on-line, que serão feitas por meio do melhor aplicativo de reuniões para ambas as partes (participante da pesquisa e pesquisadora). É previsto que a duração das entrevistas compreenda um período entre 40 e 60 minutos. Apenas os pesquisadores terão acesso aos registros das entrevistas e observações. Os nomes das participantes e de outras pessoas que possam vir a ser citadas serão retirados de todos os registros e substituídos por outros fictícios. Assim, a sua participação será confidencial. Se você não quiser e caso se sinta constrangido em participar do estudo, como, por exemplo, se sinta incomodado, com medo de ser exposto, cansado, entre outras coisas, o que é um risco de quem participa da pesquisa, você poderá se recusar a participar da entrevista ou mesmo interrompê-la a qualquer momento.

Você também poderá se desligar da pesquisa a qualquer momento. A fim de evitar os riscos de constrangimento, ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos seu nome a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos conceder. Os resultados da pesquisa serão publicados, mas sem identificar o seu nome ou de qualquer outro participante.

 Rubrica do participante

 Rubrica da pesquisadora

Esclarecemos que a participação na pesquisa não prevê nenhum tipo de remuneração ou ressarcimento. Informamos, ainda, se houver algum dano provocado pela participação na presente pesquisa, você terá direito a solicitar indenização, através das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406/2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510/2016, Artigo 19), mas está garantida a assistência integral, imediata e pelo tempo que for necessário para danos decorrentes de sua participação. Esclarecemos que esse Termo que você está assinando significa que concorda em fazer parte do grupo de estudantes que serão entrevistados e observados. Este documento seguirá em duas vias, com espaço destinado para rubricas. Uma delas ficará com você e a outra será arquivada junto com os dados das observações e entrevistas na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG pelo período de 5 anos, conforme Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar ou ao pesquisador José Alfredo Oliveira Debortoli. Nossos telefones são, respectivamente: (0xx31) 991861889 ou (0xx31)997239485. Você também poderá nos procurar no Departamento de Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG que está localizada na Avenida Presidente Antônio Carlos, 6627 – Campus Pampulha, Belo Horizonte, MG – CEP: 31270-901. Ou ainda, em caso de querer ter acesso a como a pesquisa é avaliada no que diz respeito à ética, você poderá contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG, conforme os dados a seguir: Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da Universidade Federal de Minas Gerais pelo telefone (31) 3409 – 4592; pelo endereço: Avenida Antônio Carlos, 6627 – Unidade Administrativa II – 2º andar, sala 2005 – Campus Pampulha, Belo Horizonte, MG – CEP: 31270 – 901; ou pelo e-mail: coep@prpq.ufmg.br.

Caso esteja de acordo com os termos deste consentimento, por favor, assine abaixo. Desde já, agradecemos a sua colaboração.

Participante:

Eu,

Li e compreendi as informações fornecidas e recebi respostas para qualquer questão que coloquei sobre a pesquisa. E, por estar de acordo com as condições do estudo, como descritas, me disponibilizo a participar da investigação.

_____, de _____ de _____
 Assinatura do participante:

 Rubrica do participante

 Rubrica da pesquisadora

Pesquisadores:

Nós garantimos que este termo de consentimento será seguido e que responderemos a quaisquer questões que o participante colocar, da melhor maneira possível.

_____, _____ de _____ de _____
 José Alfredo Oliveira Debortoli Pesquisador Responsável
 Mariana Soares Ferraz Malta Pesquisadora Co-Responsável

TERMO DE ANUÊNCIA

A Doutoranda Mariana Soares Ferraz Malta estabeleceu contatos com a [REDACTED], vice-diretora da Escola [REDACTED] da rede municipal de educação de Belo Horizonte, convidando esta instituição para participar da pesquisa vinculada ao curso de Doutorado em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais intitulada **LAZER E ESCOLA: RELAÇÕES, SABERES E PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO NO COTIDIANO DE UMA ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL NO MUNICÍPIO DE BELO HORIZONTE.**

A pesquisa tem por objetivo compreender em que medida a Escola [REDACTED] ao fazer um movimento de construção pedagógica inovadora baseada na pedagogia da Escola da Ponte, se expressa como possibilidade de uma “pedagogia outra” no seu cotidiano escolar, e quais as contribuições que o olhar do lazer pode nos trazer para essa compreensão. Para além disso, busco conhecer as aprendizagens outras que acontecem com e entre os estudantes; bem como contextualizar os sentidos dados ao lazer pelos mesmos.

Declaramos, então, que estamos cientes da realização, de forma voluntária, de observações das relações que se estabelecem no cotidiano da Escola. Autorizamos a aplicação de entrevistas semiestruturadas com os estudantes, professores, funcionários e comunidade escolar, que apresentarem disponibilidade e interesse em contribuir com o estudo. As entrevistas serão gravadas, transcritas e analisadas como forma de informação para fins desse estudo. Serão garantidos o anonimato e o sigilo absoluto no tratamento das informações que serão disponibilizadas para os envolvidos nessa pesquisa.

Os participantes da pesquisa não terão suas identidades reveladas. A coleta de dados se iniciará após a aprovação do Comitê de Ética da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Todas as despesas relacionadas com este estudo serão de responsabilidades da doutoranda e não haverá qualquer forma de remuneração financeira para os participantes ou

1 No estudo optaremos por usar um nome fictício para a escola, por entender que este é um estudo de caso, porém com resultados que poderão ser utilizados por outras instituições para fins de novas pesquisas.

para a instituição. Os voluntários deste estudo estarão livres para se recusarem a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização ou prejuízo quaisquer.

Temos conhecimento da realização da pesquisa proposta pela doutoranda e coordenada pelo Prof. Doutor José Alfredo Oliveira Debortoli. Sabemos também que estes pesquisadores podem ser constatados através dos telefones (31) 997239485 e (31) 91861889 ou pelos e-mails marianamalta@edu.pbh.gov.br/marimalta2013@gmail.com e dbortoli@eeffto.ufmg.br.

Declaramos ciência de que nossa instituição é coparticipante do presente projeto de pesquisa, e requeremos o compromisso dos pesquisadores com o resguardo da segurança e bem-estar dos participantes de pesquisa nela recrutados. Autorizamos a citação do nome da instituição nos títulos e textos das futuras publicações dos resultados do estudo.

Belo Horizonte, 14 de fevereiro de 2022


Vice-diretora da Escola 
